



# *militia*

ANO IV  
JULHO/AGOSTO

N.º 23  
— 1951



*“BANDEIRANTES, POR VÓS, NESTA JAZIDA,  
VELAM AS PEDRAS QUE ESTA MORTE É VIDA.”*

# SUMÁRIO

NOSSA CAPA — Mausoléu aos heróis de 1932, em Campinas .....	98
<b>EDITORIAIS —</b>	
9 de Julho — .....	5
Propaganda eleitoral — .....	6
Carta para Você, prezado representante .....	7
<b>DIVERSOS</b>	
Polícias Fardadas — major Luiz de Siqueira .....	8
Coisas da Fôrça Pública — cel. Anchjeta Torres .....	12
Código de Honra — ten. Miguel M. Sendin .....	16
Filosofia e Medicina — Cleuza Ferreira Veloso .....	18
Aperitivos — 1.º ten. dr. Nacib M. Matuck .....	24
Causas que influíram na derrota da Alemanha — Marechal Goering ..	26
Cultura e Arte — Laura Della Monica .....	28
Bilhetes a um Aspirante — ten. cel. Augusto C. Muniz Aragão ....	32
Distúrbios Populares — cap. Cálío C. Montes .....	34
Sétima Arte — Ortiz Monteiro .....	38
O cavalo de sela — ten. Felix B. Morgado .....	40
“Farrapos” — 1.º ten. Monte Serrat Filho .....	43
<b>NOTICIÁRIO</b>	
Federalização das Polícias Militares .....	44
Cinqüentenário do 8.º B.C. ....	50
Formação de Bombeiro-Auxiliar .....	66
Visita a Fôrça Pública o embaixador Martini, da Itália .....	68
O Dia do Soldado no 2.º Esq. Rec. Mec. ....	70
O Ministro da Viação em visita oficial a S. Paulo .....	72
Nossos representantes .....	78
Conferencia do prof. Joseph G. Thulin .....	80
No Clube XV, de Santos .....	83
Campeonato de basquete e voleibol da Fôrça Pública .....	84
Melhorando sempre — Curso de ataque e defesa no DOPS .....	90
A Fôrça Pública na “Corrida da Fogueira” .....	92
Recepção a entidades hípicas no R.C. ....	94
<b>NOTÍCIAS DAS CO-IRMAS</b>	
Paraná .....	73
Rio Grande do Sul .....	73
Rio de Janeiro .....	75
Sergipe .....	76
<b>LEGISLAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E JURISPRUDÊNCIA — cap. J. Arimathea</b> do Nascimento .....	96

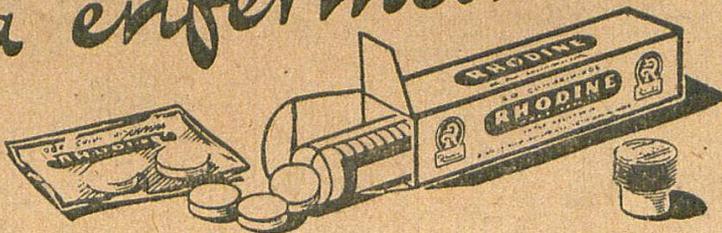


DÔR - GRIPE - RESFRIADOS

**RHODINE**

CAFEINADA

*A boa enfermeira*



PANAM — Casa de Amigos

# Banco do Estado de S. Paulo S. A.

---

CAPITAL REALIZADO: CR\$ 100.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS —  
CAMBIO — COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS —  
TÍTULOS — COFRES DE ALUGUEL



M A T R I Z :

PRAÇA ANTONIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA



53 AGENCIAS NO INTERIOR DO ESTADO; UMA NO RIO DE  
JANEIRO E OUTRA EM CAMPO GRANDE (Estado de Mato Grosso)

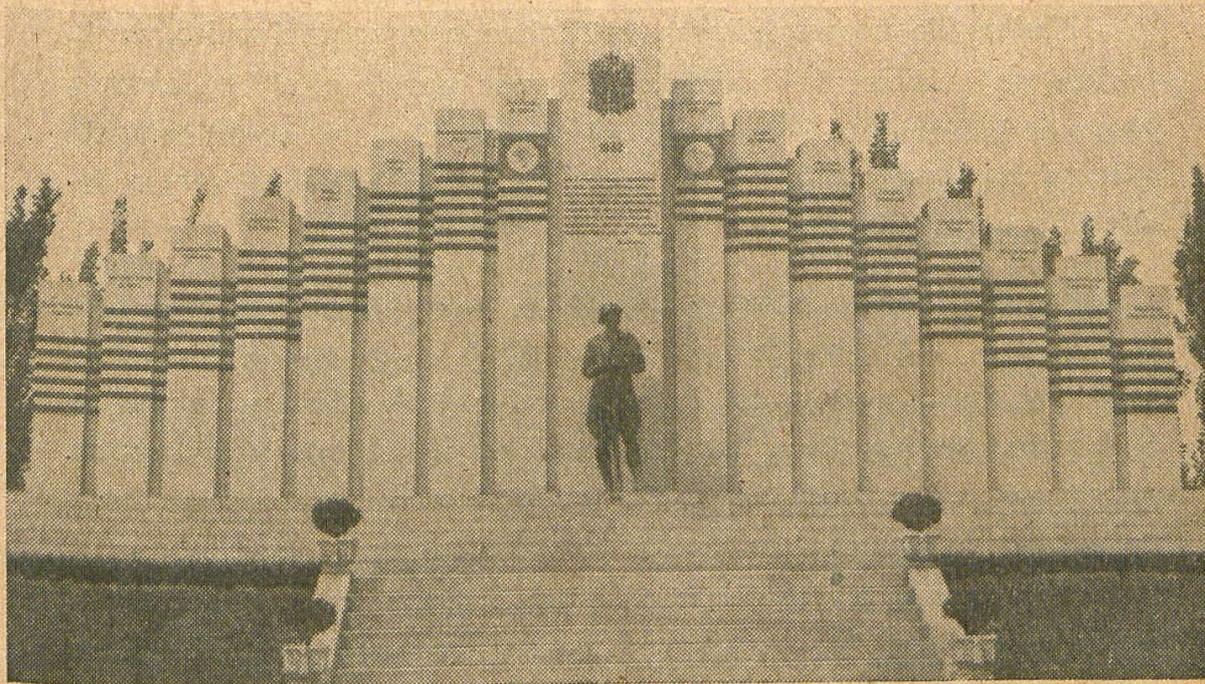


AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES  
RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

9 de JULHO

*“Não é túmulo, é berço, é sementeira  
de ideal, baliza do futuro, pista,  
rastros de heróis na terra campineira,  
sôbre eles, côr a côr, lista por lista,  
Eternizou seu vôo, essa bandeira,  
Petrificou-se o pavilhão paulista.  
Bandeirantes, por vós, nesta jazida,  
velam as pedras que esta morte é vida”.*

GUILHERME DE ALMEIDA.



Campinas — Monumento aos heróis de 32

Oprime-se o corpo humano. Esmaga-se. Destrói-se. Física-mente, corrido o tempo, transforma-se em pó “Memento homo quia pulvis es et in pulverem, reverteris». Mas no homem há uma fôrça incoercível, imponderável, penetrante. É o fulcro do seu ser. É a chama viva. É a vibração potente. Seu nome, espírito. Corpo e espírito constituem a pessoa. Aquêlê se dissolve no mundo das cousas. Êste permanece vivaz no plano espiritual. Um descreve sua parábola

no tempo-espaco e finda-se. Outro se perpetua no mar infinito do tempo objetivado. No universo dos valores o corpo tem cotação passageira; o espirito, perene apreço. As obras, bafejadas pelo sopro, espiritual, se eternizam. Daí, ser a linguagem poética, rítmica e sugestiva, a forma ideal para consagrá-la. A poesia fala aos sentimentos. Comove e arrebatá. Porém, diz também à razão. Perquire e filosofa. Portanto, no monumento da gratidão dos vivos, gravam-se os versos exaltantes do idealismo dos mortos, perpetuando-se, assim, na arte, o épico movimento de 1932.

## Propaganda eleitoral

Muitos de nossos leitores, estranhando o aparecimento, nesta revista, de anúncios de candidatos à vereança da capital bandeirante, têm nos inquerido a respeito do abandono da linha apolítica desta publicação, que, em suas opiniões, teria se tornado real, com a inserção daqueles anúncios.

Fiquem tranqüilos não só os nossos inqueridores como também aqueles que, por falta de oportunidade ou qualquer outro motivo, não se tenham maifestado sôbre o assunto. A linha apolítica de MILITIA não foi quebrada. As inserções a que nos referimos dizem respeito à propaganda paga, uma das mais importantes fontes de receita de qualquer órgão de imprensa. Além disso, pudemos impor condições: no texto não constaria o nome do partido político a que estava ligado o candidato anunciante, nem seriam insertos anúncios de candidatos de uma única grei partidária. Esta pluralidade, por si só, evidencia que não temos preferência nem fazemos restrições a qualquer partido legalmente constituído.

Assim aginmos também porque tais candidatos se acham ao abrigo das garantias legais e disposições que regem a propaganda eleitoral e ainda porque se trata de cidadãos pertencentes aos quadros duma polícia militar, os quais, se eleitos, melhor do que quaisquer outros, estarão em condições de defender, aqui ou alhures, os legítimos interesses da classe e do ideal policial-militar.

# Carta para Você, prezado representante

*Com os números que Você tem recebido, deve ter notado o nosso esforço em tornar a revista cada vez mais atraente, seja com colaborações de real interesse, seja com noticiário sobre fatos que dizem respeito à nossa vida comum.*

*Temos sempre apelado para os ilustres camaradas que nos representam nos Estados e Territórios, no sentido de nos enviarem trabalhos sobre os seus problemas regionais, bem como acontecimentos na vida dos quartéis, dos destacamentos, os quais, publicados com fotografias, viriam completar a nossa satisfação.*

*No entanto, MILITIA se ressentia desse carinho da maior parte (salvo as dedicadas exceções) de nossos representantes, pois temos lutado com uma falta muito grande de noticiário das polícias-militares, de fotografias dos seus quartéis, desfiles, festas, inaugurações, dos seus oficiais, das turmas que concluem cursos, etc., enfim uma série de acontecimentos que viriam proporcionar a difusão deles em todos os quadrantes da Pátria, porque a revista circula em todo o Brasil.*

*Por isso, aqui fica mais um apêlo. Mande-nos o que Você julgar interessante. Si for colaboração sobre qualquer assunto, sua ou de outro camarada, observe o critério adotado pela nossa direção, cujo crivo não admite as de tendências político-partidárias nem tão pouco religioso-sectárias. E si for noticiário, descreva-o sem grandes preocupações, com a vontade própria de quem conta um caso. Aceitaremos, tudo de bom grado, e aqui, na redação, com a experiência e as exigências da paginação, colocaremos a reportagem da maneira mais simpática possível.*

*Então, mãos à obra, caro representante, trabalhe para a divulgação da vida de sua P.M., e nos satisfaremos a nós próprios pela alta missão em contribuir pelo progresso cultural da terra brasileira.*

*Aqui fica o nosso fraternal abraço e todo o agradecimento de*

# POLÍCIAS FARDADAS

*Major Luiz de Siqueira*

da P.M. do Distrito Federal

(À margem da projetada reorganização do D.F.S.P.)

Nêstes últimos dias vêm os jornais divulgando uma série de comentários acêrca da reforma que se pretende fazer no D.F.S.P., reforma essa que terá por objetivo, segundo consta, unificar as diversas polícias fardadas, de modo a enfeixar nas mãos do Chefe de Polícia a totalidade dêsses elementos para melhormente empregá-la no policiamento da capital da República.

Magnífica idéia essa de aproveitar judiciosamente tôdas as corporações policiais do Rio, dando-lhes missão de manter efetivamente a ordem nesta tão despolicada cidade. Até mesmo a Polícia Municipal, embora de jurisdição prefeitoral, poderia ser empregada nessa nobre incumbência, de forma mais eficiente, mediante entendimento entre o Chefe de Polícia e o Prefeito. Antes de tudo, porém, torna-se forçoso, imprescindível, um plano de instrução técnico-profissional, uniforme para tôdas as polícias ostensivas, de maneira a estabelecer unidade de doutrina e de ação em tôdas elas.

Numa reestruturação do organismo policial, quatro são os pontos principais a considerar: 1.º) recrutamento; 2.º) instrução; 3.º) remuneração; 4.º) efetivos.

No que tange à melhor remuneração, fator que, evidentemente, é questão pacífica há mais de meio século, não precisamos encarar a sua prioridade, por isso que todo mundo civilizado sabe que não pode haver boa polícia sem vencimentos que a coloquem a cavaleiro de necessidade e aperturas econômicas, porta larga para as tentações do subôrno e da propina. Considerando, porém, o precário estado das finanças públicas, vamos preliminarmente, desde já, cuidar de reajustar o pessoal em relação ao serviço, de vez que a nação, depauperada como está, precisa, agora mais do que nunca, do sacrifício e da abnegação de seus filhos.

O plano de instrução a que acima aludi e que para as polícias militares é preceituado pela Constituição (Art. 5.º — XV — f), deveria comportar todos os assuntos que o policial deve saber, como por exemplo: educação moral e cívica, educação física (especialmente a categoria de ataque e defesa), instrução geral (deveres, direitos, etc.), tiro de armas portáteis (especialmente de arma curta), lançamento de granadas, ordem unida, combates de rua e, finalmente, instrução profissional própria.

mente dita, compreendendo: polícia de rua, polícia de veículos, polícia de costumes e diversões e noções de polícia técnica. Além dessas matérias fundamentais, ministradas com o firme propósito de criar no homem da polícia uma mentalidade urbana, educadora, antes preventiva que repressiva, devemos dar-lhe conhecimento de: posturas municipais, defesa de matas e jardins, caça e pesca (proibições, permissões), socorros de urgência, leis que defendem a economia popular e defesa passiva da cidade.

Sabemos, por experiência de muitos lustros, que a tarefa do policial é árdua e ingrata, notadamente para aqueles que, a despeito de sua base intelectual, não vislumbram um futuro promissor na sua carreira. Daí a necessidade de se lhes despertar o estímulo e a emulação, estabelecendo, como pedra angular da porvindoura lei de reorganização do D.F.S.P., a polícia de carreira, de tal sorte que o simples guarda, soldado ou investigador, pudesse, pela sua conduta, pelo estudo e dedicação ao serviço, alcançar as mais altas posições da hierarquia funcional, sem favor e sem pisto-lão, como acontece nas mais adiantadas polícias do mundo. De fato, não se pode, de um momento para outro, improvisar um bacharel bisonho, por mui brilhantemente que tenha feito o curso jurídico, em autoridade policial. Que me perdoem os bacharéis, mas eu pergunto: será que os inspetores da famosa SCOTLAND YARD, do F.B.I. e da SURÉTÉE são, obrigatoriamente, formados em direito?

Outro ponto interessante a estudar é a questão relativa ao recrutamento dos homens destinados à carreira inicial de polícia. Como é do conhecimento dos estudiosos do assunto, as melhores po-

líCIAS da Europa e da América, baseiam a sua estrutura na organização e na disciplina militar. Veja-se, por exemplo, a polícia americana, a canadense com a sua célebre Polícia Montada, a Gendarmérie Francêsa, os Carabineiros italianos e chilenos, a Guarda Civil de Espanha, a Guarda Republicana portuguêsã, a velha Schulze Polizei alemã e outras. Assim, para o ingresso no D.F.S.P., o cidadão começaria pela Polícia Militar, devendo, antes, ser submetido à rigorosa inspeção de saúde e exame físico, ter no mínimo instrução primária completa, passar em exame psicotécnico, apresentar atestado de bons antecedentes, além de outras exigências, como estatura, nunca inferior a 1,70m. Admitido na escola de recrutas da P.M., aí faria um período de instrução de quatro meses, durante o qual seria criteriosamente observado, por meio de testes orais, escritos e vocacionais. Caso obtivesse o conceito "bom" nos exames finais, seria definitivamente incluído e considerado "pronto" para exercer as funções de soldado de polícia militar, cujo compromisso passaria a ser de dois anos.

Todo aquêlê que concluísse êsse tempo com bôa conduta e apreciável rendimento no "metier" policial, teria o seu aproveitamento garantido para preencher as vagas na Guarda Civil, Inspe-toria de Trânsito e Corpo de Investigadores, assim como se lhe daria preferên-cia para as demais atividades não espe-cializadas da polícia Civil.

A Polícia Militar seria o crivo por onde passariam compulsoriamente os fu-turos elementos do D.F.S.P.

Dêsse amálgama, de formação ho-mogênea e racional, a Escola de Polícia se encarregaria de preparar o detetive, o identificador, o perito e o comissário.

Pela nova regulamentação do D.F.S.P., todo policial, civil ou militar, de folga ou de serviço, deveria ser obrigado, sob pena de punição, a intervir em tôda e qualquer ocorrência de ordem pública, inclusive nas de tráfego e de economia popular.

Outra nova medida interessante seria o restabelecimento, na Polícia Civil e Militar, de um corpo de intérpretes, como outróra existia, necessidade que se impõe nesta cosmopolita cidade.

Semelhante modificação da estrutura do D.F.S.P., não implicaria em maiores despesas, de vez que o pessoal é êsse mesmo que aí está, aumentado, naturalmente, com o alistamento de grande número de candidatos à Polícia Militar, que já tem no orçamento a competente dotação para cobrir seus enormes claros.

Depende, apenas, de alterar a lei que rege a Polícia Civil, dando ao Chefe do D.F.S.P. poderes mais amplos, mais definidos, e, aos delegados, atribuições idênticas às de juiz de instrução, limitando a sua competência aos julgamentos das contravenções e dos crimes contra a economia popular, o que, como é óbvio, importaria em modificar o Código de Processo Penal.

A massa amorfa constituída por essa colcha de retalhos de tantas e diversas polícias, seria reeducada sob outros moldes, despertada para uma nova concepção de vida funcional, em que sobresaisse o amor à nobre e elevada missão social da polícia. Aquêlê que não mais se pudesse adaptar a tal ambiente seria afastado, respeitando-se, porém, direitos adquiridos.

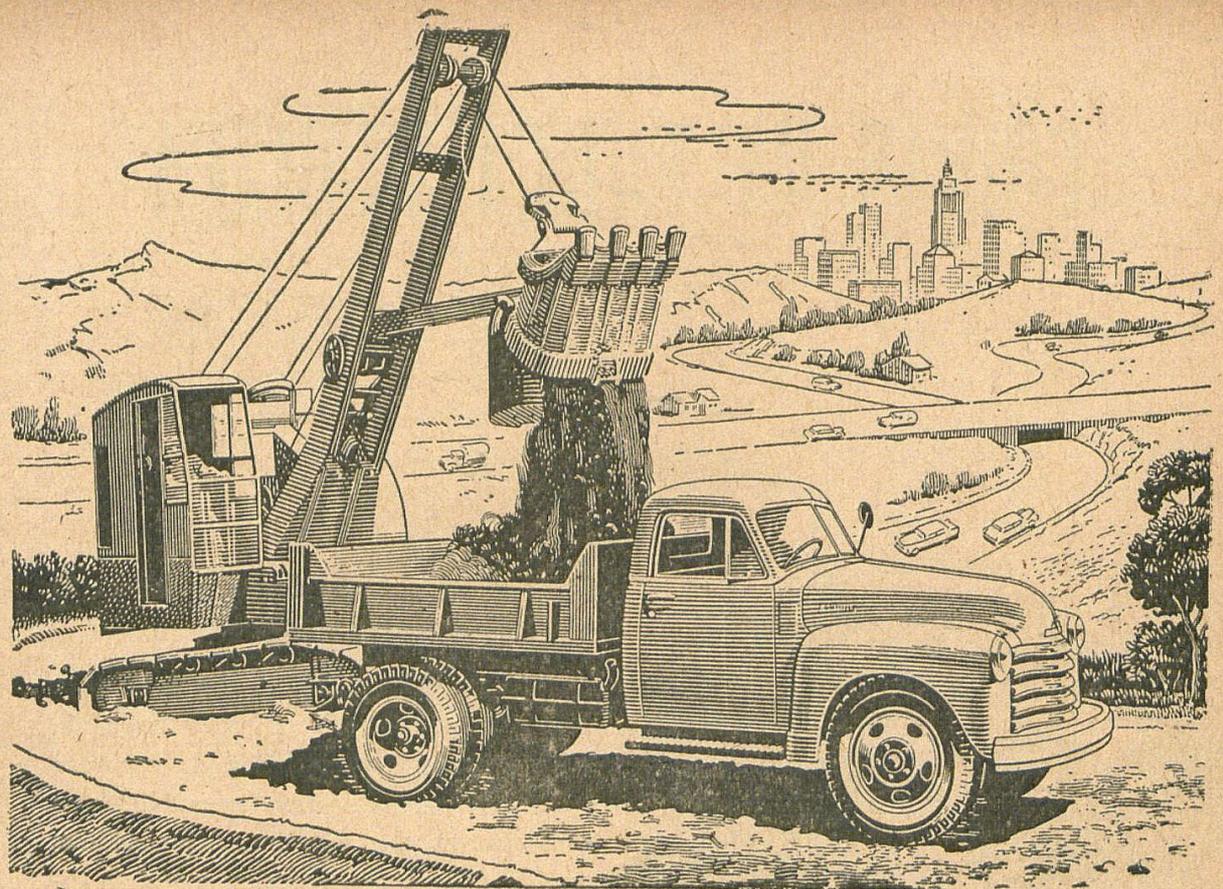
Cabe aqui uma explicação sobre a pouca ou nenhuma eficiência da P.M. no momento: Em virtude dos baixos vencimentos do soldado, e também porque essa milícia não mais pode receber jovens em idade de conscrição, como anteriormente o fazia, diminuiu sensivelmente o alistamento, e a carência do pessoal foi de tal sorte que, certa feita, creio que em 48, para não fechar as casernas, viu-se o comando na contingência de aceitar analfabetos, fato que representou lamentável retrocesso na vida da prestimosa corporação e abalou profundamente o seu prestígio.

Em decorrência dêsses fatores, agravados com o afastamento progressivo dos elementos dessa centenária Corporação em assuntos e serviços de polícia, nasceu a descrença e o desestímulo brotado no seio da antiga tropa dos Barbones, dessa mesma fôrça policial que viu a cidade nascer e crescer e que já havia, sòzinha, expurgado a cidade de malfeitores e capoeiras, desde o Vidigal famoso até Sampaio Ferraz. Os velhos cronistas e historiôgrafos cariocas sabem disso. Sabem-no, também, antigos policiais, dentre os quais destaco um dos mais competentes — o delegado Sílvio Terra — policial cem por cento, autor de alguns trabalhos jurídico-políciais e fundador da moderna Escola de Polícia.

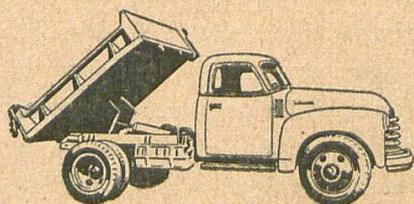
A população do Rio de Janeiro, que há bastante tempo vive entregue à sua sorte, pelo abandono mais completo em que ficou, exposta à sanha de delinqüentes de todos os matizes, muito espera das autoridades a quem está confiada a sua segurança e tranqüilidade.

---

*«Patriotismo não é verbalismo, é ação. Sé patriota produzindo».*



## OS CAMINHÕES



# Chevrolet

## ABREM CAMINHOS PARA O PROGRESSO

Os caminhões Chevrolet estão sempre presentes no árduo trabalho de abrir caminhos para o progresso econômico do Brasil. Nessa patriótica tarefa de construir estradas, os caminhões Basculantes Chevrolet são os mais eficientes no transporte de terra, cascalhos, etc. Inteiramente de chapa, com reforço em toda a extensão das laterais, os Basculan-

tes Chevrolet oferecem carroceria facilmente levantada por meio de um aparelho hidráulico acionado pelo motor, simplificando a operação de descarga. Proporcionando maior resistência e mais espaço, os caminhões Chevrolet dão mais lucro porque *rodam mais tempo na estrada - ficam menos tempo na oficina.*

produto da  
**GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A.**  
Concessionários em todo o país.

# COISAS DA FÔRÇA PÚBLICA

*Cel. Anchieta Torres*

— I —

## QUÉPIS E CHAPÉUS



A revolta de 5 de julho de 1924, nesta Capital, foi uma verdadeira surpresa para a tropa, si não o foi para os chefes que dela estavam cientes, segundo dizem. Isto eu não sei. Portanto, não o afirmo.

Era um sábado, dia de desfile no Campo do Canindé, com a presença de todos os empregados internos e externos. O pessoal dirigiu-se, à hora habitual, para os quartéis e, ali chegando, verificou que, si não estavam ocupados pelos revoltosos, estavam em preparativos de resistência, pelos que não o eram. Salvo os oficiais que, se legalistas, procuravam os postos de resistência do Governo constituido, das praças poucas foram as que, atingindo um núcleo revoltoso ou legalista, ali não permaneceram. O soldado, em geral, não tem vontade própria. Onde é enquadrado aí luta. Contra ou a

favor de quem, não importa saber. O chefe ordena, êle obedece.

Assim foi em 1924. Às 8 horas a luta estava generalizada. Contando, de início, com a superioridade da surpresa e da preparação, os revoltosos iniciaram o ataque em tôda a linha. A resistência, porém, organizada por um chefe de escola, o cel. Pedro Dias de Campos, não se fêz esperar e, durante 4 dias combateu-se intensamente no centro da cidade. No dia 9, pela madrugada, receberam as tropas legais, inferiores em número, ordem de retirada para os arredores, a fim de serem reorganizadas e reforçadas com elementos de outros pontos do país, que já estavam chegando. Contados os legalistas da Fôrça Pública que haviam resistido durante 4 dias dentro da cidade, ficamos assombrados. Somaram pouco mais de 1.300 homens, dos 8.000 de que a mesma se compunha! Êsses poucos homens chegaram para organizar 3 batalhões de efetivo míngado, além dos serviços auxiliares. E a luta continuou, cheia de ferocidade e de surpresas, principalmente considerando-se a igualdade de uniformes dos nossos elementos. Quando menos se esperava, recebia-se bala de uma tropa que se considerava amiga, e isso quando não se hostiliza-

va a que não era contrária! Uma confusão que precisava acabar.

Decidiu, então, o chefe, que os legalistas usariam chapéus. Foi requisitado o estoque existente numa fábrica de Vila Prudente e distribuído a toda a tropa. Eram uns chapeirões cinzentos, de abas largas tipo gaúcho. Incômodos, mas úteis. Desde então, quando se via tropa com quépi — lá vai bala! Não era amiga.

Terminada a campanha, nova reorganização. Solicitou-se a apresentação dos extraviados e iniciou-se um inquérito sumário para apurar as responsabilidades, mas aí surgiu o lado cômico do caso. Correu que só era considerado legalista

quem usasse chapéu. E começaram a aparecer os soldados de chapéu preto, marrom, verde — tirolês até, imaginem! Palhetas e chapéu coco, já em desuso, entraram em cena.

Mas, ao chegarem aos quartéis assim ridiculamente uniformizados, dolorosa surpresa os aguardava. Aqueles que, na sua ingenuidade, entendiam que o simples uso de um chapéu distinguia o legalista viram sua situação invertida: terminada a luta os que haviam combatido pela legalidade receberam ordens para pôr os chapéus de lado e ostentavam, impecáveis, os uniformes regulamentares, enquanto que os que se iam apresentando, tornavam-se suspeitos por... usarem chapéus.

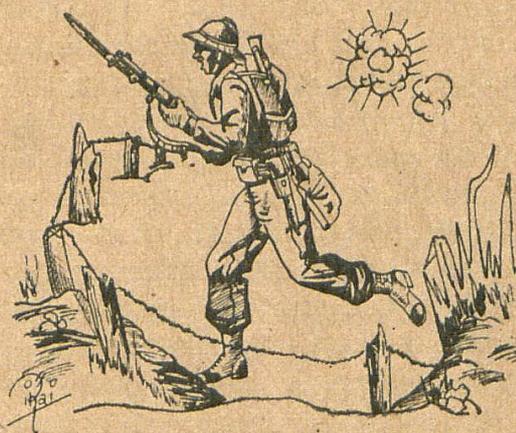
— II —

## RECEPÇÃO A BOMBONS

Julho de 1932. O destacamento «Morais Pinto», com o P.C. em Guapiara, estava com suas linhas avançadas pouco adiante, guardando a estrada de Apiaí.

Certo dia uma patrulha mais atrevida incursionou por uma picada e descobriu que a mesma desembocava em cima do P.C. da tropa atacante. E estava desguarnecida! Descoberta sensacional. A patrulha só não levou mais adiante sua incursão por ser de efetivo diminuto — 3 soldados sob o comando de um cabo — e no P.C. avistado havia aproximadamente o efetivo de uma companhia em descanso.

A noite o comandante do destacamento paulista era ciente do fato e o transmitiu ao do setor, em



Itapetininga, que, imediatamente destacou uma companhia, juntamente com instruções ao ten. cel. Moraes Pinto para que atacasse com a necessária presteza o ponto fraco descoberto. Comandava a companhia recém-cegada ao setor o 1.º ten. Bento Casado de Oliveira.

No dia seguinte, madrugada ainda, a companhia movimentou-se, guiada pela patrulha que fizera a descoberta. Mas... os adversários, ao que parece, também estavam cientes daquela picada e a guarneceram suficientemente.

Quando o ten. Casado se aproximava um tanto despreocupadamente, cuidando surpreender, viu que o trunfo lhe saíra às avessas. O surpreendido foi êle, que se viu atacado por nutrido fogo de, pelo menos seis armas automáticas. Para não aumentar a confusão de sua tropa, retirou-se, não sem pequena difficul-

dade, deixando mortos e feridos e ao chegar mais à retaguarda enquanto recompunha seus homens, dirigiu-se desabridamente ao seu colega do E.N. ten. Leite Penteado, que acompanhava a expedição:

— Veja, o senhor, que coisa idiota: informaram-nos de que iríamos surpreender e tal não aconteceu. Fomos recebidos a bala!

O ten. Penteado que saíra da refrega todo arranhado, o uniforme em trapos, limitou-se a responder com tôda a candura:

— O prezado colega queria que fôssemos recebidos com bombons?

### — III —

## A GRANDE DESILUSÃO

Vocês conhecem o major Pantaleão de Lima? Si não o conhecem perguntem quem êle é a qualquer malandro de S. Paulo, ou a qualquer soldado amigo de uma fugida noturna e logo ficarão conhecendo. Não que êle seja, também, um malandro ou amigo da boemia. Nada disso. O major Pantaleão de Lima ficou conhecido nesse meio justamente por ser um acérrimo perseguidor dos maus elementos. Tornou-se, mesmo, quando tenente e capitão, comandante da Guarda Militar da Secretaria da Segurança Pública, o terror da malandragem desta «Paulicéia Desvairada», no dizer não me lembro de quem. O autor do qualificativa que reclame sua paternidade.

Mas, do que vou tratar hoje não é do major, do capitão ou do 1.º tenente Pantaleão, comandante de guarda ou da reserva. Vou tratar

do 2.º tenente Pantaleão de Lima, comandante de pelotão de cavalaria e grande sonhador. Sim! Grande sonhador, porque sonhava êle, no início da Revolução Constitucionalista, fazer prisioneiros. Não um ou dois elementos de patrulha desavisada que passasse nas suas imediações. Isto êle já o conseguira por mais de uma vez. O que êle sonhava era fazer prisioneiros às dezenas, às centenas, e — quem sabe? — aos milhares. Sua tropa era pequena para tão grande façanha, mas, pensava êle, empregando um pouco de astúcia poderia fazê-la parecer mais numerosa e, assim, enganar o adversário. Não é preciso esclarecer que o nosso herói havia lido muito recentemente o romance «Noventa e três», de Vitor Hugo e se entusiasmara com o episódio do ataque levado a efeito pelo chefe revolucionário Gau-

vain, à retaguarda das tropas realistas, em Dol, comandadas por seu tio, o marquês de Lantenac...

Enviado para servir junto ao destacamento que barrava a estrada de rodagem que ruma o vizinho estado do Paraná, o tenente Panta-leão de Lima era incansável. Sua atividade como patrulhador surpreendia àqueles que não sabiam quais os seus intentos. Madrugada ainda, forrageava os animais, alimentava os homens e saía a bater os campos, bosques e macegas dos arredores, ficando nessa empreitada até o escurecer. Seus cavalos perdiam gordura, embora ficassem mais enrijecidos pelo trabalho diário e metódico a que eram submetidos. O tenente fazia-os trabalhar, porém não os estafava, porque sabia o que eles representavam para a realização do seu sonho...

E o tempo corria até que, certo dia o tenente exultou: uma patrulha enviada à descoberta trouxera-lhe a preciosa informação de que se aproximava uma tropa suspeita, de mais ou menos 100 homens e, o mais importante: seu serviço de segurança era imperfeito!

Alguns homens montavam burros, outros, cavalos, a maioria vinha a pé; nem todos estavam uniformizados. Tropa irregular, conjecturou o tenente. Melhor ainda.

Como já possuísse lugares escolhidos para as possíveis emboscadas, geralmente caminhos encaixados em bosques, dispôs seus homens em um dêles, convencionou sinais e aguardou a presença da tropa assinalada.

Finalmente chegou a hora tão desejada e tão ansiosamente esperada. A cobiçada prêsa aproximava-se, descuidada, sem suspeitar da surpresa que a aguardava. O silêncio era absoluto. Os próprios cavalos, parece, compreendiam a importância do momento...

Soou o sinal convencionado. De todos os lados o grito: Armas no chão! Braços para cima! E ali estavam os prisioneiros. Perto de uma centena. Só uma coisa causava estranheza: não houvera o menor gesto de reação.

Assim mesmo o autor da façanha saltou na estrada para tomar posse de sua prêza e então... a grande desilusão.

Os prisioneiros não eram prisioneiros. Eram homens nossos, desgarrados da coluna «Tenório de Brito», reunidos pelo tenente Barbosa, também extraviado, que procuravam contacto com as tropas Constitucionistas e que, ao receberem a intimação, perceberam haver encontrado aquilo que há alguns dias buscavam: tropas amigas que os acolhessem.

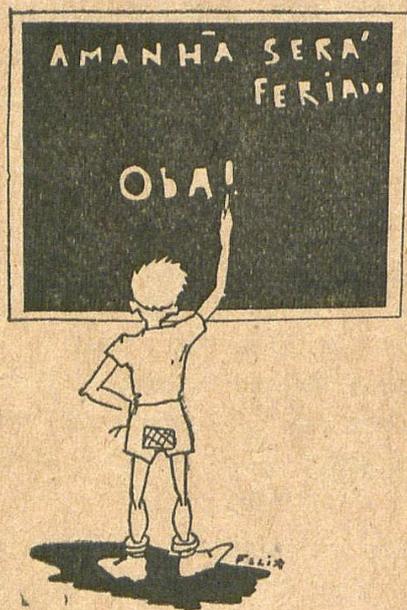
—::—

PARA VEREADOR, VOTE NO  
Ten. HILDEBRANDO CHAGAS

# Código de Honra

1.º ten. Miguel M. Sendiu

Ilustração: Félix B. Morgado



A crise de caráter que avassala o mundo, responsável pela maior parte das desventuras da humanidade, tem uma de suas mais profundas raízes em instituição escolar assás conhecida. Referimo-nos à malfadada COLA, deusa corruptora, a cujos pés poucos indivíduos de instrução secundária ou superior, deixaram de levar algum incenso.

E, digamos de passagem, não cabe aos alunos a culpa pela "oficialização" da cola em nosso país. Geralmente são os professores os responsáveis pelo desenvolvimento nos caracteres juvenis dessa tendência alicerçada numa outra tirana dos homens: a lei do menor esforço. Não faltam também ocasiões em que mestres e discípulos são vítimas de lei superior, levando estes a claudicar

e aqueles a fechar os olhos, sem autoridade para compeli-los a acertarem o passo. Miseros escravos de um currículo mal feito!

O paradoxal no embuste dos exames é que muitos alunos julgam tal prática mui natural, uma defesa inocente e quando exercida com excepcional perícia, até uma honra. Essa perversão de conceitos, que leva a considerar o errado como certo e vice-versa, no entender dos faltosos talvez se aceitasse como um processo de justificação interior, cuja repetição os inibiria de discernir entre mentira e verdade, mas os que são pagos para ensinar, educar e julgar como se desculparão?

O conceito dessa falsidade vence até os princípios religiosos. Lembramo-nos de colegas, os quais eram profundamente religiosos e intransigentes no que se referia aos cânones de suas igrejas. Concordavam com Jesus Cristo quanto à paternidade do engano:

"O diabo é o pai da mentira", mas não viam relação alguma entre uma e outra coisa.

A desfaçatez dos coladores inveterados é tal que chegam a vangloriar-se em público de suas façanhas. Durante os exames de junho ouvi duas "lindas normalistas, vestidas de azul e branco", inclusive o nome do ginásio no peito, contando em voz alta, no ônibus, como haviam iludido as professoras, das quais não se esqueceram de citar os nomes.

O que os alunos querem é o diploma — o Brasil é o paraíso dos doutores e dos analfabetos — quanto ao aprender ou não, pouco importa, há sempre a possibilidade de “ter sorte” ou colar no vestibular do grau seguinte.

Longas férias, “férias eternas”, como disse um meu colega num exame de português, em que foi reprovado, é o que desejam os alunos. Amanhã é feriado? Muito melhor, estaremos livres daquele “chato” professor de matemática e daquela “toupeira do latim”.

Como aluno ou professor, sempre aproveitamos as oportunidades para manifestar nossa desaprovação ao uso da cola. O aluno nada pode fazer nesse sentido; limita-se a não colar e, assim mesmo, já é perigoso, pois os coladores são ousados, considerando, via de regra, seus inimigos, os que o são da cola. Presidindo a exames, mais de uma vez tivemos de cumprir o desagradável dever de punir alunos que se atreveram a duvidar das advertências feitas antes do início da prova.

Muitas vezes nos ocorreu escrever algo sobre o assunto, mas como muitas pessoas mais autorizadas nos manifestaram não considerar coisa tão grave a cola, julgamos haver exagero de nossa parte no modo de encarar os fatos — talvez nossas idéias fôssem arcaicas demais ou estivéssemos sendo do “Contra”. Eis senão quando na FOLHA DA TARDE de 4-VIII-51 uma notícia que nos surpreendeu:

WASHINGTON, 4 (U.P.) — *Noventa cadetes de West Point foram expulsos pela direção dessa academia militar.*

*A expulsão foi motivada pelo fato de os cadetes terem violado o Código de*

*Honra, cometendo fraudes durante os exames.*

O título nos chamou a atenção mas nem de leve nos ocorreu o motivo antes de lermos as quatro últimas palavras, porquanto ao depararmos com a expressão “Código de Honra”, esperávamos tratar-se de um atentado ao pudor público, sociedade secreta de espionagens ou coisa pior, mas era só uma colinha...

Talvez seja uma boa idéia para arranjar vagas nos estabelecimentos de ensino. Mas não se assustem os coladores, pois o que é bom nós não copiamos dos americanos.

— — — — —  
Não podemos deixar de fazer justiça à nossa Escola de Oficiais, onde, mais de um aluno, com fama de vanguardeiro, dêsse que chegam ao curso superior como “inteligências brilhantes”, teve suas lanças invictas quebradas por um “0”.

É que no C.F.A. o regulamento pune com rigor os alunos desonestos e os professores são intransigentes.

Sabemos até de um caso com um candidato ao C.F.O. que, tendo feito todos os cursos no interior, sempre chegou ao término com invulgar distinção e ao prestar exames no Barro Branco, foi fragorosamente reprovado. Mais tarde a pessoa que se interessara por êle e que ficou decepcionada em vista do resultado inesperado, veio a saber que o tal “sabichão” era especialista... imaginem em quê, simplesmente em escrita microscópica. Seus progenitores, tinham que usar uma lente ao ler-lhe as cartas e, tão inocentes, nunca deram pela coisa.

Cleusa Ferreira Veloso

Prof. de "Sociologia" da E.N. e G.E. de  
Jacareí.

# Filosofia e Medicina

"Um pequeno povo teve o privilégio de ser o criador do princípio do progresso. Tal povo foi o grego. Com exceção das forças cegas da natureza, nada existe, que não seja grego na sua origem" (Sir Henry Maine — Village Communities).

Ao lado dos trabalhos sobre o discutido problema das origens e as pesquisas dos princípios das cousas na natureza sensível, pré-socráticos como Empédocles de Agrigento, Pitágoras de Samos e Demócrito de Abdera, apatecem-nos como notáveis esculápios. Demócrito, o inventor da teoria dos átomos, como nos demonstra Diógenes Laertius, nos legou um relatório de obras médicas e teorias sobre a fisiologia, física e astronomia, ligadas à mecânica; inclinamo-nos, pois, para uma classificação de filósofos médicos pré-socráticos.

No período áureo da Grécia, a proteção de Apolo, através de seu herói médico, Esculápio, era invocada, quer no templo de Epidauro, quer em Atenas, ou no estádio de Táureas, para a cura das moléstias da matéria.

Hipócrates nos apresenta a medicina no período de maior brilho da história grega, numa tríplice aliança da ginástica, ciência e teologia, como nos diz Dyer em "*Gods of Greece*", em brilhante análise, da relação entre a medicina secular e a religiosa.

A medicina e a condição social dos médicos gregos é relatada por Platão, nos seus "*Diálogos*", e nas obras de Aris-

tóteles, a cuja memória todos os ramos do conhecimento, prestam suas homenagens, há mais de 22 séculos.

Para a medicina moderna, a anatomia e fisiologia de Platão ou de Hipócrates, podem-nos parecer primitivas, o que não deixa inutilizado o esforço que realizaram os primitivos filósofos gregos, para o conhecimento das relações entre moléstias e a vida.

No *Timaeus*, Platão combina as quatro substâncias elementares de Empédocles, fogo, ar, terra e água, sob a forma de poliedros regulares, desdobráveis em triângulos; seu número e proporções, variáveis, vão criar a ordem cósmica; o tamanho, as diferenças e a disposição dos triângulos elementares, são responsáveis pelas diferenças entre os corpos elementares, que são como os átomos do atomista, demais pequenos para se perceber.

Nos "*Diálogos*" III, Platão nos explica como o "Senhor, a unidade suprema ou o Bem Supremo, de onde deriva a inteligência e a inteligibilidade, usou dos triângulos primários, misturou-os nas devidas proporções e deles formou a medula para ser a semente original de toda a raça humana; esta porção, tal

como um campo preparado para receber a semente Divina, foi arredondada em todos os sentidos e foi denominada cérebro, destinada no animal, a constituir a cabeça; o que se destinava a conter a parte imortal da alma foi distribuído em formas circulares e alongadas e denominou genéricamente "medula"; a elas, prendeu os feixes de toda a alma e procedeu em torno à modelação da estrutura de nosso corpo, cobrindo antes de tudo, a medula, de um revestimento ósseo".

Comparando Platão com as noções modernas, podemos dizer, que êle não conheceu o sistema completo da circulação, embora reconhecesse um constante movimento do sangue e êste, como fonte de nutrição; o mesmo se pode dizer das descrições platônicas da estrutura óssea, dos tecidos e das funções da digestão e respiração. Para as suas teorias, os jovens teriam, triângulos (hoje, átomos) novos, fortemente presos uns aos outros, constituindo uma substância macia e delicada, formada de medula e nutrida de leite. Descreve a digestão, como uma luta entre os triângulos dos alimentos sólidos e líquidos e os triângulos da estrutura do corpo; o processo de crescimento, vem da interação dos triângulos jovens e dos mais antigos.

Sócrates fêz exclamar a Diotima, no "Symposium": "Diz-se que o homem é sempre o mesmo, mas no espaço entre a adolescência e a velhice de cada animal, há um processo contínuo, de perda e reparação: cabelo, tecidos, ossos e o corpo inteiro, estão em constante mutação". (*Diálogos* I).

Platão nos explica a velhice como um enfraquecimento ou mau funcionamento das raízes dos triângulos; a morte sobrevém, quando os laços que uniam

os triângulos da medula se enfraquecem, pelo esforço contínuo do processo da vida, o que levará à libertação dos triângulos da alma; a morte produzida pela doença, é dolorosa; a que sobrevém da velhice, satisfazendo a ordem da natureza, seria a mais suave das mortes.

No *Timaeus*, ainda encontramos as considerações sobre saúde e doença, se bem que primitivas e imprecisas para a ciência moderna. A doença em geral provém de um desajustamento nos quatro elementos ou às diversas espécies de bile, sendo que a pior proveria da medula espinhal. A epilepsia, "morbus sacer", tem como causa uma combinação da fleuma (um dos quatro humores do organismo humano, na medicina antiga), retida no interior por bolhas de ar, com a bile negra, quando espalhadas no interior da cabeça.

Outras perturbações têm como causa: o excesso de fogo (febres contínuas), de ar (febre quotidiana), de água (febre terça), de terra (febre quartã).

Si não podemos falar da anatomia e fisiologia platônicas, como modernas, isto faremos da sua psicologia. Os tipos mentais hoje estudados, podem encontrar relações com as três divisões do espírito, de Platão: razão, inteligência e desejo. O "elo da razão", é o princípio imortal e racional da alma e reside no cérebro. O espírito mortal é formado por uma parte em que o homem ama, tem fome e sede e percebe as vibrações de qualquer desejo (situada debaixo do diafragma) e de outra parte, inteligência (localizada no peito, entre o diafragma e o pescoço) e está colocada no domínio da razão, para controlar os impulsos. Não podemos encontrar melhor comparação da luta do homem entre a razão e o desejo da al-

ma, do que no "Phaedros", a daquele condutor de um par de cavalos, um de pura raça, outro de baixa condição, de tal modo que "ser obrigado, por necessidade a conduzi-los, representa um trabalho insano" (*Diálogos*, III). E que dizer da comparação da inteligência humana, dom da Memória, Mãe das Musas, que no Theaetetus, Platão define como um bloco de cera, variável no seu tamanho conforme os indivíduos, mais ou menos resistentes, úmida e pura, neste ou naquele indivíduo e em alguns, de qualidade média. Quando desejamos recordar algo que vimos, ouvimos ou pensamos, dentro de nós mesmos, apresentamos à cêra, as percepções e idéias, e neste material, elas se gravam. Enquanto perdura a imagem, recordamos e reconhecemos o que está impresso e quando a imagem se desvanece, esquecemos ou desconhecemos.

Ainda nos *Diálogos* III, as diversas espécies de conhecimento nos aparecem numa representação do espírito humano como um viveiro, gradualmente habitado por diversas espécies de pássaros (tipos de conhecimento); quando crianças, o viveiro permanecia vazio, com o decorrer dos tempos vamos engaiolando as variedades de conhecimento.

No *Timaeus*, vemos como Platão encara as enfermidades mentais em duas categorias: ignorância e loucura, que no *Alcebiades* (II), Platão identifica como falta de senso; a maldade da alma humana é representada como uma enfermidade ou deformação do corpo; assim é a ignorância e a corrupção da alma e sua vontade, uma espécie de demência da alma (*Sofista* XV).

A profecia, a inspiração, a poesia e o amor, são colocadas no *Phaedros*, como quatro categorias de loucuras da Mu-

sa, concedidas ao homem, por um dom divino.

Nas "*Leis*", a educação deve ser encaminhada para a virtude, para formar cidadãos perfeitos, que faz o homem passar da condição de animal à condição divina; diversas espécies de loucura aparecem provenientes de doenças, de temperamento mau ou provenientes de uma má educação; esta última leva Platão ("*Leis*" V — 1) a pedir a disciplina da alma, e dentro de uma certa proporção entre a alma e o corpo, determinar uma proporção equivalente entre o vício e a virtude, a doença e a saúde, pois o corpo não se move sem a alma.

Os processos platônicos de cura condenam as drogas medicinais, preferindo deixar o organismo a si mesmo, embora não haja de Platão, qualquer referência aos processos de cura, usados nos templos de Esculápio; para Platão valia mais a higiene pessoal, resumida na máxima "*mens sana in corpore sano*", que resumia bem em sua justa medida, o valor do exercício físico.

Platão, como faz a moderna terapêutica, afirma o valor dos métodos psíquicos de cura, da fé, da confiança em si e em seus métodos, como a grande alavanca da vida; condena tácitamente toda a farmacopéia do tempo, à imagem do que fez Eurípides, na célebre contenda dos "Sapos", como Paracelsus incentivava os doentes a abolir os medicamentos e manter uma viva fé nos deuses da cura, uma poderosa imaginação para encontrar os desejados resultados.

Não só nos conceitos gerais da estrutura e funções do corpo humano, é interessante o material que nos fornece Platão. Ainda nos *Diálogos* III, Platão nos fala da relação entre a arte da me-

dicina e a ginástica. Atribue à alma e ao corpo, duas artes: a arte da política, que diz respeito à alma e a que acompanha o corpo, dividida em duas: ginástica e a medicina. Na política existe uma parte legislativa que corresponde à ginástica, do mesmo modo que corresponde a justiça à medicina; as duas partes vêm a se confundir, a justiça e a legislação, pois que lidam com assuntos comuns, assim também a medicina, que atua no mesmo terreno que a ginástica.

Não só na física, estaria o princípio da continuidade e uniformidade, mas também no corpo; nos *Diálogos* II, Platão acompanha Hipócrates, no que diz respeito à consideração da natureza do corpo humano como um todo; Platão se baseia em Hipócrates, quando fala da unidade de matéria e sobre este princípio transmite seus ensinamentos sobre a maneira de educar os médicos, alunos daqueles que professam a arte.

Antes de Hipócrates, a medicina se achava bastante desenvolvida. No curto diálogo entre Sócrates e Euthydemus, é o que vemos: "... certamente estudas para médico, tu que tens tantos livros" diz Sócrates... e acrescenta: "... existem tantos livros sobre medicina..." Segundo observa Dyer, qualquer que fosse a qualidade dos livros, seu número deveria ser suficiente para justificar tal afirmativa.

Segundo Platão, em Atenas, existiam duas classes de médicos, distintos dos charlatães e da associação de Esculápio; o médico particular e o médico oficial, classe menor e mais distinta, eleita em Assembléia Pública (*Gorgias* e *República*).

Das "*Leis*" e mesmo na "*República*", inferimos a existência de assistentes médicos, requisitados às vezes entre os es-

cravos. No VI século, em Atenas, Demócrito exerceu o cargo, pela remuneração £ 406, posto que abandonou diante da melhor oferta de Polycrates, tirano de Samos.

No Phaedrus, está a noção platônica do médico: "... não somos senão imperfeições animadas, resíduos das almas já fugidas ao domínio do tempo, que já atingiram a visão da verdade, porém, que tornaram a cair a dupla carga da negligência e do vício; por nove graus da existência humana, pode passar esta alma, desde o filósofo ou artista até o de tirano; na quarta categoria estão classificados o médico e o aficionado de exercícios atléticos". (*Diálogos* I). Na "*República*" (III), temos ainda esta idéia original: "...os médicos mais hábeis são aqueles que a partir de sua juventude, vieram combinando com o conhecimento da sua arte, a maior experiência pessoal da doença; é preferível que sua constituição não seja das mais robustas, e que também pessoalmente tenham experimentado todas as espécies de enfermidades..." pois a concepção de Platão é de que a cura do corpo não é feita pelo corpo e sim pelo espírito, ainda dentro da concepção mística da alma e do corpo, em um mundo extra-terreno.

No círculo social de Atenas, o médico aparece em posição mais elevada. No "*Symposium*" encontramos uma descrição da mais solene festividade em casa de Agathon, onde Eryximachus, médico filho de médico, declara em seu elogio ao amor: "... pela medicina iniciarei, honrando assim a minha arte..." (*Diálogos* I).

Sobre a morte de Sócrates, os sintomas médicos descritos naquela cena memorável, ainda aparece o respeito a Esculápio. As últimas palavras de só-

crates, uma exclamação aos deuses: "... "Crito, devemos um galo a Esculápio..." representa, como despedida de Sócrates, uma afirmação da qualidade divina dos poderes de Esculápio, pois uma substância seria a cura de tôdas as desgraças e sofrimentos de Sócrates — a cicuta — seria a libertação da vida, que é a morte, entrada gloriosa para a realidade do além; era o despertar de Sócrates, dentre os mortos, para a vida eterna; era o despertar de Sócrates, para a vida real, uma homenagem a Esculápio.

-----  
A Grécia, berço dos grandes filósofos, é imortal em suas palavras que

persistem entre os homens, já passados mais de dois mil e duzentos anos.

Enquanto se perdem os ensinamentos de outros mestres da filosofia, no decurso do tempo ou por serem unilaterais ou abstratas, a Grécia sempre viveu, florescente nas diversas faces de sua sabedoria, favorecendo nas inteligências, a contínua geração de novas idéias, com o conteúdo próprio de sua filosofia.

Das alamedas da Academia, das margens do Ilissus, das ruas de Atenas, dos templos de Zeus ou de Apolo, saíram suas idéias mais fecundas que se tornaram patrimônio comum da humanidade.

— :: —

**Consumir**

É um dever de patriotismo.

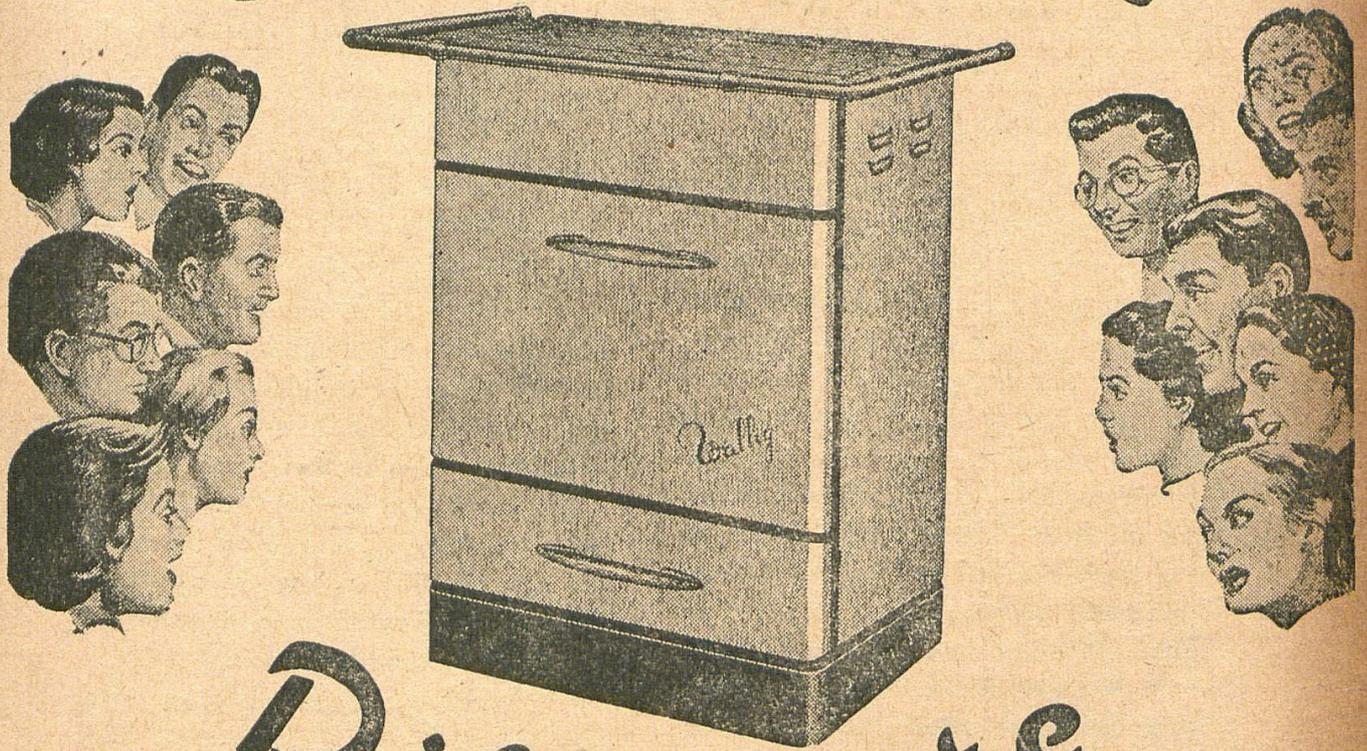
**Produtos**

É contribuir para o desenvolvimento da nossa produção

**Nacionais**

É ajudar a libertação econômica do Brasil.

# Completamente



# Diferente

O fogão a carvão *Wallig*  
Sem chaminé  
Rápido  
Econômico  
Remoção da cinza por  
gravidade

*Wallig*  
SÍMBOLO DE QUALIDADE



**METALÚRGICA WALLIG S.A.**

Caixa Postal, 2268 — Fone: 36-1252

Rua Conselheiro Crispiniano, 57 — SAO PAULO

# APERITIVOS

1.º ten. dr. Nacib M. S. Matuck

Aperitivos são as substâncias que servem para excitar o apetite. O apetite é uma sensação difícil de ser definida, porém o compreenderemos melhor estudando a sua origem e desenvolvimento. Enquanto a fome é uma sensação inata, o apetite é, provavelmente, mais adquirido do que inato. Isto é, o apetite depende de experiências prévias, nas quais os reflexos condicionados têm sua importância. Ora, os reflexos condicionados podem ser formados por qualquer estímulo, desde que sua ação se faça sentir repetidas vezes em condições propícias. Até mesmo o álcool, com todas as suas desvantagens e malefícios, serve como estímulo eficiente na formação de um reflexo condicionado, como parece ser o apetite. Daí a explicação de como uma sensação agradável, como é o apetite, poder ser estimulado por substâncias primitivamente desagradáveis como as bebidas alcoólicas, que somente como hábito passam a agradáveis. Sabemos, também, que o apetite aumenta muito, depois que ingerimos os primeiros bocados, no início das refeições, que agem assim como aperitivos. Assim todas as substâncias, principalmente as de gosto e cheiro agradáveis podem ser usadas como aperitivos. Mas, infelizmente, as mais usadas como tais são as bebidas alcoólicas. O uso dessas bebidas como aperitivos está tão generalizada em toda a sociedade humana, desde os operários, os camponeses, os soldados até as mais elevadas camadas sociais, que somos levados a pensar que deva ser mesmo bom. Mas não é. É

mau costume. É péssimo porque intoxica o organismo, prejudica a digestão e é a origem de muitas doenças.

O álcool é um deprimente do sistema nervoso. A aparente estimulação depende da maior atividade dos centros inferiores libertados do freio a que são submetidos pelos centros superiores, que foram deprimidos pelo álcool. O álcool não aumenta as aptidões físicas nem mentais, e se o indivíduo julga as suas ações melhoradas, as medidas de controle demonstram que são inferiores.

O álcool prejudica a digestão. Na concentração de 10% ou mais no estômago, aumenta, por ação reflexa, e secreção de suco gástrico, rico em ácido mas pobre em fermentos. Na concentração de 20% ou mais diminui a secreção do suco gástrico e também diminui a atividade dos fermentos. As cervejas e os vinhos, mesmo com baixo teor alcoólico, causam estes mesmos efeitos, prejudiciais, por causa das substâncias coloidais, tanino e ácidos orgânicos que contêm. As bebidas alcoólicas fortes, com 40% ou mais de álcool são muito irritantes e provocam uma inflamação da mucosa do estômago. O álcool tem também ligeiro efeito prejudicial sobre as secreções intestinais e pancreáticas.

O álcool é a origem de muitas doenças. O seu uso continuado produz gastrite crônica. A acloridria, isto é, a falta de ácido clorídrico no suco gástrico é comum no alcoolismo crônico. A chamada cirrose alcoólica é doença que aparece comumente nos alcoólatras, prin-

principalmente nos bebedores de licores e outras bebidas de forte teor alcoólico. Outro sistema orgânico muito afetado pelo álcool é o sistema nervoso. As polinevrites e a pelagra não são diretamente causadas pelo álcool, mas o alcoolismo favorece o seu aparecimento. Outra noção errada do povo sobre o álcool é sua ação como afrodisíaco, isto é, como excitante das funções sexuais, pois está provado que age verdadeiramente como um depressivo. Também é corrente a noção de que o álcool aquece o corpo, enquanto a verdade é justamente o oposto. O álcool produz um aumento da circulação do sangue na pele e na mucosa do estômago, daí a sensação de aquecimento. Mas, na verdade, este aumento da circulação do sangue na pele, resulta num aumento da perda de calor e numa queda da temperatura interna. O uso do álcool para aquecer no tempo frio é irracional

e pode ser perigosa, facilitando ainda mais as afecções pulmonares, já muito comuns no inverno. Estes fatos são do conhecimento dos exploradores polares que se abstêm de álcool.

Vemos assim quantas noções erradas tem o povo a respeito do álcool. Usam-no como aperitivo, e ele prejudica a digestão; usam-no como afrodisíaco e ele tem ação contrária; usam-no para aquecer o corpo e ele provoca resfriamento. O álcool é o principal elemento constituinte dos aperitivos e é ao álcool que devemos todos esses malefícios.

O uso de aperitivos é uma porta aberta para um vício mais grave e das mais funestas conseqüências: o alcoolismo, que arruina a saúde e embota as mais altas faculdades humanas: a vontade, a inteligência, a memória, o caráter. Quantos males e nenhum benefício nos trazem os chamados aperitivos!

### COOPERATIVAS REGIONAIS:

Santa Isabel — Jacareí — Santa Branca — São José dos Campos — Paraibuna — Taubaté — Pindamonhangaba — Roseira — Guaratinguetá — Lorena — Valparaíba — Aguai.

## COOPERATIVA CENTRAL DE LATICÍNIOS

DO

ESTADO DE SÃO PAULO

Regist. M. A. sob n.º 4 e S. A. sob n.º 47

Escritório e sede central:  
Rua Dr. Almeida Lima, 523  
SÃO PAULO

Fones ( Diretoria . . . . 9-2658  
( S. Comercial . . 9-2659  
( S. Técnica . . . . 9-2681

# Causas que influíram na derrota da Alemanha

## I

### Descrição feita pelo marechal Goering (\*)

«A Alemanha perdeu três oportunidades de ganhar a guerra: uma diplomática, outra militar e a terceira técnica.

A primeira destas oportunidades consistiria em fazer a paz com a França e Inglaterra em princípio de 1940, antes da campanha da Noruega, Bélgica e França.

Fiz tudo quanto estava ao meu alcance para conseguir essa paz negociada. Depois da conquista da Polónia, mantive diversas conversações com o autor sueco Knut Bonde, que, por solicitação minha, entrevistou-se com Lord Halifax, em dezembro de 1939, para perguntar-lhe quais as condições que a Grã-Bretanha imporia para a paz com a Alemanha. Lord Halifax disse a Bonde: «**Alegro-me que tenha recorrido a você. Se há alguém no Reich capaz de convencer a Hitler de que negocie uma paz razoável, êsse alguém é Goering**».

Em continuação, o Ministério das Relações Exteriores Britânico espôs duas condições principais para a paz: primeiro, o restabelecimento de um Estado polaco independente; segundo, maior liberdade para os tchecoslovacos, enquanto se buscava a solução definitiva do problema tcheco. Transmití essas condições de paz a Adolfo Hitler que respondeu

com «talvez» à primeira, enquanto se opôs à segunda com um «não» categórico.

Essa foi a primeira oportunidade que Hitler deixou passar para terminar a guerra airoosamente. Apesar dêsse fracasso, realizei uma nova tentativa no mesmo sentido, em junho de 1940, após a derrota da França. Nesta ocasião tratei de estabelecer contacto com o embaixador da Grã-Bretanha, em Lisboa, e com o Ministro Britânico, em Berna; porém, não pude consegui-lo.

A oportunidade militar de findar a guerra apresentou-se no princípio da guerra contra a União Soviética. Como é público, eu havia desaprovado a idéa dessa guerra desde que se a planejou.

O plano de Hitler, até hoje não revelado totalmente, era o seguinte; a 22 de junho de 1941, três grupos de exército receberam ordem de avançar: o grupo do norte, com um corpo motorizado; o grupo central com dois corpos motorizados e o meridional, com um corpo motorizado. As divisões motorizadas do primeiro grupo receberam ordens de avançar sobre Leningrado, sem se preocupar com sua retaguarda, nem da existência de combustíveis. Deviam passar próximo a Leningrado pelo Sul e logo prosseguir diretamente

(\*) (Transcrito da revista Militar Brasileira).

te seu avanço sobre Moscou. O corpo motorizado do terceiro grupo tinha a mesma missão em relação a Rostov: cercar esta cidade e logo seguir até o norte, rumo a Moscou. Os corpos motorizados do grupo do exército central receberam ordens de avançar diretamente sobre Moscou. Nos arredores da Capital Soviética, um dos grupos se uniria com as divisões motorizadas procedentes de Leningrado no norte e o outro deveria reunir-se com as procedentes de Rostov, no sul. As ligações deveriam realizar-se ao nordeste e a sudoeste de Moscou. De tal modo, as três maiores cidades da União Soviética e quase todo o Exército Vermelho permaneceriam sitiados e paralizados. Se houvéssimos ocupados as três cidades e cortado a linha de abastecimento de Murmansk antes da chegada do inverno teríamos tido amplas razões para sentir-nos otimistas ante o futuro.

Entretanto tão belo plano fracassou. Fracassou porque o avanço do grupo do exército setentrional foi contido pelas montanhas Valdai e o do grupo do exército meridional retardado pela resistência de Kiev. Naquele momento, o marechal D. Walter von Brauschitsch cometeu um erro crasso que, segundo o meu modo de ver, decidiu o resultado de toda a guerra. Destacou um dos corpos motorizados do grupo do exército central para reforçar os que atacavam as montanhas Valdai, no norte. De tal modo, o grupo do exército central ficou somente com um corpo motorizado, o que não lhe permitiu prosseguir o avanço sobre Moscou. A 10 de outubro de 1941, repentinamente, começou o inverno. Von Brauschitsch foi destituído. Hitler mesmo assumiu pessoalmente a direção das

operações. Porém, era demasiadamente tarde. Stalin teve tempo para organizar a defesa de Moscou e Leningrado e os aliados puderam enviar tanques e aviões. Deste modo, 111 dias depois do ataque contra a União Soviética, a Alemanha já havia perdido a guerra.

Ainda tivemos oportunidade para mudar o rumo dos acontecimentos e foi uma oportunidade técnica. Não me refiro à bomba atômica. Nesse campo os aliados estavam muito mais adiantados que nós. Nossos homens de ciência não puderam encontrar o material apropriado para construção do recipiente em que o explosivo atômico pudesse ser transportado. Nesse plano, nunca tivemos uma possibilidade séria de vencer os aliados. Nossa grande oportunidade técnica estribava-se nos aviões de caça com propulsão a jato. Foi um invento alemão de imensa importância, que podia fazer variar todo o curso da guerra. Os aviões de propulsão a jato foram inventados por nós com tempo suficiente, em 1943; porém, no dia em que ia começar a produção em série, Hitler interveio e se empenhou em que o avião podia levar também bombas. Tivemos que começar novamente nossos estudos e fomos obrigados a realizar novamente todas as provas e somente para chegar à conclusão final de que era impossível modificar os aviões nesse sentido. A aventura nos fez perder cinco meses que indubitavelmente resultaram transcendentais e fatais para a Alemanha.

Essas foram as três grandes oportunidades que não aproveitamos e que poderiam dar-nos a vitória.

Oxalá que outros tenham em conta a lição de nossa experiência».

# CULTURA E ARTE

*Laura Della Monica*

Onde teria eu lido a história do primeiro artista que apareceu na terra? Não sei.

Mas o primeiro artista foi também o primeiro homem que compreendeu o sentimento profundo da Arte. Porque, em verdade, a arte é uma serenata que o homem faz para tudo que o envolve e cerca. E o artista é um estranho seresteiro — um seresteiro que acorda a alma adormecida das coisas. A cultura é a afirmação da história do espírito. Através do tempo, essa grande alma humana vai se realizando, vai deixando na terra a sua marca, o seu sinal de beleza.

Não perde êsse espírito imortal o que representa o essencial de suas experiências, e guarda, no escrínio de suas recordações, emoções mais caras e as revelações definitivas que teve o mundo.

A cultura é uma espécie de baú antigo em que a humanidade guarda para si o que terá de recordar sempre, o que não poderá ser esquecido. Igual a uma árvore multissecular é a humanidade: muitas vezes troca de folhas, flôres, e frutas e mesmo os seus galhos podem ser cortados. Mas no tronco ela conserva o essencial: as marcas e as cicatrizes que são a sua história.

O artista é um selvagem, um primitivo, em cuja alma ainda ressoa o "fiat" criador. Em seu coração, o mundo continua a criar-se no éco da voz do Mistério. Ele não apenas enriquece a terra com seus poemas, com suas canções, mas põe em realce certas belezas

que passam despercebidas aos outros homens. É o jardineiro desvelado que vai encontrar escondida num canto do jardim a humilde e formosa violeta, que sob um tufo de fôlhas, se oculta aos olhos do mundo.

A arte é a vida em relêvo. E o artista é um homem em plenitude, um homem em permanente estado de exaltação, capaz de entristecer-se com a manhã cheia de sol, e de alegrar-se com a noite de tempestade; um homem para o qual o mundo nunca é indiferente e que traz ainda em si uma alma de criança, capaz de amar essas coisas simples que fazem a vida bela...

Muito pouco agradam as criaturas que, (Alphonsus de Guimarães Filho), diante de um poema ou de uma peça musical, se dão a indagações como estas: Que quis dizer o poeta? que expressiu o compositor?" São criaturas para quem tudo deve ser claro, lógico, racional. Um poema ou uma peça musical, para elas, (como de resto qualquer outra obra de arte), deverá sempre descrever, narrar, informar. Jamais aceitarão o que esteja fora dessa concepção primária da arte. Bastará haver um pouco de mistério para que enruguem a testa desolados, como quem diz: um caso perdido.

Todavia, essas mesmas criaturas, que tudo querem explicado e definido, jamais poderão entender-se nem abranger o próprio mistério. Conviverão com a própria alma em permanentes des-

cobertas, como quem percorre um caminho que vai dar em outros caminhos ou salas que se abrem para outras salas. A arte reflete essa viagem estranha. E ainda há quem exija que seja apenas um reflexo de gestos e reações exteriores. Gestos e reações exteriores inexistem para o artista; preocupam-no somente a essência e a causa de semelhantes gestos e semelhantes reações.

Nasce daí, continuá Alphonse Guimarães Filho, a inutilidade dos títulos.

Diante de um poema, poderá haver sempre as mais diversas interpretações. Pouco adiantará, pois, que o poeta diga logo de saída: Poema da aurora. A muitos, será difícil descobrir onde está a aurora em tais versos. O que importa é que se tenha avançado nos recessos da alma, que se tenham dissolvido as brumas que a cercam.

Aurora ou noite, amor ou morte tudo quanto reflita o poema deve conter, isto sim, a expressão de uma realidade.

E a intuição restará sendo a grande força dos artistas, alavanca propulsora capaz de encadear uma emoção a outra emoção, de ligar os sentimentos mais opostos, de representar uma iluminação (que o artista nem sempre percebe) uma súbita iluminação sobre objetos e seres até então confundidos na mesma incompreensão e no mesmo espanto.

Do ponto de vista cronológico, a dança pode ser colocada como a mais antiga arte praticada pelo homem. Ela aparece na história da humanidade com os primeiros movimentos da criatura humana. Apresenta-se como o gesto, a princípio instintiva e em seguida estudada. Primeiro sòzinha e depois ajudando a poesia e a música.

Dentre as artes rítmicas a música cria o belo utilizando-se de elementos

sonoros: tons, melodias, harmonias, ritmo, a voz e instrumentos.

A grandeza da música, o seu extraordinário poder de comunicação só depende de seu próprio meio de manifestação; por isso, a sua ação tem muito de revelação de um mundo, que só através dela está ao nosso alcance. Um mundo de beleza, de emoção, arrebatamento pacífico e fraternal (Rangel Bandeira).

Quanto à arquitetura uma das três artes compreendidas sob a denominação de artes do desenho — artes plásticas — é sem dúvida uma das que se deve ao gênio humano, cujas manifestações impressionam profundamente o espírito.

A arquitetura deve ser útil e precisa, não pode fugir às dimensões e ponderações. Um pequenino erro de cálculo e tudo vai abaixo.

As pirâmides, a esfinge, os jardins de Semírames, os templos da mitologia grega, os senados romanos, tudo é obra do gênio humano, obra arquitetônica, arte, cultura.

O teatro dispõe de diversas maneiras para expressar a sua mensagem. Tem o texto, o jôgo de cena, as qualidades mímicas dos atores. É por isso que em teatro não há arte pela arte, a arte pura. Em escultura, pintura, por exemplo, não havendo o movimento, o ritmo, a palavra, a impressão deixada no observador é puramente plástica, o que não acontece no teatro. Daí a razão porque as peças teatraes devem ser julgadas pelo conteúdo, a fim de se poder tirar uma idéia precisa do seu valor cultural e educativo (platão).

No conjunto clássico das seis belas-artes mencionadas, qual o lugar do cinema? O cinema é arte moderna.

Conta mais ou menos meio século de vida, o que é nada na história de uma arte tão promissora, com tão grande destino. No conjunto das belas-artistas tradicionais, entra o cinema, diz Carlos Ortiz, como conjugação grandiosa de elementos plásticos e ritmos de umas e de outras. Por isso, principalmente, se diz que o cinema é uma arte de síntese.

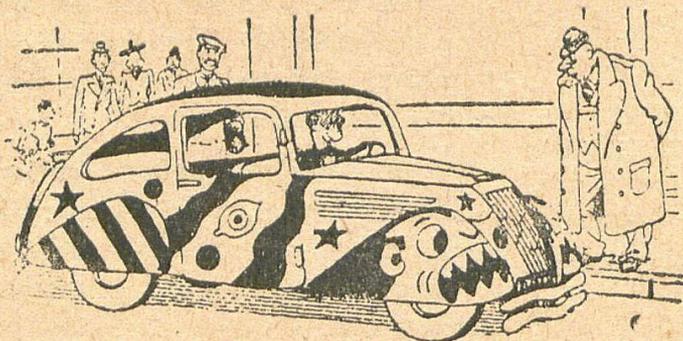
Modernamente se classifica o cinema como sétima arte, o caçula que cresce dia a dia em notável progresso em várias partes do mundo como: Estados Unidos, Inglaterra, Itália, França, Mé-

xico, Argentina e agora no Brasil (Rio e S. Paulo).

Inúmeros clubes de cinemas são fundados por aí.

A criação do cinema veio auxiliar o desenvolvimento da cultura educacional, pois ao mesmo tempo que é distração é um meio de cultura.

Fazendo, pois, um resumo das artes, fica aqui a apresentação da página "Cultura e Arte", cujo título diz bem o que pretendemos escrever nas próximas oportunidades.



— Talvez não seja muito bonito, mas tenho a impressão de que é capaz de espantar os ladrões de automóveis.

(Ric & Rac, Paris).

## Comércio e Indústrias Arguiso Ltda.

FORNECEDORES DA FORÇA PÚBLICA,  
EXÉRCITO E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

Rua Duque de Caxias, 144

Caixa Postal, 4062

Fone 36-2397

End. Teleg. «ARGUIISO»

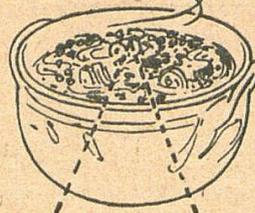
— SAO PAULO

# Feijoada **ARMOUR**

igualzinha à  
feita em casa

e que vantagem:

**JÁ VEM PRONTA PARA SERVIR!**



Agora é tão fácil  
comer uma deliciosa  
e completa feijoada!  
Basta comprar uma  
lata de FEIJOADA  
ARMOUR, — igual  
à feita em casa —  
aquecer e servir!



A "cozinha" já não é um problema!

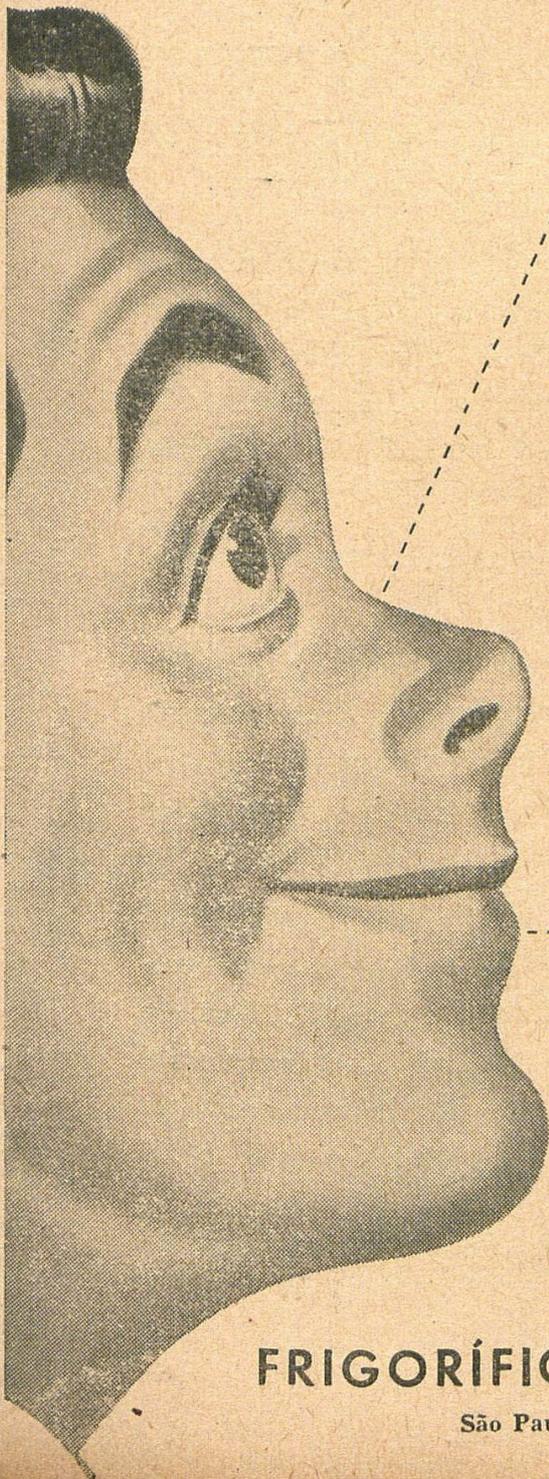
As "Refeições Armour"  
são gostosas, rápidas,  
sadias e econômicas!

**ARMOUR**

Produtos  
preferidos  
pela sua  
alta qualidade

**FRIGORÍFICO ARMOUR DO BRASIL S. A.**

São Paulo: Caixa Postal 8045 — Rio: Caixa Postal 264



## Bilhetes a um Aspirante (1)

### SÉTIMO BILHETE

#### REPRIME SEMPRE QUE FÔR NECESSÁRIO

*Mostraste aos teus soldados que os respeitas e que esperas ser respeitado e obedecido, por êles, sem vacilações.*

*Apesar disso um ou outro, ao receber uma ordem, poderá fazer um gesto de impaciência, demonstrar má vontade.*

*Que fazer? Deixar passar despercebida esta primeira manifestação? "Ela é tão leve... Não chega a ter expressão... Não está prevista como contravenção... Além disso a ordem foi cumprida... E' a primeira vez que semelhante indecisão se produz... e, mesmo, não passa de indecisão..." "Ora, dirão os graduados, êle é um ótimo rapaz!"*

*Eu te direi no entanto — Não deixes passar. Intervém. Age com inteligência e oportunidade..*

*Antes de tudo, não faças alarde dessas pequenas faltas, humilhando o culpado na presença dos seus camaradas. Foge, mesmo, de observá-lo em forma, que o coração de um homem bom, que não soube dominar um gesto inconsiente, embora lastimável, é coisa frágil.*

*Procura ocasião favorável. Faze-lhe sentir, em particular e sem mau humor, que ficaste aborrecido. Mostra-lhe as más conseqüências do seu ato de impaciência, de sua resposta, sôbre os companheiros de pelotão. Continua — "Minha confiança está enfraquecida. Entretanto, estou certo de que isto não se repetirá. Eu conheço você. Êste procedimento não é digno de você, etc."*

(1) Os BILHETES foram extraídos da obra de Arthur Deloge — CONDUIRE LES HOMMES ! (Nota do autor).

*Esta linha de conduta, afirmo-te, produz normalmente ótimos resultados. O indivíduo observado em particular é extremamente sensível. Corrige-se. Melhor ainda, torna-se, para os demais, em elemento de ponderação. Transforma-se em soldado modelo.*

*Nada de berros. Nada de irritação. O silêncio, a oportuna compreensão com os olhos são muitas vezes mais eloqüentes que o castigo. Depois, no primeiro ensejo, o pequeno "sermão".*

\*\*\*

### *Há reincidências?*

*Antes da parte ao Capitão, um "carão" bem dado na presença dos camaradas produz resultado salutar.*

### *Como aplicá-lo?*

*Cada um possui um modo próprio de fazê-lo. O essencial é que peses as palavras, que as expresses bem, evitando os termos vulgares e grosseiros. Não permitas réplicas ou perguntas. Foge do método socrático. Adota um ritmo e uma seqüência que não dêem ao culpado tempo para retrucar. Surpreende-o, acua-o, atordoa-o, de preferência durante uma formatura para que todos aproveitem da lição.*

*Aplicada a ducha — "Direita, volver!». «Ordinário, marche!». "Nem um pio!".*

*Nos momentos que se seguirem à admoestação, conserva o teu homem sob observação constante. Chama-o à ordem ao menor deslize, como se estivesses sob o império da indignação suscitada pelo seu comportamento. No entanto, no dia seguinte, distancia-te do ressentimento. Não apresentes aspecto amuado ou rancoroso.*

*De qualquer maneira, quando intervieres, faze-o com energia e polidez. Malha raramente, mas malha forte!*

\*\*\*

*Se não obtiveres êxito com os processos acima, transfere o problema ao teu Capitão, dá-lhe parte. Mais experiente, tomará as providências exigidas pelo caso.*

# DISTÚRBIOS POPULARES

## Seu contrôle, pela polícia, por meio dos agentes químicos não letais

*Cap. Cálido C. Montes*

Primeiro de uma série de três artigos

### I — DISTÚRBIOS POPULARES

#### DEFINIÇÃO:

Um distúrbio ou tumulto popular pode ser definido do seguinte modo: — «REUNIÃO ILEGAL DE POVO COM ATITUDE AMEAÇADORA, AGINDO COM DESORDENS E VIOLÊNCIAS, PODENDO DAÍ ADVIR DANOS A PESSOAS E PROPRIEDADES”.

Os distúrbios podem variar grandemente em organização, número de pessoas, armas e outros meios materiais empregados.

#### ELEMENTOS QUE O COMPÕEM

Os elementos encontrados em um tumulto popular, podem ser assim classificados:

- 1.º — CHEFES
- 2.º — MEMBROS ATIVOS
- 3.º — PERTURBADORES
- 4.º — ESPECTADORES

A maneira pela qual cada distúrbio se apresenta é um problema particular e sua solução dependerá das circunstâncias e da iniciativa do comandante da tropa que o atacar.

#### CONSIDERAÇÕES GERAIS

Entre as missões policiais atribuídas à Fôrça Pública está incluída a da repressão dos distúrbios populares. Necessitam, portanto, todos os seus elementos, ter os conhecimentos necessários ao emprêgo judicioso dos meios apropriados para tal, existentes na corporação, e conhecer quais os deveres e responsabilidades nesta classe de missão, de modo que possam tomar decisões com a necessária antecedência em tôdas as fases da ação. A hesitação em face de um distúrbio popular, é grandemente prejudicial. É necessária uma ação pronta e decisiva.

Os mais eficazes meios de ação contra os distúrbios populares, e dos quais a Fôrça Pública já está dotada, são os agentes químicos não letais.

#### VANTAGENS DOS AGENTES QUÍMICOS

Os agentes químicos empregados na repressão dos distúrbios populares, oferecem muitas vantagens sôbre outros agentes; si bem que de ação pronta e decisiva, não oferecem os perigos nem causam os males

produzidos pelas armas de fogo ou mesmo armas brancas. Estas armas, empregadas contra os componentes de tumultos populares, causam mortes e ferimentos, e as armas de fogo, pelo seu alcance, atingem com seus projéteis, elementos que não estão tomando parte no tumulto e que se encontram mesmo a grande distância.

Os agentes químicos tornam os turbulentos sem ação, impedindo-lhes de continuar as depredações e violências e põem-nos geralmente, em fuga.

Os agentes químicos têm ainda a grande e essencial vantagem de agirem rapidamente contra toda a massa de turbulentos ao mesmo tempo, ao passo que as armas de fogo, a não ser que se faça um morticínio, só agem diretamente contra alguns elementos.

## II — AGENTES QUÍMICOS APROPRIADOS A REPRESSÃO DOS DISTÚRBIOS POPULARES CLASSIFICAÇÃO

Os agentes químicos são substâncias geralmente irritantes, causadoras de pronunciados efeitos fisiológicos quando em contacto com o corpo humano. Usualmente esse efeito é determinado pelo período de exposição. Os agentes químicos podem ser convenientemente classificados de acôrdo com sua ação fisiológica. A seguinte classificação indica o efeito principal das substâncias próprias à repressão dos distúrbios populares:

LACRIMOGÊNEAS — CN  
FUMAÇAS DE CORTINA — HC  
FUMAÇAS IRRITANTES — DM.

Deve-se compreender que esta classificação indica meramente a ação principal dos vários agentes. Outros agentes e munições químicas podem ser aproveitados em situações especiais.

### PROPRIEDADES

As substâncias atrás enumeradas, e que são as mais eficientes na repressão dos distúrbios populares, têm as seguintes características:

#### LACRIMOGÊNEAS — CN

Classificação fisiológica:	— Cloracetofenona
Nome químico:	— Fenilclorometilcetona
Persistência:	← No verão: sólido, persistente por dias; a mistura arde em 10 minutos
	— No inverno: sólido, diversas semanas; a mistura arde em 10 minutos.
Classificação tática:	— Agente inquietante
Classificação fisiológica:	— Lacrimogêneo

<b>Odor no ar:</b>	— Em baixa concentração, como flor de macieira
<b>Ação sobre metais:</b>	— Escurece ligeiramente o aço.
<b>Estabilidade em armazenagem:</b>	— Estável
<b>Ação com a água:</b>	— Nenhuma
<b>Ação fisiológica:</b>	— Irritação da pele e dos olhos
<b>Primeiros socorros:</b>	— Lavar os olhos com ácido bórico e a pele com uma solução morna de carbonato de sódio
<b>Odor perceptível:</b>	— 0.0002/1.000 pés cúbicos de ar.
<b>Concentração intolerável:</b>	— Exposição de 3 minutos 0.012 onças/1.000 pés cúbicos de ar.
<b>Processo neutralizante:</b>	— Solução forte de carbonato de sódio quente
<b>Proteção exigida:</b>	— Máscara contra gases, filtro absorvente

### RESUMO HISTÓRICO

O CN não foi empregado na guerra de 1914-18. Tem apenas sido usado com sucesso em pequenas revoluções, no controle de distúrbios populares e na proteção de edifícios. O processo de manufatura se desenvolveu no arsenal de EDWOOD desde a guerra de 1914. Atualmente este agente é fabricado para fins comerciais. É de muita utilidade para treinamento.

### FUMAÇA DE CORTINA HG

<b>Nome comum:</b>	— Mistura HC
<b>Nome químico:</b>	— Hexacloretano
<b>Símbolo:</b>	— HC
<b>Persistência:</b>	— Somente quando em queima
<b>Classificação tática:</b>	— Fumaça de cortina
<b>Classificação fisiológica:</b>	— Nenhuma
<b>Odor no ar:</b>	— Acre, sufocante (fumaça)
<b>Ação sobre metais:</b>	— Nenhuma, quando seco
<b>Estabilidade de armazenagem:</b>	— Estável
<b>Ação fisiológica:</b>	— Nenhuma quando sólido, ligeiramente sufocante pela fumaça pesada
<b>Primeiros socorros:</b>	— Desnecessários
<b>Proteção exigida:</b>	— Nenhuma

### RESUMO HISTÓRICO

Esta mistura é um processo de após guerra (1914-18). É mais estável e eficiente por unidade de peso do que a mistura BM e o tipo de tubo inglês S, empregado durante a guerra mundial. Entretanto, os seus componentes são mais caros que os da mistura BM. Os tubos ao se queimarem têm um efeito incendiário.

## FUMAÇA IRRITANTE — D M

Nome comum:	— Andamsita
Nome químico:	— Difenilaminaclorarsina
Símbolo:	— DM
Persistência:	— No verão, 10 minutos a descoberto. No inverno 10 minutos a descoberto
Classificação tática:	— Agente inquietante
Classificação fisiológica:	— Esternutatório, fumaça irritante
Odor no ar:	— Nenhum pronunciado
Ação sobre metais:	— Insignificante
Estabilidade de armazenagem:	— Estável em recipiente de aço
Ação fisiológica:	— Dor de cabeça, náuseas, espirros, violentos, seguidos de depressão física temporária
Primeiros socorros:	— Respirar concentração baixa de clo- ro de garrafas de clorureto de cal.
Odor perceptível:	— Quase nenhum odor para a média dos homens
Concentração intolerável:	— 3 minutos exposto a 0.005 onças por 1.000 pés cúbicos de ar.
Concentração letal:	— 30 minutos exposto a 0.65 onças por 1.000 pés cúbicos de ar
Processo de neutralização:	— Cloro gasoso, água de cal
Proteção exigida:	— Melhor tipo de filtro de máscara

### RESUMO HISTÓRICO

Este agente foi preparado pela primeira vez, pelo «AMERICAN CHEMICAL WARFARE RESEARCH» durante a guerra mundial (1914-18). Não foi usado na frente. É de particular aplicação nas arruaças populares, pois ocasiona apenas acidente temporário.

### EFICIÊNCIA

De acôrdo com a energia de sua ação, os agentes químicos são grupados na ordem abaixo, a começar pelo menos forte:

MISTURA HC, EM GRANADAS (Tipo queima)

MISTURA CN, idem

MISTURA CN-DM, idem

DM EM TUBOS QUÍMICOS.

### MUNIÇÃO APROPRIADA

As munições seguintes são as mais apropriadas ao uso no caso dos distúrbios populares:

GRANADAS DE MÃO LAGRIMOGÊNEAS — CN

GRANADAS DE MÃO IRRITANTES — CN-DM

GRANADAS DE MÃO FUMIGENAS — HG

PROJÉTEIS LAGRIMOGÊNEOS PARA FUZIL — CN

PROJÉTEIS IRRITANTES PARA FUZIL — CN-DM

TUBO IRRITANTE — DM.



# Sete Ma ARTE

## ÊXITOS E ERROS DO CINEMA NACIONAL

Nunca será demais ressaltar a importância do cinema. Culturalmente, é o mais extraordinário instrumento de divulgação das idéias e de conhecimento entre os povos. Enquanto os mais conhecidos e prestigiados escritores jamais conseguem, para os seus livros, edições maiores do que dois ou três mil exemplares, duas ou três mil pessoas, de duas em duas horas, lotam as salas de projeção cinematográfica. Sob o aspecto econômico, basta recordar que somente os cinemas da capital paulista, no decorrer do ano de 1950, venderam cerca de 40 milhões de ingressos.

O cinema é a terceira indústria norte-americana, vindo em seguida às indústrias do petróleo e do aço. Canaliza para os Estados Unidos, somente pelos filmes vendidos ao Brasil, uma importância que já se aproxima dos 300 milhões de cruzeiros por ano. Com esta soma, poderíamos realizar em nossa Pátria, 300 filmes brasileiros, que teriam as vantagens da língua, das histórias e da preferência popular.

### O FILME BRASILEIRO

O Cinema Nacional, ao contrário do que muita gente supõe, já antes do advento do som principiava a alcançar paridade numérica e artística com a produ-

---

Ortiz Monteiro

Crítico de cinema da "Folha da Manhã", professor de História do Cinema do Museu de Arte de S. Paulo e presidente em exercício da Associação Paulista de Cinema.

---

ção dos países mais adiantados. Em plena era da cena muda, fêz-se cinema no Recife, em Cataguazes, no Rio de Janeiro, em S. Paulo e Campinas. O cinema nacional possui, pois, uma tradição de lutas e dificuldades arduamente vencidas.

Hoje, o filme brasileiro está vitorioso, sob vários aspectos, tendo desmentido os pessimistas que apregoavam a impossibilidade do Brasil fazer um bom cinema. Ninguém, portanto, deverá duvidar, que, em igualdade de condições, o cinema brasileiro nada tem a temer em face do estrangeiro.

### VITÓRIA DA TÉCNICA

Quem viu o último filme da Vera Cruz, intitulado *Angela*, deve ter ficado convencido de que o cinema brasileiro, além de ser uma realidade econômica, além de render muito mais dinheiro do que os filmes estrangeiros, está definitivamente vitorioso no setor da técnica. A fotografia de "Angela" é impressionantemente límpida e bem iluminada. A música, a sonorização e a gravação dos diálogos, também foram muito bem cuidadas.

A consolidação desses bons aspectos do filme brasileiro, está assegurada, mormente agora, em que todo mundo fala

de cinema, não mais com a preocupação de procurar conhecer as bisbilhotices de estúdio, mas, com a consciência da importância cultural e econômica desse novo campo de trabalho para o nosso país.

Para essa tomada de consciência, foram decisivos os esforços de organizações como o Seminário de Cinema do Museu de Arte de S. Paulo, e, como a Associação Paulista de Cinema, que congrega diretores artísticos e técnicos, interpretes, críticos especializados e estudiosos do assunto.

### O ERRO PRINCIPAL

Vitorioso, técnica e economicamente, que falta ser superado no cinema brasileiro?

O argumento é a grande debilidade dos nossos filmes.

*Caiçara*, *Presença de Anita*, *Terra Sempre Terra*, *Suzana e o Presidente*, e mais recentemente *Angela*, lançaram mão de histórias sem interesse e sem conteúdo humano, além de mal construídas do ponto de vista do desenvolvimento dramático.

Qualquer das histórias usadas nos filmes citados, tanto poderia ser filmada no Brasil, como na Europa ou na América do Norte. São histórias cosmopolitas, que não possuem o menor interesse brasileiro e nacional.

A história de *Caiçara*, quando apresenta o povo, é sempre de maneira pouco digna e invariavelmente injusta. Vendo as pessoas do povo mostradas nesse filme de Cavalcanti, temos a impressão de que o povo do Brasil é desfibrado, indolente e licencioso.

A história de *Presença de Anita e Terra Sempre Terra*, é um elogio franco do adultério, fato que não condiz com os costumes e as tradições do povo de nossa Pátria.

Já tendo resolvido os demais problemas, resta, pois, ao cinema nacional, resolver o problema das histórias. No dia em que forem filmadas as humanas, simples e originalíssimas histórias de nossa gente e do nosso país, o cinema brasileiro passará a interessar, não só aos circuitos exibidores do território nacional, mas, às telas de todo o mundo.

A maior organização de Rádios, Refrigeração, Máquinas de Costura,  
Bicicletas e Material Elétrico

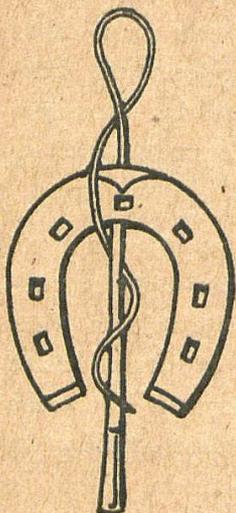
Representantes e importadores de afamadas marcas americanas e européias

VENDAS EM 20 PRESTAÇÕES

**RÁDIOS BELMONTE LTDA.**

UM NOME — UMA TRADIÇÃO — UMA GARANTIA

Rua São Caetano, 315 — Fone 34-6038 — S. PAULO



# O cavalo de sela

## Tipo e condições exigidas para um cavalo de sela ideal

1.º ten. Félix B. Morgado

O bom cavalo de sela deve possuir uma série de requisitos concernentes ao seu emprêgo como meio de condução (em condições ideais), paralela a uma série de elementos de beleza. O tipo ideal, então, não poderá prescindir de nenhum desses fatores de eficiência e de estética, pois todos eles estarão conjugados entre si, harmoniosamente, como peças preciosas d'ua máquina de precisão. O cavalo de sela, sob o ponto de vista militar, será uma condução, de cuja utilidade, capacidade de resistência, estado de higidês, aptidão para o serviço em campanha, dependerá, certamente, o êxito da unidade que a utilizar, nas progressões e nos combates a cavalo. Assim é que, nas unidades de cavalaria, o cavalo de sela, ao lado dos animais destinados ao transporte de carga, de metralhadoras e tração de viaturas hipomóveis, desempenha uma função relevante, em virtude da qual a sua seleção deve ser apurada e racional, baseada, sobretudo, em requisitos de caráter técnico, isto é, relacionados com as exigências do serviço de remonta, sob o ponto de vista militar e veterinário.

O cavalo de sela, destinado a um serviço ativo nas unidades de cavalaria deve, além de ter a altura mínima de 1,45 cms., de 3 a 8 anos de idade (cond. do S. N. Remonta), achar-se em perfeito estado de higidês, livre de taras das diversas espécies, ser dotado de boas proporções físicas, arcabouço ósseo sólido, equilíbrio natural, facilidade de respiração, andaduras rasantes, aprumos bons, resistência e fôrça, garupa bem conformada, corrente sanguínea apurada, membros fortes e bem orientados, jarretes possantes, pés bem feitos, cabeça bem inserida e ainda requisitos de beleza.

**BOAS PROPORÇÕES FÍSICAS,** condicionadas a uma relação ideal entre os membros, isto é, que o comprimento dos membros seja proporcional ao do tronco, assim como o tamanho do pescoço e da cabeça, dos cascos, etc. Um cavalo bem proporcionado será certamente um animal resistente e de fôrça, como u'a máquina cujas peças foram bem fabricadas e adaptadas.

**ARCABOUÇO ÓSSEO SÓLIDO,** possante, determinado por ar-

ticulações compactas e vigorosas, ossos bem orientados e simétricos, pouco sujeitos, desta forma, a taras.

**FACILIDADE PARA O MOVIMENTO**, mediante raios articulares amplos, determinantes de gestos fáceis e largos. Um cavalo nestas condições possuirá andaduras desenvolvidas e de grande rendimento, pois serão baixas e amplas, sem acarretarem grande dispêndio de energia.

**EQUILÍBRIO NATURAL**, isto é, disposição dos membros em relação ao tronco de forma simétrica, como colunas perpendiculares ao solo. Tal equilíbrio que garante a firmeza e a regularidade das andaduras, permite ao cavalo estar sempre senhor das suas forças, passar com facilidade da andadura viva para a lenta e inversamente, ser fluente nas suas ações e apresentar facilidade para o adestramento.

**FACILIDADE DE RESPIRAÇÃO**, determinada por um peito largo, uma caixa torácica desenvolvida. Quanto maior a distância entre a ponta duma espádua e a outra, maior será a capacidade de elasticidade da caixa torácica e, em consequência, o cavalo poderá renovar fácil e abundantemente o ar dos pulmões, por meio duma respiração volumosa e cadenciada, refazendo-se, desta forma, dum esforço físico intenso rapidamente.

**ANDADURAS** que permitam ao cavalo ganhar o máximo de terreno com o mínimo de esforço. As andaduras baixas são as preferidas, pois são as menos fatigantes, tanto para o cavaleiro quanto para o cavalo, além de serem mais rendosas. Se o trote é uma andadura de estrada, o galope

é a andadura do combate. Assim, o cavalo militar deve, antes de tudo, saber galopar bem e estar em condições de fazê-lo durante longo tempo.

**APRUMOS BONS** determinados pela boa disposição dos membros em relação ao tronco e direção tomada por eles. A questão dos aprumos é importante pois deles dependem, em grande parte, a força, a resistência e mesmo as aptidões locomotoras do animal. A boa direção dos membros, em repouso e em marcha, proporciona ao cavalo maior solidês e estabilidade, movimentos mais livres e fáceis. Ao contrário, maus aprumos trazem fraqueza, diminuição de velocidade, ruína dos membros, causam graves defeitos de andadura, impossibilitando o emprêgo do cavalo, muitas vêzes, em certos serviços. Os aprumos são bons quando os membros estão na vertical, isto é, perpendiculares ao solo (cavalo parado).

**RESISTÊNCIA E FÔRÇA**, proporcionadas por uma região dorsal horizontal, ou ligeiramente inclinada de trás para diante, o que favorece a ação impulsiva dos rins; encilhado bem feito, com um garrote acentuado e alongado para trás; rins bem protegidos, bem inseridos e saudios, sem apresentarem solução de continuidade entre o dorso e a garupa, já que eles constituem a sede da flexibilidade do tronco e, em consequência, a zona onde são amortecidas as reações apresentadas pelas mudanças de andadura, de velocidade e de direção.

**GARUPA BEM CONFORMADA**, longa, suficientemente inclinada, larga, bem musculosa e perfeitamente

simétrica. Seu comprimento favorece a ação dos músculos que se fixam na sua ossatura, aumentando assim a força propulsora transmitida à máquina animal pela ação dos membros posteriores.

**CORRENTE SANGUINEA A-PURADA**, com um teor de sangue inglês bom, mediante boa filiação. (Índice de resistência, energia, força e facilidade de adestramento).

**ESPADUAS LONGAS**, oblíquas, bem postas e musculosas, que significam força e velocidade, além de, conjugadas com a boa orientação do garrote, facilitarem o equilíbrio, por uma judiciosa distribuição do peso do cavaleiro.

**MEMBROS FORTES**, bem orientados, importantes que são como suportes do corpo do cavalo. A sua má conformação representa defeito grave e mesmo completa anulação do sistema motor da máquina animal. Devem ser bem musculados, bem articulados e orientados, bem como possuir articulações baixas (húmeros e fêmures longos), o que proporciona facilidade de movimentos, pela amplitude dos raios articulares. As articulações baixas estão menos sujeitas às taras das diversas espécies.

**JARRETES POSSANTES**, já que são as articulações mais importantes do cavalo, como centro dos movimentos dos membros posteriores. É necessário que sejam sólidamente constituídos, para sustentar, pelo po-

der da sua elasticidade, a ação dos músculos do post-mão, bem como resistir à reação que se produz nos movimentos de elevação (durante os saltos), movimentos de grande velocidade, paradas bruscas em andaduras vivas. Devem ser secos, largos entre a dobra e a ponta, espessos de lado a lado e bem orientados, isto é, paralelos ao eixo do corpo.

**PÊS BEM FEITOS** e orientados, munidos de cascos sólidos e bem conformados, de ranilhas perfeitas e sadias. A orientação dos cascos está incluída na questão dos aprumos e representa uma parte de capital importância no decorrer da vida do cavalo e no seu comportamento durante o trabalho. Pés desviados da orientação ideal, isto é, para dentro ou para fora, acarretam distúrbios nas andaduras e, o pior, sensível encurtamento na usura do cavalo.

**CABEÇA BEM INSERIDA** num pescoço carnudo, musculoso e bem plantado no tronco.

**REQUISITOS DE BELEZA**: cabeça seca, pequena e bem feita, orelhas pequenas, bem talhadas e erectas; pelagem, cauda e crina sedosas; proporções ideais, atitudes elegantes, etc.

Essas são as qualidades que deve possuir um bom cavalo de sela, considerando-o como um fator de importância capital para a eficiência das unidades de cavalaria, dentro das quais o cavalo representa tudo.

—:—

“Arduo é o trabalho que se faz de má vontade”.

# INCONFUNDIVEL!



Cerveja

**FAIXA AZUL**  
de ANTARCTICA

PERL

# Federalização das Polícias Militares

Voltou-se a falar da federalização das Polícias Militares. Os jornais da Capital Federal e dos Estados estamparam "manchettes" a respeito. Altas autoridades manifestaram-se sobre o caso, pois sua efetivação exigiria reforma da Carta Constitucional. Tais comentários, como não poderia deixar de ser, provocaram justo alarme no seio das corporações visadas pela reforma. Isto porque não podemos admitir que ninguém seja mais interessado na sorte das nossas Instituições do que nós mesmos, que aprendemos a servi-las com amor e dedicação e temos o propósito de, servindo os nossos Estados, transmiti-las mais engrandecidas aos que nos sucederem, sempre com os olhos voltados para a imagem sagrada da Pátria.

Movimentou-se a caserna miliciana de norte a sul com o objetivo de reunir subsídios para a possível modificação. Nesse movimento surgiu necessariamente a figura de líder de Peres Barbosa. Sem perda de tempo procurou o deputado federal Arruda Câmara, tenente-coronel honorário da Polícia Militar de Pernambuco e grande amigo das Polícias Militares, com o qual efetivou o substitutivo Arruda Câmara ao projeto de Federalização.

Como sabemos o interêsse que o assunto tem despertado nas co-irmãs e entre nós, publicamos o referido substitutivo para que, com sua ampla divulgação, todos os camaradas possam apresentar seus pareceres sobre o mesmo.

É o próprio Peres Barbosa quem diz, com seu humor objetivo: "*Aí está*

*porque dei a este substitutivo o nome de Boi da Piranha. Devorem-no, mas depois mandem-no para cá com outras roupagens e com o recheio das sugestões que êle aí ditar, para que possamos, aqui, sintetizar tudo num projeto mais apresentável e mais completo*".

Estão, pois, com a palavra, sobre tão magno assunto, todos os milicianos do Brasil.

## SUBSTITUTIVO ARRUDA CAMARA

Art. 1º — As Policias Militares são instituições armadas de caráter permanente, e, como forças auxiliares, reservas do Exército, nos termos do artigo 183 da Constituição.

Parágrafo único — A Polícia Militar do Distrito Federal continua subordinada ao Ministério da Justiça e Negócios do Interior, as dos Estados e Territórios, aos respectivos governadores.

Art. 2º. — Serão reorganizadas as Policias Militares nos termos da presente Lei, pelos respectivos govêrnos.

Art. 3º — A estruturação dos quadros será a seguinte:

- a) Comando Geral e Serviços;
- b) Corpos de tropa de infantaria e cavalaria semelhantes aos do Exército;
- c) Unidades especiais com organização, armamento, equipamento e outros peçchinhos inerentes ao desempenho das finalidades a que se destina a corporação;
- d) Corporações de bombeiros e de salvamento, quando militarizados.

§ único — Tôdas as demais corporações policiais existentes no Distrito Federal, nos Estados e Territórios, serão enquadradas nas respectivas policias militares, passando a constituir unidades constantes da alinea "c" do presente artigo.

Art. 4.º — Destinam-se as Polícias Militares:

a) garantir a ordem e a segurança pública no Distrito Federal, nos Estados e Territórios;

b) atender à convocação do Governo Federal, nos casos de guerra externa ou civil, ficando assegurados ao seu pessoal, nessas hipóteses, os vencimentos e vantagens atribuídas ao Exército, quando forem inferiores.

Art. 5.º — As Polícias Militares serão formadas por alistamento voluntário de brasileiros natos, de 17 a 30 anos de idade, reservistas ou não.

§ 1.º — Será considerado reservista de 1.ª categoria o cidadão incluído na corporação, quando excluído por conclusão de tempo, e bem assim todo aquele que for desligado do curso de formação de oficiais, que tenha pelo menos um ano de aproveitamento; nos demais casos receberá certificado de reservista de segunda categoria o excluído que seja considerado mobilizável.

§ 2.º — Para os efeitos do parágrafo anterior, o tempo de serviço será de dois anos.

§ 3.º — Os oficiais das Polícias Militares, quando demitidos, a pedido, ingressarão na reserva não remunerada, com o posto que tinham no serviço ativo.

Art. 6.º — Será criado nas Polícias Militares o Quadro Suplementar (Q.S.), onde terão ingresso os oficiais que deixarem o serviço ativo, até a sua reforma definitiva.

Art. 7.º — O Comando Geral será exercido em comissão por oficial superior do serviço ativo das Polícias Militares, ou das Forças Armadas Nacionais, de preferência entre os que possuam o curso de aperfeiçoamento da sua corporação, ou da Escola de Armas.

Parágrafo único — O oficial investido no cargo de Comandante Geral será comissionado no posto mais elevado da Corporação, sempre que sua patente for inferior a esse posto.

Art. 8.º — Os postos e graduações nas Polícias Militares terão as mesmas denominações e hierarquia das do Exército, até coronel, inclusive.

Art. 9.º — Serão iguais em todo o território nacional os uniformes do pessoal das Polícias Militares.

Art. 10 — Em princípio, haverá nas Polícias Militares os seguintes quadros:

a) de oficiais combatentes;

b) de oficiais de serviços;

c) de praças de fileira e de especializadas.

Art. 11 — O ingresso no primeiro posto de oficial combatente se fará através do curso de formação, e, no de saúde, mediante concurso de provas, sendo o de administração provido por sargentos mediante curso adequado ou concurso para esse fim promovido.

Art. 12 — Os uniformes, distintivos e insígnias das Polícias Militares são privativos de seus oficiais e praças.

Art. 13 — É vedado às Polícias Militares possuir artilharia, aviação de guerra e carros de combate, salvo carros blindados.

Art. 14 — As Polícias Militares que não possuírem curso de formação de oficiais, e enquanto não o criarem, deverão matricular seus elementos nos congêneres de outras corporações.

§ único — Para especialização ou aperfeiçoamento dos oficiais das Polícias Militares que satisfizerem as exigências serão reservadas matrículas, anualmente, nos cursos mantidos no Exército.

Art. 15 — Aos oficiais das Polícias Militares serão assegurados os mesmos direitos, garantias e prerrogativas atribuídos aos oficiais do Exército.

Art. 16 — As praças que contarem mais de 10 anos de serviço, ininterruptos, servirão independentemente de reenajamento.

Art. 17 — As praças julgadas incapazes para o serviço ativo, por junta médica, desde que contem mais de cinco anos de serviço, serão reformadas com tantas vigéssimas quintas partes dos vencimentos, quantos forem os anos de serviço, até o máximo de trinta.

§ 1.º — Indepe de do tempo de serviço a reforma com vencimentos integrais, quando motivada por incapacidade conse-

qüente de ferimentos, ou moléstia adquirida em serviço.

§ 2.º — Aplica-se igualmente o dispositivo no parágrafo anterior aos casos de reforma do militar portador de tuberculose aberta, alienação mental, neoplasia maligna, cegueira, lepra, câncer, paralisia, ou cardiopatia irrecuperável.

Art. 18 — A transferência para o quadro suplementar (Q.S.) dar-se-á:

a) voluntariamente, quando contar o militar mais de vinte e cinco anos de serviço;

b) ex-officio, quando for atingida a idade limite, por sentença judicial passada em julgado, ou por indignidade apurada em processo em que se assegure ampla defesa do acusado.

Art. 19 — Receberá o oficial ou praça inativo vencimentos integrais, quando contar mais de trinta anos de serviço e nos, demais casos, tantas vigésimas partes dos vencimentos quantos forem os anos de serviço ativo.

§ único — Será computado para os efeitos dêste artigo o tempo de serviço público federal, estadual, municipal ou para-estatal.

Art. 20 — O limite máximo de idade para permanência em serviço ativo será:

I) - Coronel .....	60 anos
II) - Tenente Coronel .....	58 anos
III) - Major .....	54 anos
IV) - Capitão .....	50 anos
V) - 1.º e 2.º Ten. e praças ..	46 anos

Art. 21 — Serão adotados nas Polícias Militares, no que lhes for aplicável, os regulamentos de instrução militar vigentes no Exército, bem como os Regulamentos Internos dos Serviços Gerais dos Corpos de Tropa e o Regulamento de Continência.

Art. 22 — As promoções nas Polícias Militares serão por antiguidade, merecimento, ou bravura.

a) ao posto de coronel, por merecimento;

b) ao posto de tenente coronel, três quartos por merecimento e um quarto por antiguidade;

c) ao posto de major, um terço por antiguidade e dois terços por merecimento;

d) ao posto de capitão, metade por merecimento e metade por antiguidade;

e) ao posto de primeiro tenente, metade por antiguidade e metade por merecimento;

f) ao posto de segundo tenente, por merecimento intelectual, apurado em curso de formação, obedecida a precedência de turma.

§ 1.º — Excetuada a declaração de aspirante a oficial, o acesso na hierarquia militar será gradual e sucessivo, não podendo oficial algum ser promovido sem que possua o intertício legal e satisfaça as condições de robustez física, idoneidade moral e profissional.

§ 2.º — As promoções por ato de bravura somente serão feitas em casos excepcionais, e mediante proposta motivada do Comando Geral.

§ 3.º — Nos casos de reforma por incapacidade conseqüente de ferimento, ou moléstia adquirida em serviço, o militar será promovido ao posto imediato qualquer que seja o tempo de serviço.

Art. 23 — É vedado o comissionamento nas Polícias Militares, salvo o caso do Comandante Geral.

Art. 24 — É assegurado aos oficiais, sub-oficiais e sargentos das Polícias Militares o recurso contra preterições que sofram quanto a promoção.

Art. 25 — O pessoal integrante das Polícias Militares terá fôro especial, nos delitos Militares, de acordo com o artigo 124, n.º XII, da Constituição, sendo-lhes aplicado o Código Penal Militar.

Art. 26 — Para superintender, orientar e fiscalizar a instrução e o ensino não Polícias Militares, é criada a Diretoria das Polícias Militares, subordinada ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, que deverá ser organizada, pelo Governo Federal, dentro de um ano, a partir da publicação da presente Lei.

Art. 27 — A Diretoria das Polícias Militares será sediada na Capital da República com a seguinte constituição:

I) - Diretor Geral — General;

II) - Sub-Diretor — Coronel do Exército;

III) - Secretário Geral — Oficial superior de Polícia Militar;

IV) - Diretor de instrução militar — Oficial superior do Exército;

V) - Diretor de instrução e técnica policial — Oficial superior da Polícia Militar;

VI) - Um oficial de cada Polícia Militar.

§ único — Serão requisitados, pelo Diretor Geral, os oficiais e praças indispensáveis às exigências do serviço.

Art. 28 — A instrução militar obedecerá às Diretivas emanadas do Estado Maior do Exército.

Art. 29 — Nas medidas das suas possibilidades, os Estados que ainda não

têm o Instituto do Montepio Militar o criarão para o pessoal das respectivas Polícias Militares.

Art. 30 — Será assegurada, nos termos do artigo 141, § 9.º, da Constituição Federal a assistência religiosa às Polícias Militares.

Art. 31 — São mantidas as concessões honoríficas outorgadas nas Polícias Militares até a data de 18 de setembro de 1946.

Art. 32 — Continuam em vigor, nas Polícias Militares, nos pontos que não colidirem com a presente Lei, os dispositivos legais e regulamentares federais e estaduais.

Art. 33 — Revogam-se as disposições em contrário.

(a) Arruda Câmara

—:—

**UMA VEREANÇA EFICIENTE  
POR UM PASSADO HONRADO**

**capitão**

**Salvador NICOLACI**

**Um trabalhador na defesa dos  
que trabalham**



# “FARRAPOS”

“A imprensa é o clarim dos povos”

RUI BARBOSA

Acaba de soar no extremo sul da Pátria o vibrante toque de mais um clarim da imprensa milicianiana. Vem incorporar-se a “Militia”, “Libertas”, “Sentinela”, “O Treme-Terra” e “Guararapes” para, com seus acordes, soprados pelo minuano, reforçar a fanfarra, que em clarinadas de civismo, se propõe a anunciar a todos os patrícios os nossos anseios de melhor servir o Brasil, dentro dos próprios Estados.

Juntamos às nossas palavras de boas-vindas, algumas de advertência, que tivemos ocasião de publicar no editorial do n.º 8.º de “Militia”:

*“A publicação periódica em muito se assemelha ao homem. Débil ao nascer e frágil no transcorrer do primeiro ano de vida, está sujeita a tão variados males como os que atacam a infância nesse período delicado da existência humana”.*

Nasceu robusto mesmo o pimpolho da Brigada Gaúcha e a êle não faltará, estamos certos, o leite de ideal que alimentou Bento Gonçalves e tantos outros, destinando-os à imortalidade. O néo-brigadiano, vindo à luz no mês de julho, dá mostras de pujante vitalidade e de invulgar ânimo combativo, características dos filhos das intérminas campinas riograndenses. No seu primeiro número já se assemelha ao valoroso Regimento de David Canabarro, que em car-

gas estrepitosas alçava nas pontas de suas lanças a vitória almejada. “FARRAPOS” surgiu empunhando a bandeira que presidirá a Batalha dos Estatutos dos Militares da Brigada Militar.

No editorial, no artigo “Batalha do Estatuto” e na entrevista do deputado Mem de Sá, ataca-se de frente, com desassombro, a questão da carta máxima dos deveres e direitos dos camaradas sul-riograndenses. Nós, que tanto admiramos os velhos companheiros que na reserva ainda alimentam a chama viva do amor pelas suas corporações, externando-a em movimentos de solidariedade com os da ativa, sentimo-nos jubilosos ao constatar que, nesse movimento, tem tomado parte saliente o Centro dos Oficiais Inativo da Brigada. Aos bravos oficiais do C.O.I., a velha guarda da Brigada Gaúcha, a nossa admiração e os nossos cumprimentos.

Entre as medidas tomadas pelos brigadianos engajados na “Batalha dos Estatutos”, cumpre-nos assinalar aquela da mesa redonda, realizada no C.O.I., entre oficiais e representantes do povo. Para lá foram levados doze nobres deputados gaúchos — Lino Braun, Pio Muller Fontoura, Theobaldo Neumann, Caruso, Sueli Oliveira, Darcí Flôres Soares, Lima Beck, Cândido Norberto, Derli Chaves, Croaci, Hélio Carlomagno e Ariosto Jieger — que colocados a par das justas aspirações dos soldados do

seu torrão natal, hipotecaram-lhes irriterita solidariedade.

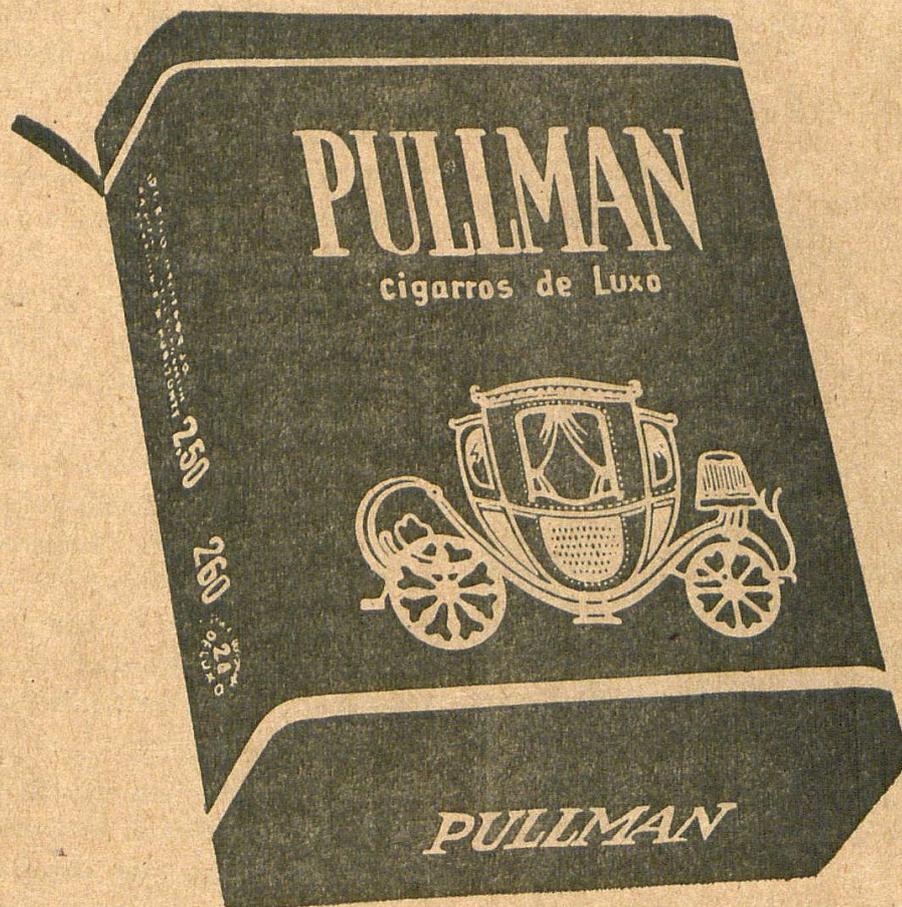
Para que sirvam de ensinamento a todos nós, dos demais Estados da União, reproduzimos as palavras do ilustre deputado Teobaldo Neumann o qual salientou a importância e a necessidade dos componentes de classe reunirem-se e alertarem os Representantes do Povo sobre ante-projetos de lei em andamento na Assembléia Legislativa. "Só assim deixarão de sair projetos de leis prejudiciais aos interesses de determinadas classes, sem que para tanto tenha havido intenção dos legisladores, pois, como todos sabem, são muitos, variados e complexos os assuntos sobre os quais têm de legis-

lar, podendo-lhes escapar aspectos cujas sutilezas são conhecidas, apenas dos interessados".

Permaneçam indelévels nas nossas memórias estas palavras do deputado Neumann! Inspire-nos o procedimento altamente elogiável dos camaradas do Sul, e as nossas corporações só terão um caminho a seguir: o que conduz "sic itur ad astra".

Quem nasce como "Farrapos", sob a égide do trabalho e do ideal, está destinado a longa e profícua existência.

MILITIA envolve "Farrapos" num abraço que é todo carinho e respeito, como o faria um adulto diante de um menino prodigioso e heróico.



# Cinqüentenário do 8.º B. C.

Origem — Um pouco de história — Festividades que assinalaram a data

Fotos do Sgt. João Tancler

## O PRIMEIRO COMANDANTE



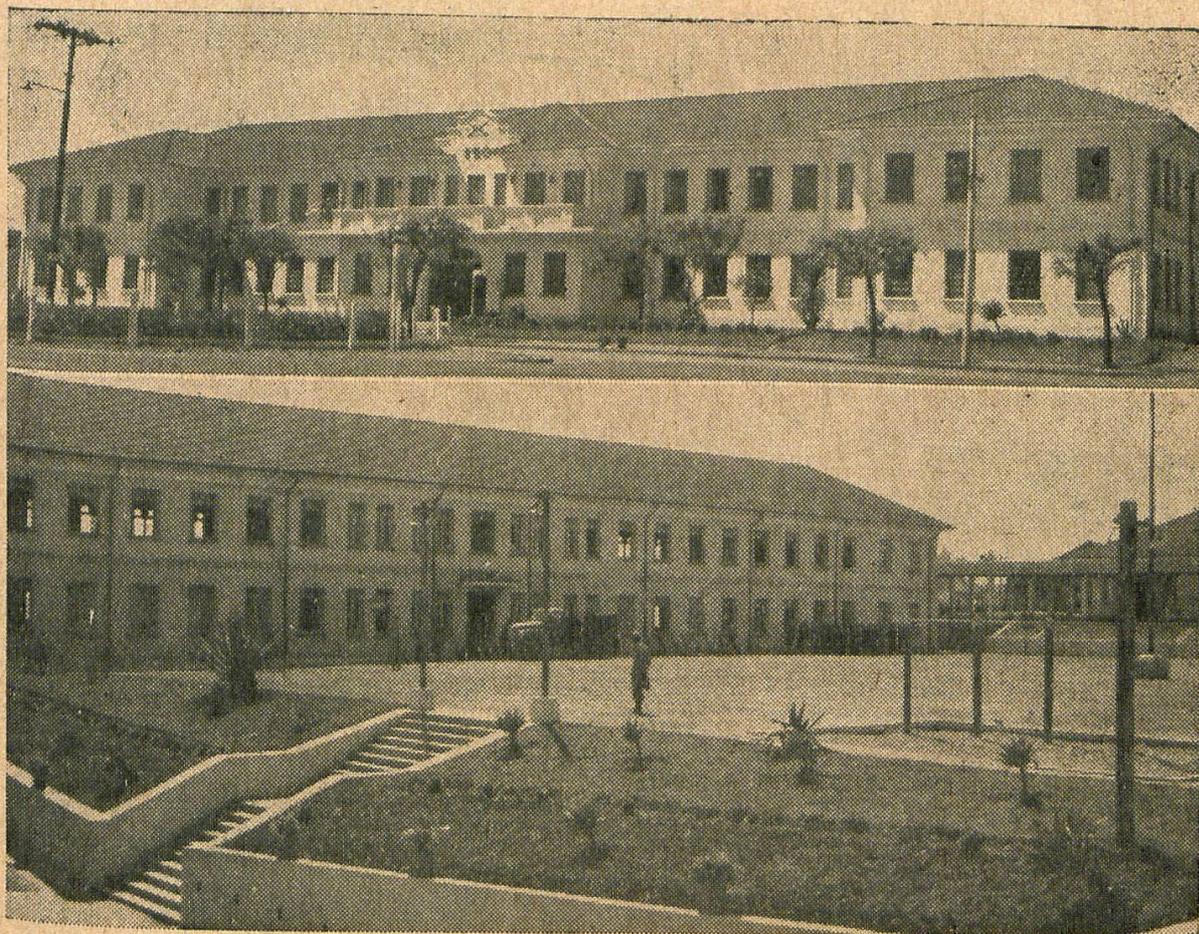
Ten. Cel. AIRES DE CAMPOS CASTRO  
(8-VIII-1901 a 10-IX-1902)

O 8.º B.C. teve sua origem no 3.º B.I. criado pela Lei n.º 776 de 28 de junho de 1901, que, reorganizando a Fôrça Policial do Estado, fixou-lhe o efetivo em 4.823 homens, distribuídos por 4 Batalhões de Infantaria, 1 Corpo de Cavalaria, 1 Corpo de Bombeiros e 1 Guarda Cívica da Capital.

O 3.º B.C. iniciou sua vida a 8 de agosto de 1901, quando seu primeiro comandante, o major Aires de Campos Castro, assinou a primeira ordem do dia, dando organização ao batalhão e distribuindo seus oficiais e praças pelas 4 companhias.

Localizou-se inicialmente o batalhão na cidade de São Paulo, tendo como sede o velho quartel existente à rua do Quartel, depois Onze de Agosto, “vestusto casarão, de feição antiquada e colonial”, no dizer do cel. Pedro Dias de Campos (*Quartéis da Capital* — 1912).

Ainda em São Paulo, ocupou antigo cinema adaptado para quartel, situado à rua Major José Bento, no Cambucí, que depois de abrigar por algum tempo o 2.º B.C.. foi reconstruído, servindo a-



Dois ângulos do quartel do 8.º B.C.,  
em Campinas.

tualmente de sede a uma estação de bombeiros.

Em 1927, transferiu-se o 3.º B.I., para um quartel especialmente construído para tal em Itapetininga. Nessa cidade ficou até 1932, quando se mudou para Campinas onde esteve por vários anos em casarões impróprios, transferindo-se — a administração em 1941 e em 1945 os demais elementos — para magnífico quartel que o Serviço de Engenharia construiu na Vila Industrial, à Avenida João Jorge.

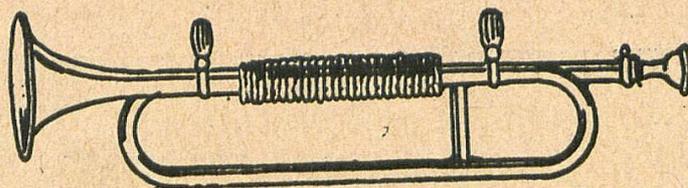
Desde sua criação, em 1901, como 3.º B.I., até hoje como 8.º B.C., — designação que recebeu em 1931 —

tem sido o batalhão encarregado do policiamento de determinada zona do interior do Estado. Variou várias vezes de setor, porém, dividido em pequenos destacamentos policiais, tem cumprido honrosamente a missão recebida.

E não tem sido ela destituída de sacrifícios e abnegação. Muitos de seus homens têm dado a vida em holocausto à manutenção da ordem pública e da preservação da vida e segurança de seus semelhantes até mesmo na luta contra a fúria dos elementos da natureza.

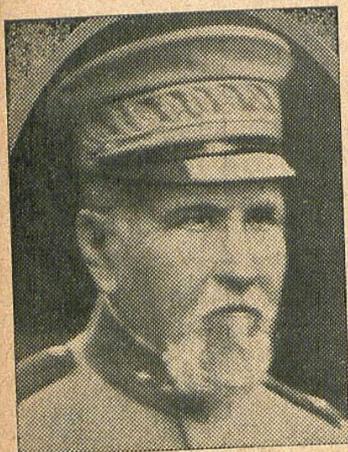
Porém, a par dessas atribuições, sempre que comoções intestinas perturbaram a ordem do país, deixou o 8.º

...E A CORNETA



SOOU «SENTIDO!» TAMBÉM PARA ÊSTES

II



Cel. Francisco Alves do Nascimento Pinto  
(10-IX-1902 a 25-XI-1907)

III



Ten. Cel. Antônio do Carmo Branco  
(25-XI-1907 a 15-IV-1910)

IV



Ten. Cel. Antônio José Rodrigues Monteiro  
(15-IV-1910 a 26-VI-1914)

V



Tel. Cel. Pedro Francisco Ribeiro  
(26-VI-1914 a 31-VIII-1918)

VI

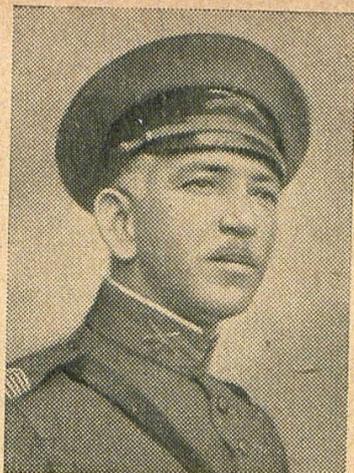


Ten. Cel. Artur de Paula Ferreira  
(31-VIII-1918 a 3-III-1924)

VII



Ten. Cel. Afro Marcondes de Rezende  
(3-III-1924 a 5-XI-1924)



VIII I



Ten. Cel. Patricio Batista  
da Luz  
(5-XI-1924 a 20-I- 1925)

Ten. Cel. Artur de Godoy  
(20-I-1925 a 7-V-1926)



X XI



Ten. Cel. Pedro de Moraes  
Pinto  
(7-V-1925 a 13-XII-1930)

Ten. Cel. João Procópio da  
Silva  
(18-XII-1930 a 24-XII-1931)



XII XIII



Ten. Cel. Azarias Silva  
(6-IV-1932 a 24-IV-1932)

Ten. Cel. Luiz Tenório de  
Brito  
(12-X-1932 a 22-X-1934)



XIV XV

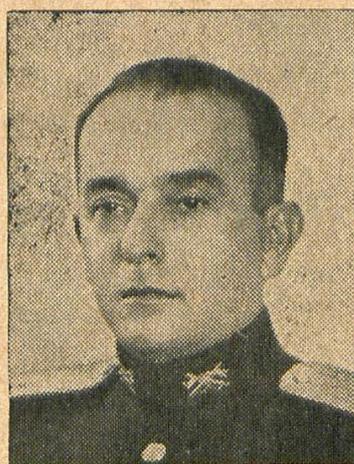


Ten. Cel. José Anchieta  
Torres  
(6-VII-1935 a 28-XII-1937)

Ten. Cel. João Máximo de  
Carvalho Filho  
(28-XII-1937 a 14-III-1938)



XVI XVII



Ten. Cel. Otávio Azeredo  
(14-III-1938 a 9-I-1939)

Ten. Cel. Firmino Gonçalves  
da Silveira.  
(5-II-1941 a 4-VI-1947)

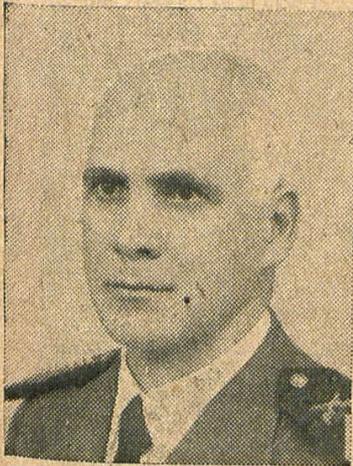


XVIII XIX



Ten. Cel. Antonio Amaro  
Sobrinho  
(28-VIII-1939 a 5-II-1941)

Ten. Cel. Mario de Azevedo  
(9-I-1939 a 28-VIII-1939)



Ten. Cel. Lúcio Rosales  
(24-V-1947 a 10-V-1948)



Ten. Cel. Demerval Maria-  
no  
(2-VII-1948 a 21-II-1949)



Ten. Cel. Laercio Gonçalves  
de Oliveira  
(21-II-1949 a 26-I-1950)

B.C. o revólver e o "Comblain" e, empunhando o fuzil e a metralhadora, marchou para o campo de luta. Assim em 1922, quando esteve em Itararé e Porto Ferreira. Bateu-se no Cambucí, Vila Prudente e Ipiranga, em 1924. Palmilhou o Ceará, Paraíba e Bahia, em operações de guerra, em 1926. Lutou, em 1930, em Faxina, Itararé e Ribeira.

Na Epopéia Constitucionalista, em 1932, quando o povo bandeirante se levantou, de armas na mão, para impôr ao Brasil o regime legal e que foi tão rica de atos heróicos, quando a mulher paulista despojou-se de suas jóias para transformá-las em "Ouro para Vitória", soube também o 8.º B.C. dar o seu quinhão de vida e de sacrifícios para o "Monumento Constitucionalista". No sul do Estado, nas barrancas legendárias do rio Paranapanema, escreveu o batalhão belíssimas páginas de amor ao Brasil e de civismo. Lutando em inferioridade numérica e provido de pouco material bélico, contra inimigo aguerrido e bem armado, o 8.º B.C. cumpriu bravamente a missão recebida, só se re-

traindo, em ordem e disciplinadamente, por imposição de ordem tática.

Nas lutas em que tomaram parte, mostraram os soldados do 8.º B.C. não ter sido vão o juramento que prestaram perante a Bandeira do Brasil "cuja honra, integridade e instituições defenderão com o sacrifício da própria vida", pois muitos deles ficaram supultados nos campos de batalha, quais marcos, a mostrar o caminho da honra e do dever aos que viessem depois.

Passados os períodos de perturbação da ordem e das lides guerreiras, voltava o batalhão ao policiamento. Desse modo, foi, dia a dia, o batalhão, escrevendo sua história que está cheia de um pouco de tudo, e da qual se orgulharia qualquer batalhão de brio.

Ao completar suas bodas de ouro, sente-se o 8.º B.C. orgulhoso por haverem seus soldados sabido cumprir com honra as missões recebidas.

Com a "SEMANA DO 8.º B.C.", cujas festividades noticiaremos a seguir, foi condignamente comemorado em Campinas, o cinquentenário do batalhão.



#### O ATUAL COMANDANTE

Ten. Cel. José Ferreira Lameirão, em seu gabinete de trabalho. Em pé, o ten. Conrado Galvão de Castro, secretário da unidade.

#### SEMANA DO 8.º B.C.

##### *Dia 5 — Domingo*

Às 10 horas, na Catedral, missa solene em ação de graças celebrada pelo major monsenhor Cavalheiro Freire, Capelão da Fôrça Pública, cantando durante a mesma o Côro do Liceu N. S. Auxiliadora.

Às 20,30 horas na P.R.C.9, Rádio Educadora de Campinas, homenagem do conjunto musical "Veteranos de Campinas" sob a direção de Nonô, que dedicou ao batalhão o programa "Hora da Saudade". Saudou o homenageado o professor Cesar Augusto Cardoso, crítico de arte do "Correio Popular".

##### *Dia 6 — 2.a Feira*

No estande de tiro da cidade, às 8 horas, realizou-se uma prova de tiro de fuzil entre cabos e soldados e, às 14 horas, entre sargentos do batalhão.

Sagraram-se vencedores:—

##### *Sargentos*

1.º lugar - sgt. Wilson Pacheco Lemos, 120 pontos;

2.º lugar - sgt. Lourival Mey, 97 pontos;

3.º lugar - sgt. Paulo Tavares Moniz, 82 pontos.

##### *Cabos e soldados*

1.º lugar - sd. Paulo Anastácio, 117 pontos;

2.º lugar - cabo Luiz Rizzo, 113 pontos;

3.º lugar - cabo José Mauro Bincoletto, 113 pontos.

*Dia 7 — 3.a Feira*

Às 8 horas, no estande do batalhão prova de tiro de revólver a 25 metros entre senhoras, senhoritas, civis e oficiais.

No estande da cidade, às 14 horas, com os mesmos concorrentes, tiro de fuzil.

Foram os seguintes os resultados obtidos:

*Revólver*

*“Atiradores classe A”*

1.º lugar - major Fausto Quirino Simões, 266 pontos;

2.º lugar - 1.º ten. Nelson Simões Scheffer de Oliveira, 254 pontos;

3.º lugar - dr. Gil Celidônio, 240 pontos.

*Atiradores classe B”*

1.º lugar - cap. Cálío de Campos Montes, 250 pontos;

2.º lugar - cap. dr. Laerte de Moraes, 240 pontos;

3.º lugar - 1.º ten. Antônio Bruno, 223 pontos.

*Senhoras e senhoritas*

1.º lugar - srta. Théa Maria Gut, 231 pontos;

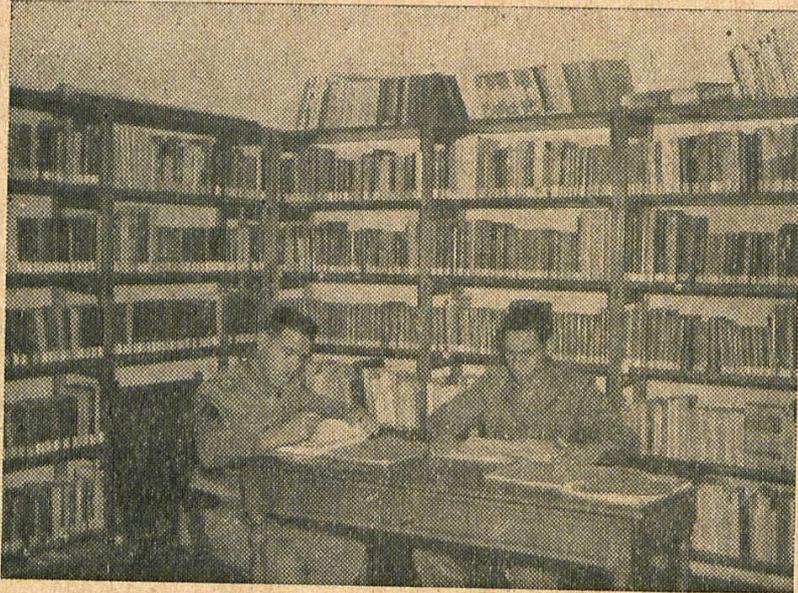
2.º lugar - srta. Ana Maria Gut, 221 pontos.

*Fuzil — uma só classe*

1.º lugar - sr. Benedito Rossi, 221 pontos;



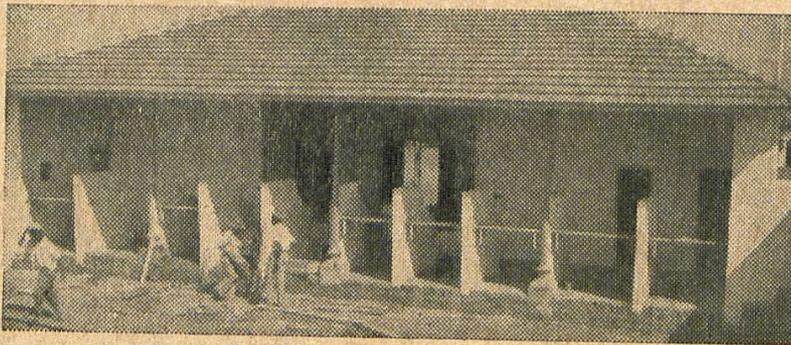
Comando e oficiais servindo na sede do B.C.



— X —

Biblioteca do Ba-  
talhão.

— X —



— X —

“Boxes” do es-  
tande de tiro.

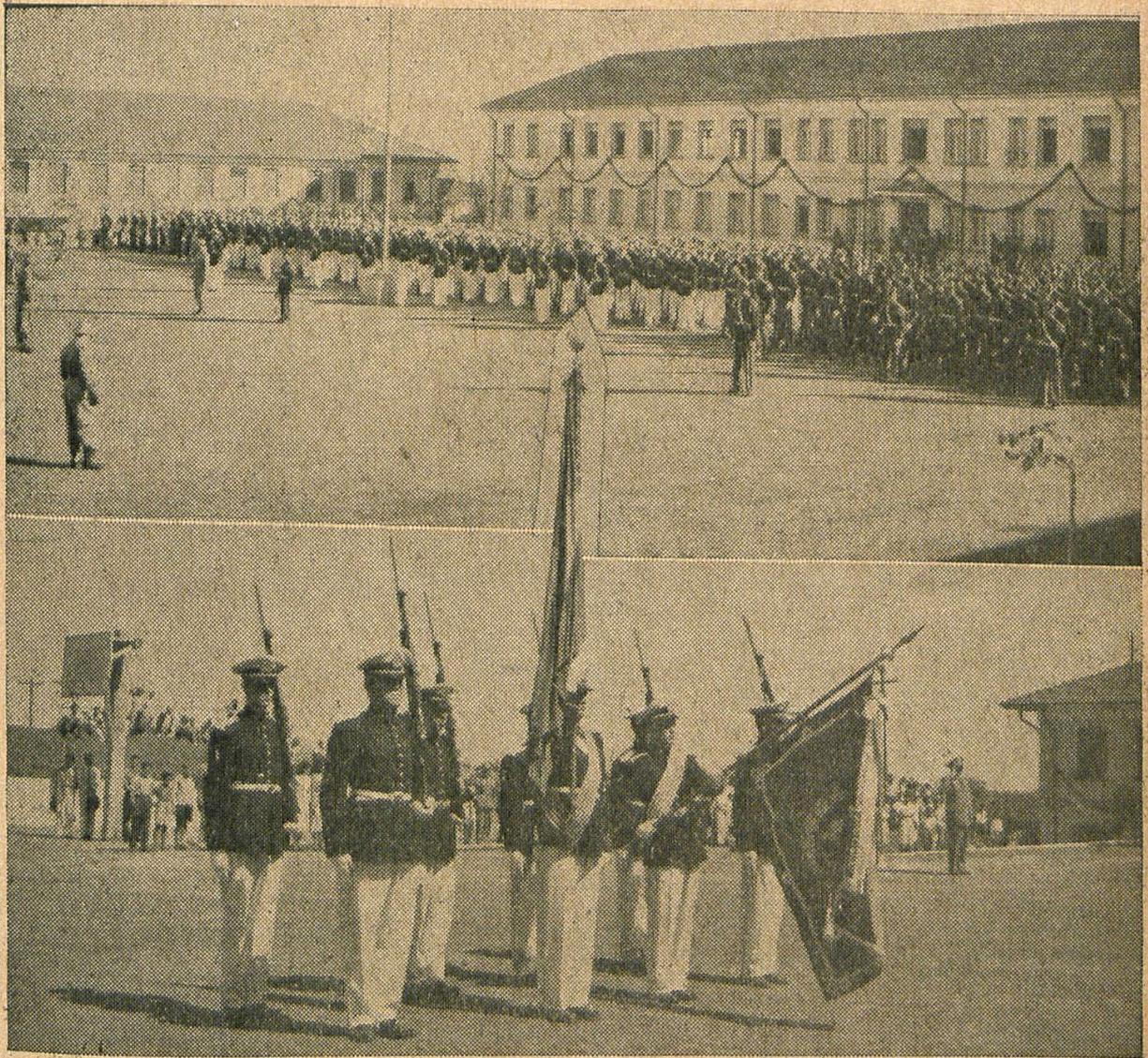
— X —



— X —

Detalhe de uma  
aula na Escola  
Regimental.

— X —



Em cima, formatura dos alunos do Curso de Formação de Oficiais e do Batalhão de Guardas, no pátio do quartel do 8.º B.C.. Em baixo, a Bandeira Nacional, o estandarte do C.F.A. e a respectiva escolta de alunos-oficiais.

2.º lugar - sr. Henrique Etter, 217 pontos;

3.º lugar - cap. Theodoro de Almeida Pupo, 212 pontos.

Por solicitação do comando do 8.º B.C., a D.G.I. se fêz representar nas provas, tendo o capitão Jorge Mesquita de Oliveira computado os resultados para a necessária elevação de classe dos

atiradores que conseguissem obter as médias estabelecidas.

Conta atualmente o 8.º B.C., num efetivo de 12 oficiais, com 6 atiradores classe "A" e 4 classe "B".

*Dia 8 — 4.a Feira — Aniversário do Batalhão.*

As 6 horas - Alvorada festiva;



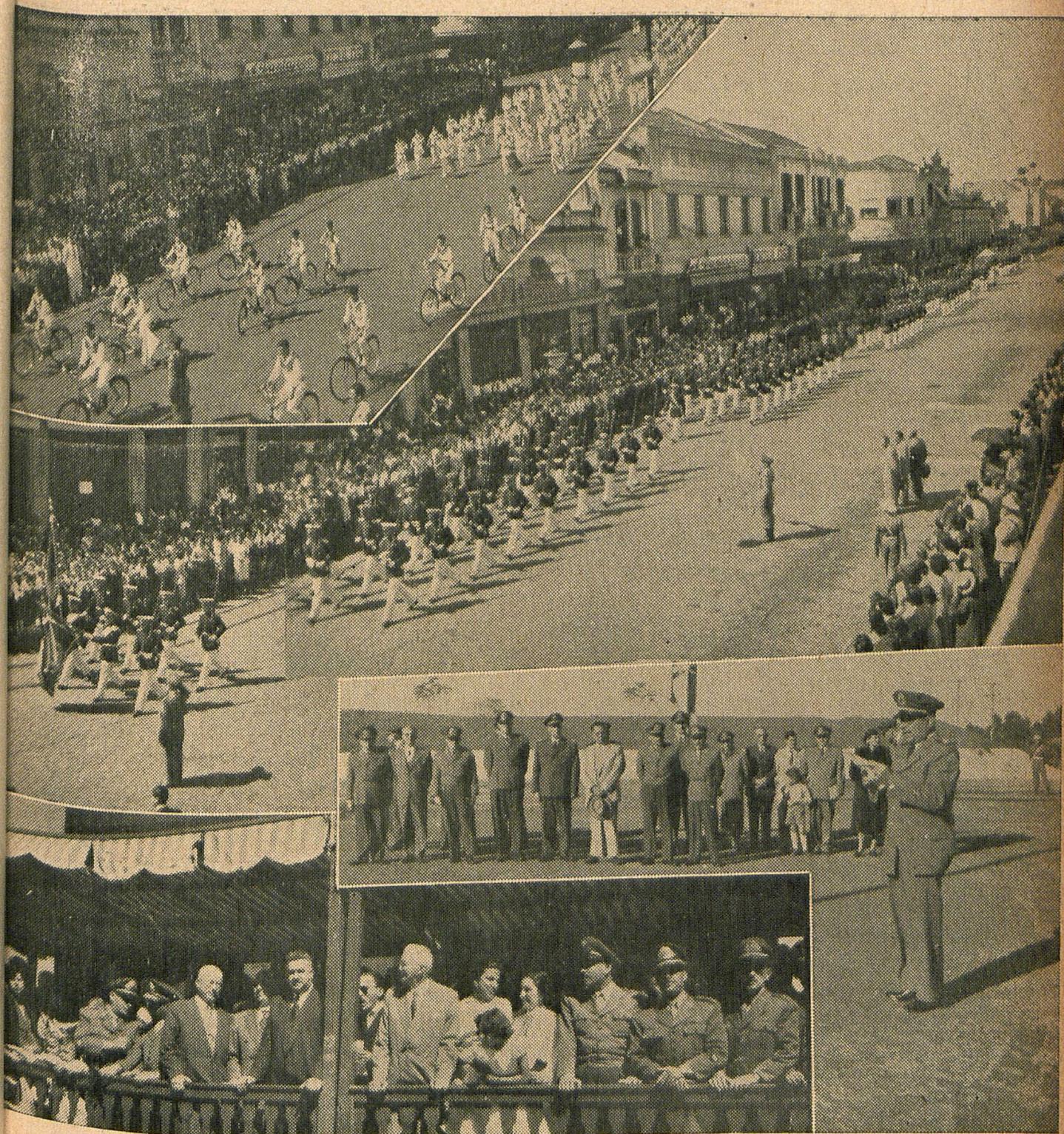
Ao alto, no refeitório da unidade, o comandante Lameirão, saúda o sr. Governador do Estado e demais autoridades presentes. Em baixo, detalhe da numerosa assistência que compareceu ao Teatro Municipal de Campinas.

às 8 horas - Hasteamento da Bandeira — Leitura do Boletim Comemorativo - Inauguração do Serviço de som e comunicação interna e da “Granja Capitão Menezes”;

às 9,30 horas - Coquetel às autoridades e convidados;

s 10 horas - Desfile.

Para saudar o 8.º B.C. e prestar-lhe homenagem na data de seu cinquentenário, foi nesse dia à Campinas o sr. Lucas Nogueira Garcez, Governador do Estado, acompanhado dos srs. Elpídio Reali, Secretário da Segurança Pública,



### ECOS DO DESFILE COMEMORATIVO

Ao alto e à esquerda, desfilam os ciclistas e os elementos de uma unidade colegial, que se associara às solenidades. No centro, uma perspectiva da atração do C.F.O., que muito entusiasmo despertou. Em baixo, a tribuna oficial, onde se vê o sr. governador Lucas Nogueira Garcez. A direita, o ten. cel. Lameirão lê a sua ordem do dia, perante as autoridades e a tropa.

cel. Euriale de Jesus Zerbini, Comandante Geral da Fôrça Pública, e diversas outras autoridades.

O sr. Governador foi recebido à entrada da cidade pelos sr. Miguel Vicente Cury, Prefeito Municipal, Rev. Dom. Paulo de Tarso Campos, bispo de Campinas e ten. cel. José Ferreira Lameirão, comandante do 8.º B.C. e demais autoridades da cidade. Em seguida, em carro aberto e escoltado pelo Pelotão de Motociclistas, dirigiu-se para o centro da cidade passando em revista, no percurso, às tropas e escolares que desfilariam a seguir.

O desfile foi iniciado pela Banda de Música do 8.º B.C. que, tocou junto à tribuna enquanto desfilaram os alunos do Ginásio do Estado, do Colégio Ateneu Paulista, da Escola Normal Carlos Gomes e do Liceu N. S. Auxiliadora, que, contribuindo bastante para o brilho das festividades, prestaram homenagem ao 8.º B.C.

A seguir, ao som do Conjunto Musical da Fôrça Pública, desfilou o 1.º B.C. Misto, sob o comando do major Otávio Gomes de Oliveira, do C.F.A., e composto de 1 Cia. de Alunos Oficiais, 1 Cia. do B.G. e 1 Cia. do 8.º B.C. A presença da Escola de Oficiais e do B.G. em Campinas, desfilando ao lado do 8.º B.C., representou a homenagem da Fôrça Pública o batalhão que completava meio século de vida.

Terminado o desfile de tropas a pé, rodou diante da tribuna 1 Cia. de Carros Leves, do 1.º B.C.C.L., como participação do Exército Brasileiro às homenagens ao 8.º B.C.

Imensa massa popular saudou entusiasticamente tanto as escolas como as tropas do desfile. Nas calçadas fron-

teiras à tribuna e em suas imediações milhares de crianças das escolas primárias enfeitaram com sua graça o desenrolar das solenidades.

Uma belíssima manhã campineira muito contribuiu para o brilhantismo e entusiasmo das festividades dêsse dia, como se fôsse uma homenagem da natureza ao batalhão da terra das andorinhas.

Almôço, às 12 horas.

Depois do desfile, o Governador do Estado, com sua comitiva, visitou a Prefeitura, a Câmara Municipal e outras instituições de Campinas, e, rumando para o quartel do 8.º B.C., alí recebeu, no salão nobre, os cumprimentos dos oficiais da unidade aniversariante e os das unidades que se fizeram representar nas solenidades dêsse dia.

Ao almôço, no refeitório do batalhão, o ten. cel. Ferreira Lameirão, falando em primeiro lugar, disse dos serviços que a unidade tem prestado, e que saberá, sempre obediente ao govêrno do Estado, ser um esteio para a manutenção da ordem e da segurança pública.

Seguiu-lhe no uso da palavra o sr. Miguel Vicente Cury, Prefeito de Campinas, que, enaltecendo os serviços prestados pelo 8.º B.C., tributou-lhe as homenagens e os agradecimentos do povo campineiro que deve muito do seu progressivo labor à segurança que lhe empresta o batalhão.

Por fim, saudou a unidade aniversariante, em nome do sr. Governador do Estado, o dr. Elpídio Reali, que, lembrando os fatos da história do batalhão, ressaltou-lhe os méritos, afirmando que o govêrno do Estado sabia poder contar com essa unidade, pois o seu passado

de glórias e tradições é penhor seguro de suas ações futuras.

Terminado o almoço e recebidas as continências de estilo, regressou a São Paulo o sr. Governador e comitiva.

15 horas — Sessão Solene

No Teatro Municipal realizou-se uma sessão solene, na qual o prof. Paulo Monte Serrat, um dos expoentes do ensino primário do Estado, em vibrante oração, saudou o 8.º B.C. dizendo de seus feitos e suas glórias, e lembrando os nomes de seus soldados que, tombando heróicamente em defesa da ordem e da lei, escreveram com sangue belas páginas de civismo. Da saudação do prof. Monte Serrat destacamos o seguinte trecho:

*Deixemos os graduados e passemos aos pequeninos que chegam a ser grandes como o Bentinho, com felicidade cognominado o Soldado de S. Jorge, vivendo tôda uma existência na cidade de Piracicaba, apaziguando os revoltados, aconselhando os impetuosos, pondo ordem onde a desordem se esboçava, encaminhando os pequeninos à escola, e, parece paradoxal, prendendo, sem segurar, os criminosos que o obedeciam pela razão que expunha.*

*Quantas vezes não foi êle o refem entre os estudantes da Escola Agrícola e as autoridades, na resolução de greves e nas chamadas "estudentadas" que ultrapassavam os limites do bom senso?*

*Soldado da paz porque andava resolvendo questiúnculas familiares. Era como aviso e prudência personificados.*

*Ao falecer, a cidade pranteou aquê-le para quem os Delegados apelavam resolver os mais intrincados e ameaçadores casos. Via no próprio sacrifício a nobreza da missão de que era encarregado.*

*do. Herói. Simples soldado. Praça de pré.*

*Herói o soldado Osvaldo da Silva Moraes que nas inundações de dezembro de 49, em Americana, com quase sacrifício da própria vida, não tergiversou, no imperativo de ação profissional em salvar a existência de Aparecido Silva e assistir com seus companheiros os vitimados pela enorme tromba d'água.*

*Se alongarmos nossas vistas para o passado, ainda vislumbraremos o quadro de impressionante heroicidade de que foi palco a localidade de Valinhos, em 1.º de fevereiro de 1913. Nesse dia mais uma nota de bravura foi acrescentada ao já respeitável livro histórico do 8.º B.C. Um dos seus componentes registrou, indelévelmente, com o próprio sangue, o seu sentimento de solidariedade humana e de apêgo ao cumprimento do dever.*

*Trata-se do ex-sargento Augusto Faria de Almeida, então comandante do destacamento local que, tentando salvar uma velhinha que transitava pelo caminho férreo, foi também esfaqueado pela composição.*

*Herói é o soldado Francisco Costa e Silva que, numa das cidades sob a jurisdição do 8.º B.C., interviu evitando a entrada, à força, do seu assassino, em residência particular.*

*O violador de lares pobres para fins menos dignos, jurou, então vingarse do praça Costa e Silva e quando este ia a serviço da autoridade, ao passar de bicicleta pelos fundos da residência do invasor de casas inermes, foi covardemente atirado por aquê-le que horas atrás infligia a lei da inviolabilidade do lar pacato. Heróico FRANCISCO COSTA E SILVA!*

*Herói, outro soldado que na cidade de S. Pedro, arrostando as labaredas lúgubrememente devoradoras que ameaçavam destruir quarteirões da cidade, a elas se atirou, transformando-se em bombeiro, com latas de água e com machado de partir lenha, alta madrugada, para isolar o fogo e para debelá-lo ou em brados solicitando aos que acordavam espavoridos, para que trouxessem tôda a água possível, a que êle corajosamente transportava até o mais intenso do incêndio.*

*Quase se asfixiava em meio à fumarada que a deslocação de ar fazia, por vêzes, roçar a superfície da terra ou que num rodaminho infernal levantava para as alturas as faíscas do madeirame feito brasas.*

*Se a temperatura estorricante do fogo afogava o seu rosto, se as brasas queimavam-lhe as mãos ou as vestes, não titubeava o humilde soldado de S. Pedro em cumprir o dever de solidariedade humana, circunscrevendo a proporções mínimas a catástrofe que em casos semelhantes tem varrido cidades de outras nações, transformando-se em montões de cinzas.*

*Quando a alvorada chegou rosada e linda, do rescaldo subia ao céu o vapor irisado do incêndio, encontrando o soldado Ubaldo Pereira do Prado, a frente, agora, de pugilo de abnegados, a retirar dos escombros negros as utilidades remanescentes, colecionando-as honradamente, para devolver àqueles que, de olhos marejados de lágrimas, assistiram como num sonho terrível, trágico, desaparecer de um dia para outro o ninho que construíram com o resultado do suor que lhes caíra em bagas do rosto, na faina a que se dedicaram.*

*Mas sobrava-lhes a vida, graças ao denodo do soldado heróico e com ela a esperança da reconstrução da vivenda onde poqueninos e velhos se abrigariam de novo.*

*E seria um não acabar se nos referíssemos aos inúmeros ofícios de delegados da região a solicitarem elogios aos soldados servidores da ordem pública, registrados nos Boletins diários do Batalhão.*

*Como é fácil saudar um todo homogêneo, como é agradável praticar justiça à unidade da Fôrça Pública que desfila nas festas do dever, de frente erguida pela consciência de dever cumprido.*

*Rogamos, senhor comandante, permissão para, após o abraço de congratulações a v. excia., abraçar também o mais humilde dos soldados da unidade, porque dessa forma reuniremos, em dois amplexos, todos os componentes do modelo 8.º BATALHÃO DE CAÇADORES.*

*Maravilhoso concêrto pelo Conjunto Musical da Fôrça Pública, inicialmente sob a regência do capitão Antônio Bento da Cunha, com peças de sua autoria, e depois sob a regência do major Antônio Romeu, em peças de celebridades estrangeiras, encerrou essa tarde no Teatro Municipal.*

*20 horas — Corrida Pedestre*

*Ainda não estavam, terminadas as solenidades e homenagens do povo e entidades de Campinas ao batalhão. Patrocinada pela Liga Campineira de Atletismo, Comissão Central de Esportes e Delegacia Regional do S.E.S.I., foi realizada a "Prova Pedestre 8.º B.C.", num percurso de 5.000 metros, em que tomaram parte cêrca de uma centena de corredores de diversos clubes de Campi-*

nas e arredores e elementos da E.E.F. e do 8.º B.C.

O tiro de partida foi dado pelo ten. cel. Lameirão, em frente ao quartel do B.C., onde também se localizava o funil de chegada.

Apurado o resultado no salão de festas da unidade, foram entregues os prêmios, falando ainda o comandante Ferreira Lameirão e o sr. Benedito Alves, Presidente da Liga Campineira de Atletismo.

#### *Dia 9 — 5.a Feira*

Na sede da unidade, início, às 8 horas, da disputa de jogos e provas desportivas entre elementos das sub-unidades.

As 13 horas, no hipódromo do Bonfim, teve lugar a tarde turfística que o Jôquei Clube de Campinas ofereceu ao batalhão, fazendo correr o "GRANDE PRÊMIO 8.º B.C." e dando, às demais corridas, os nomes do cel. Euriale de Jesus Zerbini, ten. cel. José Ferreira Lameirão e de ex-comandantes do 8.º B.C.

No fim da tarde, no salão da Diretoria do Jôquei, em nome da entidade, o ten. cel. Job de Figueiredo, um de seus diretores, saudou o batalhão e ergueu uma taça de champagne pela prosperidade sempre crescente do 8.º B.C. cujo comando agradeceu, em nome da unidade.

#### *Dia 10 — 6.a Feira*

Na majestosa catedral de Campinas, Dom Paulo de Tarso Campos, Bispo Diocesano rezou missa de requiem por alma dos mortos da unidade. Nessa ocasião um côro formado por praças do batalhão se fez ouvir.

#### *Dia 11 — Sábado*

As 8 horas, continuação das disputas desportivas entre os elementos das

sub-unidades, realizando-se depois grande churrasco, oferecido pelo comando do batalhão às suas praças.

No Ginásio de Campinas, teve lugar, às 15 horas, uma disputa de voleibol entre as equipes do Colégio Ateneu Paulista e do Grêmio "XV de Dezembro", da Escola de Oficiais da Fôrça Pública, vencendo a primeira, depois de disputados "sets".

Findo o embate, monitores e instrutores da E.E.F. exibiram-se em demonstrações de ginástica de aparelhos de solo e assaltos de esgrima, encerrando-se a tarde esportiva com o bailado "Joinville-Le-Pont", executado pelos monitores.

#### *Dia 12 — Domingo*

Na sede de campo do Clube Hípico de Campinas, essa simpática entidade homenageou o 8.º B.C., fazendo realizar duas provas de salão, intituladas "Fôrça Pública" e "8.º B.C.", nas quais tomaram parte oficiais do R.C. e cavaleiros do Clube Hípico de Campinas.

Os cavaleiros da Fôrça Pública venceram as duas provas por equipes, conquistando três lugares em uma delas e dois em outra.

A tarde hípica foi encerrada com uma reunião nos salões da sociedade, quando um de seus diretores levantou a sua taça, congratulando-se com o 8.º B.C. por seu natalício.

Com esta última festividade encerrou-se a "SEMANA DO 8.º B.C." que, ao comemorar seu cinquentenário, recebeu magníficas e expressivas homenagens do Govêrno do Estado, de seus colegas da Fôrça Pública e do Exército, de entidades sociais, esportivas, recreativas e do povo em geral da terra de Carlos Gomes.

# Formação de Bombeiro-Auxiliar

Plano prático do comando do C. B. que  
começou a ser executado nas  
próprias fábricas



Ao alto, as operárias que receberam treino de salvação, em caso de incêndio; em baixo, o ten. cel. Lopes da Silva, diretores e operários que receberam instrução de bombeiros, numa objetiva tomada no pátio da fábrica.

A formação de bombeiro-auxiliar, iniciada no comando do cel. João Rodrigues Bio, no Corpo de Bombeiros, em aulas ministradas no quartel da própria corporação e que, interrompida com a transferência daquele oficial para a reserva, acaba de ser reestabelecida sob nova orientação.

Ao assumir o comando dos bombeiros da Capital o ten. cel. José Lopes da Silva interessou-se pelo assunto e, estudando-o, chegou à conclusão de que seria mais proveitosa a formação de bombeiro-auxiliar no próprio estabelecimento fabril, onde o elemento humano é recrutado entre os operários.

O plano foi posto em execução na Fiação Santa Virgínia, sob a orientação do capitão Geraldo Teodoro dos Santos, técnico em serviços de prevenção e extinção de incêndios, especializado no corpo de bombeiros de Nova Iorque.

Em dias do mês de junho o cel. Lopes da Silva, acompanhado de diretores do estabelecimento, teve oportunidade de assistir a uma demonstração feita pelos operários da fábrica, verificando que os bombeiros-auxiliares, em número de 31, instruídos pelo sargento monitor Antônio Aliendi, executaram a contento as várias manobras necessárias à dominação do incêndio simulado em que foram chamados a agir.

# Major Cantidio Nogueira Sampaio

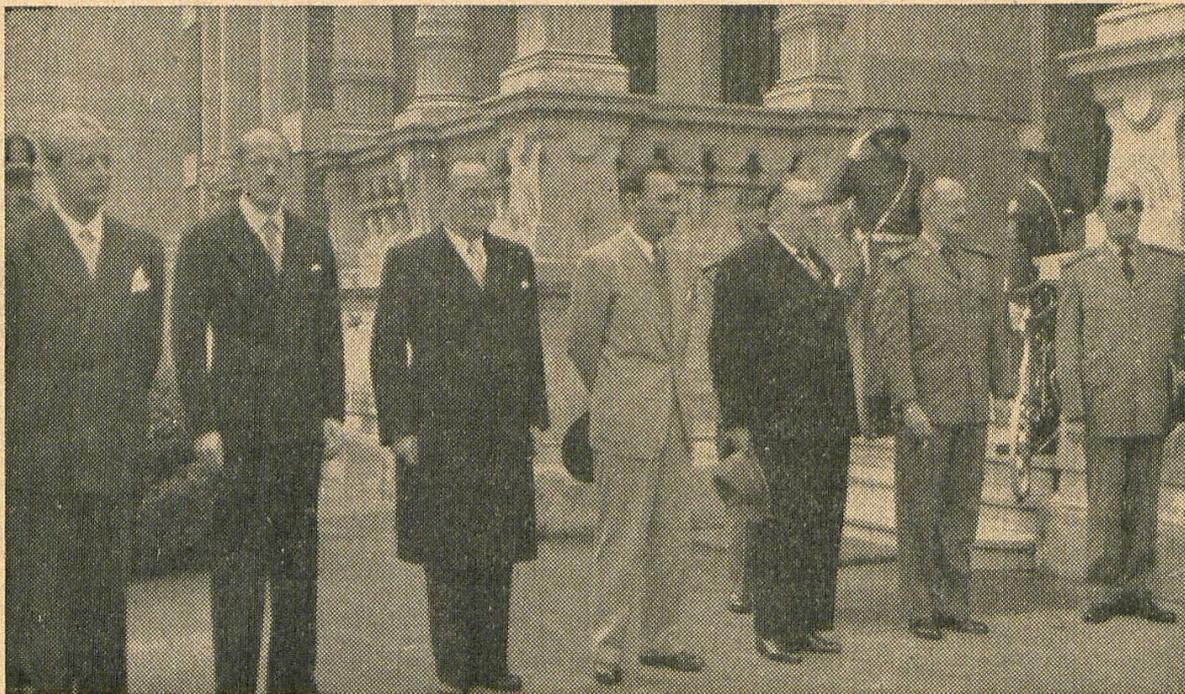
**PARA  
VEREADOR**

- Vereador combativo, secretário realizador.
- impediu a criação da Polícia Municipal e a passagem da Guarda Noturna para a Municipalidade.
- na CEP, lutou e venceu poderosas organizações de vorazes especuladores do povo.
- fora da CEP, criou o serviço de fiscalização de preços por oficiais da Fôrça Pública.
- lutou pela inclusão, na Fôrça Pública, de tôdas as corporações policiais estaduais.
- como homem público, honrou a Fôrça Pública, pelo seu trabalho e dedicação aos problemas coletivos.

CÉDULAS: Barão de Itapetininga, 50 -  
7.º - FONES: 34-1828 e 36-6216.



## Visita a Fôrça Pública o embaixador Martini, da Italia



Sua excia. no Quartel General da milícia paulista.

Seria uma injustiça negar a contribuição da colônia italiana na ereção do grande monumento de indústria e cultura que é hoje o Estado de São Paulo.

Tantos são os filhos da velha Itália espalhados na inconfundível paulicéia que, mormente na Capital, quase todos sabem alguma coisa da língua dos grandes artistas.

Na terra em forma de bota, São Paulo continua sendo a Canaã prometida. Muitos imigrantes têm voltado para a Pátria levando copiosos frutos de seu trabalho honesto.

Os paulistas sempre recebem com satisfação as manifestações de ami-

zade do grande povo, cujo esforço tanto fez pelo crescimento de nossa indústria.

Foi, pois, com espontânea satisfação que recebemos a visita do ilustre embaixador da Itália, sr. Mário Augusto Martini.

Seria repetir o que a imprensa exaustivamente publicou, durante vários dias, se nos referíssemos às homenagens prestadas pelos paulistas a tão insigne representante.

Não nos referiremos tão pouco às inúmeras questões de ordem econômica, de inegável importância para ambos os países, nem às visitas feitas por s. excia. Contentar-nos-



Passando em revista o Curso de Formação de Oficiais do C.F.A.

emos mencionando a presença do embaixador Martini nos quartéis da Força Pública.

Nossas casernas abriram suas portas para receber a visita desse portador de uma saudação de amizade para São Paulo e para o Brasil.

Foi cordialmente recebido em nosso Quartel General, onde compa-

receram inúmeros oficiais superiores e outras autoridades.

O C.F.A. perfilou-se em uniforme de gala para prestar continência ao ilustre hóspede e amigo de São Paulo.

A reportagem fotográfica de MILITIA fixou os instantâneos que ilustram estas notas.



—x—

Outro aspecto da visita de s. excia. ao C.F.A.

—x—

PARA VEREADOR

**CARMELLO DAMATO**

— Capitão da reserva da Força Pública —

É um técnico; é engenheiro da Prefeitura Municipal de São Paulo

Merecerá êle o seu voto?

Medite, eleitor amigo, cumprindo com sabedoria o seu sagrado dever cívico

# O "DIA DO SOLDADO"

no 2.º Esq. Rec. Mec.

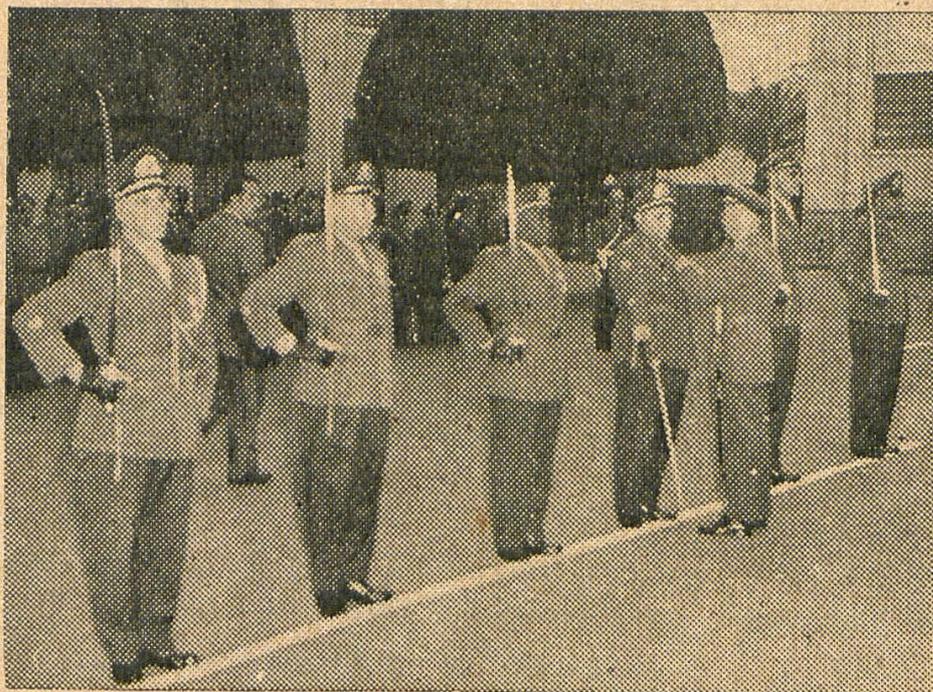
A "Semana de Caxias" foi brilhantemente comemorada em São Paulo. Encerrou-se com a tradicional festa do "Dia do Soldado", data em que todos os soldados do Brasil reverenciam seu imortal patrono, cujas glórias servem de estímulo aos atuais defensores do patrimônio nacional.

Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, foi uma existência inteiramente consagrada ao serviço da Pátria. Certamente, bem poucos têm sido os que, tão cedo como êle, iniciaram a

carreira cujo lema é "dedicar-me inteiramente ao serviço da Pátria".

O patrono do Exército Brasileiro entregou à nossa Terra, não somente a vida, mas a vida toda. Ainda mal despertava para o conhecimento das coisas e já ingressava na escola que deveria iniciar seu preparo para exercer a difícil missão de guerreiro, diplomata e pacificador.

O 2.º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado teve a honra de, na importante efeméride, servir de teatro para





a realização do ato solene de entrega de medalhas da Ordem do Mérito e de Serviço, ao qual compareceu o general João Valdetaro de Amorim Melo.

São relativos a tal acontecimento os clichês que estampamos nesta revista, mais uma gentileza de "A GAZETA", o magnífico vespertino paulistano.

Foram agraciados com a "Ordem do Mérito": cel. José de Souza Carvalho, cel. Milton Cezimbra, cel. Agnelo Ubirajara Rocha, ten. cel. Cristovão Colombo Faustino da Silva, ten. cel. João Paulo da Rocha Fragoso e ten. cel. José Ribamar Miranda. Receberam medalhas por esforço de Guerra: Roberto Simonsen (na pessoa de sua viúva), Gabriel Monteiro da Silva, (idem), 2.º ten.

Paulo Guimarães e 2.º ten. Francisco Eumene Machado.

As medalhas por bons serviços prestados ao Exército couberam aos seguintes oficiais: cel. José da Costa Monteiro, medalha de ouro; cap. Alziro de Lima Arguêiro, idem; 1.º ten. Benedito Gabos, idem; ten. cel. José Ribamar Miranda, medalha de prata; 2.º ten. Raimundo Heliodoro Amaral, idem; subten. José do Carmo Pereira, idem; e 2.º ten. João Paulo Guimarães, medalha de bronze.

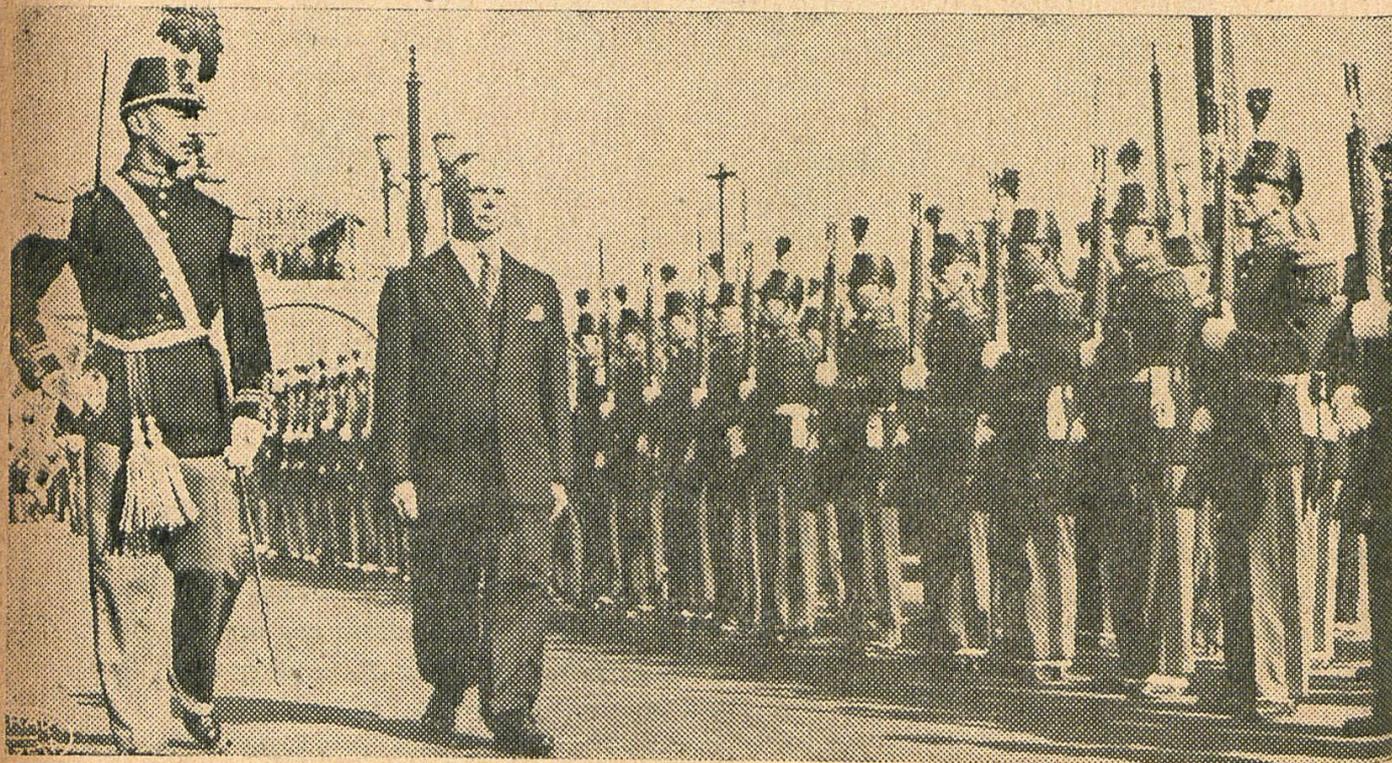
Entre os duplamente condecorados encontra-se o Diretor Geral de Instrução da Fôrça Pública de São Paulo, cel. José Ribamar de Miranda.

Aos contemplados com tão significativa distinção, os parabens de "Militia".

\*\*\*

«Produzir para progredir e progredir para competir».

# O Ministro da Viação em visita oficial a S. Paulo



Convidado pelo governo paulista, o Ministro da Viação engenheiro Alvaro de Souza Lima visitou oficialmente S. Paulo.

S. excia, que veio acompanhado do cel. Eurico de Souza Gomes, diretor da Central do Brasil, senador Euclides Vieira, além de outras altas autoridades, foi recebido na «ga-

re» Presidente Roosevelt pelo governador Lucas Nogueira Garcez e seus auxiliares de govêrno.

No clichê, o Ministro Souza Lima passando em revista à tropa do Batalhão de Guardas da Fôrça Pública, formada em frente à estação, a fim de lhe prestar as continências do estilo.

—::—

“Reduza seus custos, produzindo mais e melhor”.



## PARANÁ

### SEMANA DE CARLOS GOMES

A Banda de Música da Fôrça Pública do Estado do Paraná compareceu às solenidades da «III Semana de Carlos Gomes» realizadas na vizinha cidade de Campinas, em julho último.

Sua atuação constituiu ponto alto dos programas das comemorações, segundo acentuou o crítico de arte do «Diário do Povo» daquela cidade, no seu «Balanço da Semana».

No último dia da semana, às 11 horas, o povo campineiro homenageou a co-participante nas comemorações que naquele dia se encerraram, junto ao túmulo-monumento do grande maestro. Usou da palavra, perante numerosa assistência, o vereador Floriano Peixoto de Azevedo Marques que, ao abrir a solenidade, declarou que a cidade iria prestar uma homenagem à representação do Paraná. Após fazer várias considerações sôbre o que foi

a atuação da mesma, terminou suas palavras fazendo entrega, ao sub-regente da Banda de Música, de uma máscara do maestro Carlos Gomes, em cerâmica, de autoria do escultor Caetano Miami, mascara essa oferecida ao coronel Junot Guimarães, commandante da Fôrça Pública daquele Estado, como reconhecimento do povo de Campinas.

Discursou em seguida o jornalista João Rodrigues Sena, presidente da Associação Campineira de Imprensa, que ressaltou a presença do Paraná em tôdas as festividades, acentuando que a semana de Carlos Gomes estava alcançando repercussão mundial.

Terminou a série de discursos o maestro Mário de Túlio que, em nome da comissão organizadora da «III Semana de Carlos Gomes» ofereceu uma batuta de ébano ao capitão Angelo Antonielo, como reconhecimento pela sua magnífica atuação à frente da banda da Fôrça Pública do Estado vizinho.

O maestro Antonielo, em agradecimento ao povo de Campinas, regeu com a batuta que acabava de receber, a sinfonia de «O Guarany», no que foi muito aplaudido.

## RIO GRANDE DO SUL

### TAXA DE COOPERAÇÃO

Sob a fundamentação da necessidade de continuar o plano de construção de casas domiciliares e de saldar o restante da dívida contrai-da com a construção das últimas casas e que se aproxima de Cr\$ 4.000.000,00, o sr. Comandante General da Brigada elevou os alugueres das casas domiciliares na base de 10% dos vencimentos de oficiais e

praças, não incluindo gratificação adicional e abonos, e fixando a taxa mínima de Cr\$ 400,00 para os prédios de alvenaria e a máxima de 350,00 para os de madeira. Compreendemos as aperturas da atual administração da Fôrça no que tange, principalmente, ao fator econômico, mas não podemos fugir ao desejo de declarar que, como «legítimos brasileiros», começamos a temer o futuro dessa iniciativa social que como sói acontecer na nossa terra, termina sempre sacrificando àqueles a que se propunha amparar.

#### REGULAMENTO DE PROMOÇÃO DOS OFICIAIS

Foi recebida com grande prazer e entusiasmo a nomeação, pelo sr. Comandante Geral, da Comissão que organizará o novo regulamento de promoções dos oficiais da Brigada. Felicitamos aquela autoridade por tão importante iniciativa e auguramos que a comissão encarregada elabore um regulamento de promoções capaz de assegurar os lídimos direitos dos oficiais da Brigada, destruindo o critério antigo que é cheio de falhas clamorosas e tem causado muitas injustiças e até malquerenças no seio da nossa Corporação.

#### REGULAMENTO DOS PRÉDIOS DOMICILIARES DA BRIGADA MILITAR

Por iniciativa do então Comandante Geral da Brigada — cel. Gerdano de Abreu — acha-se elaborado, desde fevereiro do corrente ano, o R. P. D. B. M. Tôda a tropa aguarda com ansiedade a aprovação e entrada em execução do referido Regulamento, que, conforme é do conhecimento geral, contém normas que

corrigirão muitas das injustiças cometidas na distribuição dos prédios domiciliares, além de conter muitos outros dispositivos que atenderão, plenamente, os interesses da Corporação e dos seus servidores. Aguardamos, pois, a aprovação do R. P. D. B. M. que há 5 meses vem sendo objeto de estudos.

#### CORRIDA DO FACHO

Por iniciativa da 3.<sup>a</sup> Região Militar realizou-se em julho a Corrida do Facho. Essa brilhante iniciativa da 3.<sup>a</sup> Região veio despertar o interesse pelo preparo atlético desportivo dos nossos homens que, em face da falta de iniciativas dessa natureza, estava se desestimulando. Foi com grande prazer que vimos cêrca de seiscentos atletas das nossas Fôrças Armadas participarem da importante prova, tendo todos êles cumprido boa «performance» o que atesta o interesse tomado pelos responsáveis no preparo físico dos mesmos. A Brigada Militar encheu-se de orgulho naquele memorável dia em que os seus atletas foram vencedores absolutos da prova, conquistando 3 grandes taças, além dos respectivos prêmios individuais. Das três taças conquistadas, duas são de posse definitiva da nossa Corporação e uma ficará de posse definitiva da equipe que a conquistar três anos consecutivos ou em cinco anos intercalados. Associando-se à alegria que se apossou dos camaradas gaúchos, por tão brilhante feito dos seus atletas, «MILITIA» deixa aqui, a êles endereçados, seus calorosos parabens e augura que novas vitórias assegurem para a Brigada Militar a posse definitiva da belíssima Copa.

## RIO DE JANEIRO

### CLUBE DOS OFICIAIS DA POLÍCIA MILITAR

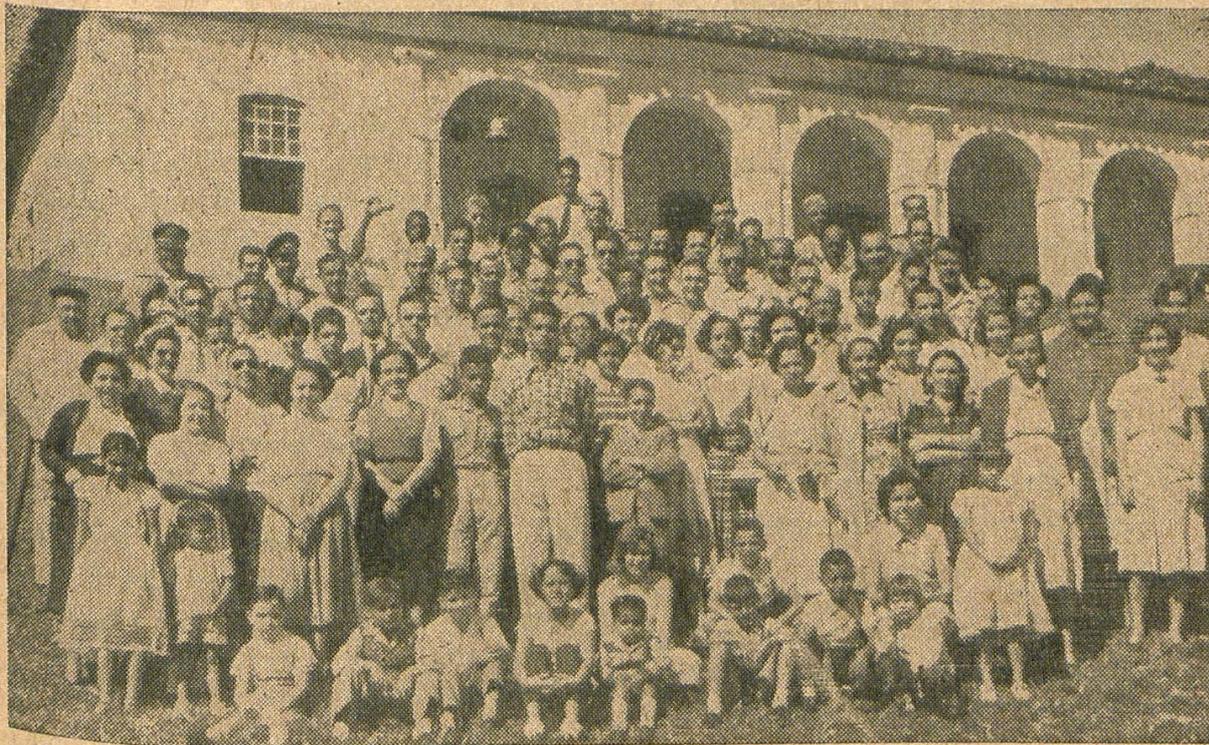
Alcançou mais uma etapa em sua vida, o Clube dos Oficiais da Polícia Militar, com a criação do Departamento Feminino, mercê da compreensão e do interesse do seu atual presidente, ten. cel. Jonathan Dezerto Bastos digno dos maiores encômios pelo êxito de sua administração que se prolonga por mais um biênio.

Para a primeira Diretoria do Departamento Feminino, foram eleitas, por aclamação: sra. Maria de Laurdes Sardenberg Bastos - presidente; sra. Lita Ramos - secretária; e srta. Jocelina de Oliveira Porto - tesoureira. Para presidente de honra, a sra. Gerardo Lemos do Amaral.

O sr. presidente, com as suas iniciativas, que visam unir e elevar

cada vez mais o nível social e cultural do Clube, tem demonstrado, a par de uma educação esmerada, capacidade ímpar à frente de todos os empreendimentos, como sejam o de ter obtido a extração de uma loteria para formação do capital necessário para a construção da sede do Clube, onde, certamente, melhor regerá e administrará os seus interesses, bem como a obtenção de um terreno ao lado do «Estádio Comandante Ernani».

A criação do Departamento Feminino, que já conta em seu organismo com uma centena de nomes de espôsas e filhas de oficiais que, espontaneamente, desejam colaborar com a sua obra social, visando o entrelaçamento das famílias dos sócios, e acima disto, a obra de assistência social a tôdas as praças da corporação. Não poderia ter fim



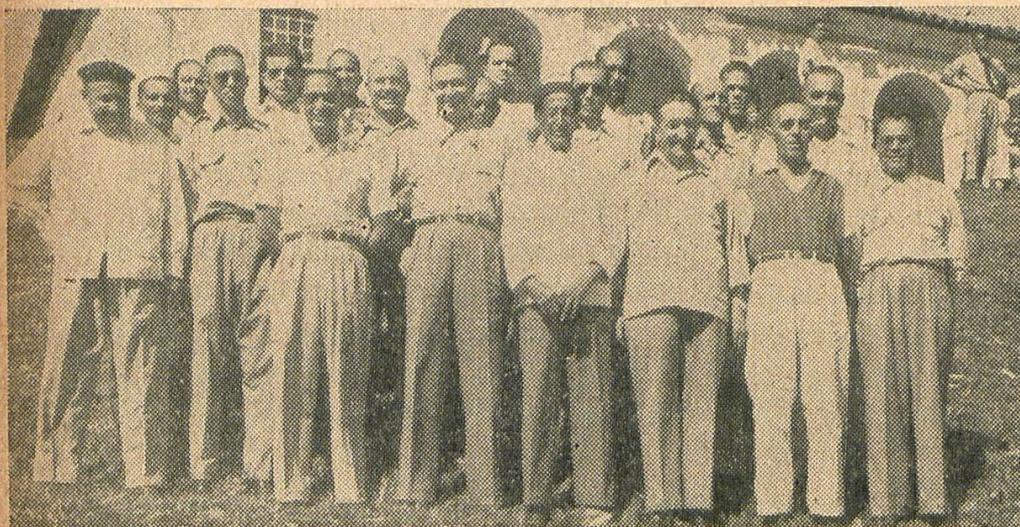
Membros do Departamento Feminino do Clube dos Oficiais, quando dum convésote numa fazenda do interior fluminense

mais nobre é compreensivo, que não este, pois, de mistura com festas que alegrarão seus espíritos, têm seus membros a precípua preocupação de mitigar o sofrimento dos desprotegidos da sorte.

O Clube muito deve pelo que tem obtido, ao sr. Comandante Ernani do Amaral Peixoto, governador do Estado, ao sr. cel. Agenor Barcelos Feio, secretário de Segurança

publicação junto àquela milícia, o cap. Walter Zulmiro Pereira de Castro, em substituição àquele aspirante.

Assinalando o fato, deixamos aqui consignados, ao operoso asp. Luna Freire, os melhores agradecimentos de «Milítia,» pelo eficiente desempenho da sua missão, não poupando esforços no trabalho de divulgação deste órgão e na remessa de elementos para publicação.



Outro flagrante do convescote: Oficiais da P.M., tendo ao centro o comandante geral, cel. Gerardo Lemos do Amaral

Pública, e ao cel. Comandante General, Gerardo Lemos do Amaral, que, com a maior boa vontade para com o Clube, do qual é presidente de honra, pontifica sua ação pelo decisivo apôio a tôdas as iniciativas nobres.

Está, pois, de parabens, a Diretoria do Clube, a quem auguramos votos de maior prosperidade.

#### REPRESENTAÇÃO DE «MILITIA»

Em atenção às razões expostas pelo asp. Elói de Luna Freire, houve por bem, o sr. comandante da P. M. fluminense, indicar para assumir o encargo de representar esta

Ao cap. Walter Castro, que por sinal «é paulista e se ufana da honra de nos representar» - no dizer do asp. Luna Freire - oferecemos a melhor das acolhidas, na certeza de que o trabalho do seu antecessor não sofrerá solução de continuidade.

#### SERGIPE

##### DIA DO SOLDADO

A Polícia Militar, por ocasião da passagem do dia do soldado, em memória do invulgar CAXIAS, patrono do nosso glorioso Exército, organizou o seguinte programa:

8,00 horas - Hasteamento da Bandeira;

8,10 horas - Aposição, no Gabinete do Comando, do retrato do cel. Bernardino Dantas;

8,30 horas - Missa, oficiada pelo capitão capelão militar;

9,00 horas - Parte recreativa a cargo dos alunos da Escola «General João Pereira de Oliveira»;

10,00 horas - Distribuição dos prêmios instituídos pelo patrono da Escola, aos alunos: Margarida Dórea Dantas, filha do 1.º sgt. reformado Eduardo Dantas; Vilma Ribeiro da Silva, filha do 3.º sgt. Antônio Cardoso da Silva; Albino Mendonça de Oliveira, filho do 1.º sgt. José Mendonça de Oliveira; Péricles Soares Viana, filho do capitão Antônio Leão Viana.

As festividades acima, compareceram altas autoridades civis e militares, dentre as quais distinguiram-se as figuras do dr. Manoel Ribeiro, secretário da Segurança Pública, representando s. excia., o sr. governador do Estado; o dr. José Rollemberg Leite, ex-governador do Estado; deputado Hermeto Rodrigues Feitosa; dr. Marques Guimarães, chefe do Serviço de Divulgação do Estado; cap. Antônio Maria Nunes de Souza, capitão dos Portos deste Estado; representação do 28.º B.C. e da 19.ª C.R., além de um grande número de pessoas de destaque social.

Por ocasião da aposição do retrato do extinto cel. Bernardino Dan-

tas, falaram à solenidade, o cap. Artur Porfírio de Farias e o jovem Antônio Dantas, filho do extinto homenageado. O primeiro, com um substancioso discurso, discorreu sobre a vida pregressa do seu inesquecido chefe e particular amigo, ressaltando as suas principais virtudes que lhe eram peculiares e o segundo, em agradecimento às homenagens póstumas, que no momento eram tributadas à memória do seu inesquecível progenitor. Ato contínuo, todos os presentes, curvados diante da imagem de Santa Joana D'arc, padroeira dos militares do Estado, assistiram à celebração da Santa Missa, oficiada pelo capitão capelão cônego Valdemar Resende e traduzida pelo padre Luciano Duarte.

Após a celebração da missa, os alunos da Escola «General João Pereira de Oliveira», proporcionaram aos presentes, momentos de satisfação, em face dos variados espetáculos apresentados pelos mesmos, arrancando aplausos dos que assistiam aos curiosos trabalhos da garotada estudantil, sob a esclarecida orientação da senhorita Maria de Amaranthe, orientadora do S.A.S.M. (Serviço de Assistência Social Militar) e do corpo docente da referida Escola. Finalizando o programa festivo, foi feita a distribuição dos prêmios aos alunos que mais se distinguiram em aplicação e comportamento.

\*\*\*

«Maior produção, menores preços, melhores salários».

# NOSSOS REPRESENTANTES

## Representam MILITIA no Exterior, nos Estados e Territórios

BOLÍVIA (Cuerpo de Carabineros)

— Dirección General de Policía (La Paz) — cap. Saul Herbas Casanovas.

CHILE (Cuerpo de Carabineros)

— Victoria Subercaseaux, 173 2.º piso (Santiago) — teniente Efraín de la Fuente Gonzáles.

— Prefectura General (Valparaíso) — capitán Franklin Troncoso Bachler.

— IV Zona de Carabineros (Concepción) — capitán Edmundo Perotti Quaglia.

ACRE (Guarda Territorial)

— Q.G. (Rio Branco) — ten. Carlos Martinho Rodrigues Albuquerque.

ALAGOAS (Policia Militar)

— Q.G. (Maceió) — cap. José Cavalcante.

AMAPÁ (Divisão de Segurança e Guarda)

— Séde (Macapá) — Raimundo Walter Luz.

AMAZONAS (Policia Militar e Corpo de Bombeiros)

— Q.G. da P.M. (Manaus) — cap. Luiz Pinheiro de Araujo.

— Cia. Bombeiros Municipais (Manaus) — 1.º ten. Joaquim José de Carvalho e Cascais.

BAHIA (Policia Militar)

— Q.G. (Salvador) — cap. Gestsemani G. da Silva.

CEARA (Policia Militar)

— B.I. (Fortaleza) — 1.º ten. Antônio Nilson Rodrigues.

DISTRITO FEDERAL (Policia Militar)

— R.C. (Rio de Janeiro, D.F.) — cap. Darcy Fontenele Castro.

— 6.º B.I. (Rio de Janeiro, D.F.) — cap. Hélio Miranda Quaresma.

— Escola Técnica do E.B. — cel. pe. João Tenei de Camargo e Silva.

ESPÍRITO SANTO (Policia Militar)

— Q.G. (Vitória) — 1.º ten. Alfredo P. Barroca.

GOIAS (Policia Militar)

— Q.G. (Goiânia) — major Cláudio das Neves.

MARANHAO (Fôrça Policial)

— Q.G. (São Luiz) — major Arlindo Faray.

MATO GROSSO (Policia Militar)

— Q.G. (Cuiabá) — ten. cel. Gonçalo Romão de Figueiredo.

— 2.º B.C. (Campo Grande) — ten. cel. Hermenegildo T. do Nascimento.

PARÁ (Policia Militar)

— Q.G. (Belém) — cap. Mário Barriga Guimarães.

PARAÍBA (Policia Militar)

— Q.G. (João Pessoa) — 2.º ten. José Belarmino Feitosa Filho

PARANA (Policia Militar)

— Q.G. (Curitiba) — Ten. Hamilton de Oliveira Castro.

— Guarda Noturna (Curitiba) — sr. Floriano José da Costa.

PERNAMBUCO (Policia Militar)

— Q.G. (Recife) — cap. João Rodrigues Pereira.

PIAUI (Polícia Militar)

— Q.G. (Teresina) — cap. Santiago Vasques Filho.

RIO DE JANEIRO, ESTADO DO (Polícia Militar)

— Q.G. (Niterói) — cap. Walter Z. Pereira de Castro.

RIO GRANDE DO NORTE (Polícia Militar)

— Q.G. (Natal) — cap. Antônio de Moraes Neto.

RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar)

- Q.G. (Pôrto Alegre) — 1.º ten. Renato Moro Ramos
- 4.º B.C. (Pelotas) — 2.º ten. Militão da Silva Neto.
- 1.º R.C. (Santa Maria) — ten. Pedro Celeny S. Pires Garcia.
- 2.º R.C. (Livramento) — 2.º ten. Carlos Cravo Rodrigues.
- B.G. (Rio Grande) — 2.º ten. João Matos de Araujo.
- 3.º R.C. (Passo Fundo) — Asp. Armando Chaves Credideu.

SANTA CATARINA (Polícia Militar)

— Q.G. (Florianópolis) 2.º ten. Maurilo Roberge.

SÃO PAULO (Fôrça Pública)

- Q.G. (Capital) — 1.º ten. Francisco A. Bianco Júnior.
- C.F.A. (Capital) — 1.º ten. Osvaldo Hildebrand.
- R.C. (Capital) — 1.º ten. Plínio Desbrousses Monteiro.
- B.G. (Capital) — 2.º ten. Paulo Ribeiro.
- C.B. (Capital) — 1.º ten. Samuel Rubens Armond
- B.P. (Capital) — 1.º ten. Antonio Silva.
- 1.º B.C. (Capital) — 2.º ten. Rui da Silva Freitas
- 2.º B.C. (Capital) — 1.º ten. Ricardo Gonçalves Garcia.
- 3.º B.C. (Ribeirão Preto) — cap. Osvaldo Lopes de Brito.
- 4.º B.C. (Bauru) — 1.º ten. Odilon Spinola Neto.
- 5.º B.C. (Taubaté) — 1.º ten. Hugo Castro Viana.
- 6.º B.C. (Santos) — 1.º ten. Aldo Campanhã.
- 7.º B.C. (Sorocaba) — 1.º ten. Domingos de Melo.
- 8.º B.C. (Campinas) — 1.º ten. Osvaldo Teixeira Pinto.
- S.M.B. (Capital) — cap. Olivio Franco Marcondes.
- S.E. (Capital) — cap. Augusto de Abreu.
- S.F. (Capital) — cap. Germano Ribeiro Scartezini.
- S.I. (Capital) — cap. Benedito da Silva Matos.
- S.Subs. (Capital) — ten. Tiago Vilaverde Prior.
- E.E.F. (Capital) — 1.º ten. Ademar Ferreira.
- S.T.M. (Capital) — 1.º ten. Aurélio Pedrazoli.
- S.S. - H.M. (Capital) — cap. Salvador Nicolacci.
- 1.ª Cia. Ind. (Mogi das Cruzes) — cap. Fernão Guedes de Sousa.
- 2.ª Cia. Ind. (S. José do Rio Preto) — 2.º ten. José Ribeiro de Godói.
- 3.ª Cia. Ind. (Presidente Prudente) — cap. Divo Barsotti.
- 4.ª Cia. Ind. (Araraquara) — cap. Antonio Augusto de Sousa Filho.
- 1.ª C.I.B. (Santos) — cap. José Limongi França.
- Rádio Patrulha (Capital) — sr. Epaminondas Caldas Camargo.

SERGIPE (Polícia Militar)

— Q.G. (Aracaju) — 2.º ten. José Felix da Silva.

Além dos supra mencionados, mantemos agentes em tôdas as cidades do interior do Estado de São Paulo.

## Conferência do

# Prof. Joseph G. Thulin

### O grande mestre da ginástica sueca escolhe a Escola de Educação Física da Fôrça Pública para sua primeira palestra no Brasil

Realizou-se a 14-VI-51, às 20,30 horas no "Ginásio Cap. Delfim Balacier", interessante conferência pelo insigne prof. major JOSEPH G. THULIN, Diretor da Escola de Educação Física de Lund (Suécia), que ora percorre a América do Sul, patrocinada pelo Departamento de Educação Física do Estado e por esta Escola.

Essa conferência contou com a presença do cel. Euryale de Jesus Zerbini, cmt. geral, cmts. de corpo e chefes de serviço, diretores de estabelecimento, oficiais e sargentos diplomados em educação física, e dos srs. major João Barbosa Leite, diretor da Divisão do Departamento de Educação Física e do Ministério da Educação; prof. Henrique Romeu Brest, inspetor do Ministério da Educação e presidente da Associação de Professores de Educação Física da Argentina, acompanhado de sua exma. espôsa, ilustre fisicultora; cap. Sílvio de Magalhães Padilha, diretor do Departamento de Esportes do Estado; ten. cel. dr. Alcaide Valls, diretor do Departamento de Educação Física; prof. Antonio Boaventura da Silva, diretor técnico do Departamento de Educação Física; major Jacinto Targa, diretor da Escola de Educação Física de Pôrto Alegre; major Arrisson de Souza Ferraz e professores dr. Eurides da Costa e Silva e Mário Nunes de Souza, diretores da Associa-

ção dos Professores de Educação Física de São Paulo; inúmeros professores de educação física, representantes de clubes e entidades esportivas e imprensa; e do prof. Kurt Jonhson, do "Real Instituto Central de Ginástica" de Estocolmo.

Ao apresentá-lo ao auditório, o ten. cel. José Hipólito Trigueirinho, Comandante da Escola, proferiu as seguintes palavras:

*"A Suécia deu à Humanidade figuras da estatura mental e moral de Gustavo Vaza, Gustavo Adolfo e Lineu.*

*Vultos geniais, com o cérebro iluminado de saber, cobriram-se de glórias nas ciências, nas letras e nas artes; e conquistaram, para aquêlo país nórdico, lugar privilegiado no domínio da cultura. Edificaram, como prova material, uma civilização que é modelo em realizações progressistas, em equilíbrio, em proporcionalidade, em elevação espiritual, em organização social.*

*Nos domínios da Pedagogia e, muito particularmente da Pedagogia da Educação Física, a gloriosa Suécia realizou obra monumental.*

*Pedro Henrique Ling, o criador da Ginástica Sueca, foi mestre e gênio a um tempo.*

*Ideou um sistema de cultura física para sua pátria, o qual acabou conquistando o mundo civilizado. E não se*

deu por fatigado, enquanto não viu seu ideal alicerçado em bases sólidas.

E essas bases lá estão fincadas naquele monumento de Ideal e de Ciência, que é o "Real Instituto Central de Ginástica", de Estocolmo, hoje, sem favor, dos maiores e mais autorizados institutos da fisicultura moderna.

A obra e o espírito de Ling continuam, orientando as sucessivas gerações suecas.

Grandes mestres, como o capitão Liljégren, o Comandante Krag, e o professor Lindberg, Christiansen, Kurt Johanson e outros seguem a escola deixada pelo imortal criador da Ginástica Sueca.

Neste instante de rara felicidade, tenho a honra e o prazer de apresentar a este seletto e culto auditório um autêntico e autorizado continuador da obra de Ling, o senhor major Joseph G. Thulin, que irá abordar assunto de sua especialidade predileta.

O major Thulin é um mestre na alta expressão do vocábulo, cuja autoridade lhe advém não só do saber, senão também da longa experiência.

Catedrático e diretor da Escola de Educação Física, de Lund; autor de numerosos trabalhos, dentre os quais a notável obra "Tratado de Ginástica", vertida para vários idiomas; colaborador destacado da *II Lingíada*, onde apresentou valiosos trabalhos; presidente de honra do Conselho Administrativo do Congresso Mundial de Ginástica de 1949; presidente da Federação Internacional de Ginástica Sueca, é bem uma das mais altas expressões da cultura física do nosso século.

Sua linda e alva cabeleira, que cobre seus 76 janeiros, contrasta com a

energia e o bom humor de insigne fisicultor, que, enfrentando os riscos e emoções de uma travessia aérea sobre a vastidão do Mar do Norte e do Oceano Atlântico, vem trazer-nos a tocha viva de seu ideal — A GINÁSTICA SUECA — numa reafirmação objetiva de quanto pode a Fisicultura, servida pelo Ideal.

A Escola de Educação Física da Força Pública, amparada pelo comandante geral, exmo. sr. coronel Euryale de Jesus Zerbini, e a Associação dos Professores de Educação Física do Estado de São Paulo, aqui representada pelo seu presidente, professor Moacyr Daiuto, que patrocinou esta reunião, sentem-se ufanos e honrados ao receber tão insigne mestre, a quem saúdam calorosa e fraternalmente e para quem pedem dos presentes uma calorosa e vibrante salva de palmas de BÓAS VINDAS!"

A seguir, o major prof. Thulin agradeceu as palavras com que o ten. cel. Trigueirinho se referiu a sua pessoa e pronunciou interessante conferência, subordinada ao tema:—

"A GINÁSTICA SUÉCA E OUTRAS FORMAS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA OBRIGATÓRIA E VOLUNTÁRIA".

Leu, o major Josef Cottfried Thulin, a sua conferência em castelhano. Sua dicção não era perfeita, mas a contento do trabalho impunha-se pela segurança e profundidade dos conceitos. Começou com ligeiro esboço histórico sobre a ginástica grega e seu esplendor; abordou as *Lingíadas* e seu crescente desenvolvimento; classificou a ginástica em voluntária e obrigatória, sendo esta a ginástica dos currículos escolares, e aquela a ginástica da mocidade para as Olimpíadas e demais práticas espontâ-

nes; tratou da ginástica de massa ou de multidões; encareceu a necessidade de ser organizada em todo o mundo a Federação Internacional de Ginástica de Ling, quase grande realidade atualmente; apontou o Congresso Mundial de Ginástica, a realizar-se, em agosto de 1953, em Constantinopla, na Turquia, como oportunidade ótima para medidas de maior incentivo das práticas físicas e desportivas.

Dentro daquelas divisões, ainda falou de outras subdivisões como a ginástica recreativa, ginástica de escritório, ginástica de artesões e ginástica militar, esta para fortalecer o organismo em geral e dar flexibilidade indispensável ao

cumprimento dos demais treinamentos militares. Falando por fim, da necessidade das Associações Ginásticas e dos Congressos de Educação Física, na América do Sul.

Finda a conferência, foram exibidos três filmes muito interessantes, um fixando exibições da I Lingíada e outros dois sobre a II Lingíada. Todos três mostravam, claramente, o alto índice de desenvolvimento físico dos países participantes e especialmente dos suecos.

Foi, sem dúvida, uma grande novidade para a educação física, a de 14 de julho do corrente ano, vivida no "Ginásio Cap. Delfim Balancier", célula primaz da cultura física, nas terras de Santa Cruz.

—:—

CONFECÇÃO ESMERADA DE CAMISAS, PIJAMAS, CUECAS, ETC.

CORTE E ACABAMENTO IMPECAVEIS

Manufatura de Roupas Carelli Ltda.

RUA AUGUSTA, 646 — TELEFONE. 34-4420 — SÃO PAULO

# No CLUBE XV, de Santos



(Gentileza de "A GAZETA")

Realizou-se, na noite de 15 de junho, em Santos, a cerimônia da abertura do Curso de Aperfeiçoamento Pedagógico, promovido pelo Departamento de Educação Física do Estado.

A aula inaugural, ministrada em sessão solene pelo professor Erlindo Salzano, vice-governador do Estado, versou sobre educação física e a necessidade dos governos ampararem uma das grandes causas para a educação do nosso povo, que é a "educação pelo movimento".

Ao ato estiveram presentes o professor Lino de Matos, secretário de Educação, que também representava o sr. governador Lucas Nogueira Garcez, o major Barbosa Leite, diretor da divisão de

educação física do Ministério da Educação e Saúde, o dr. Joaquim Alcaide Valls, Prefeito Municipal da vizinha cidade, o dr. Arthur Alcaide Valls, diretor do Departamento de Educação Física do Estado, o ten. cel. Hipólito Trigueirinho, diretor da Escola de Educação Física da Fôrça Pública, outras autoridades e pessoas gradas.

Durante a sessão solene falaram ainda o Prefeito Municipal de Santos, o diretor do Departamento de Educação Física e o professor Lino de Matos.

Na ocasião foram apresentados os professores que ministrarão as aulas do curso inaugurado.

O clichê fixa um aspecto da mesa que presidiu a aula inaugural.



## Campeonato de bas- quete e voleibol da Fôrça Pública

Ilustração do al. of. Irai Catalano  
Clichês cedidos gentilmente por "A GA-  
ZETA ESPORTIVA".

A temporada esportiva da Fôrça Pública do corrente ano teve início em agosto com um Campeonato de Esportes Coletivos (Bola ao Cesto



Uma fase do "match" de cestobol entre oficiais do R.C. e do 7.º B.C.



#### ABERTURA DOS CAMPEONATOS

Grupos das autoridades presentes (ao alto) e outros dos correntes do primeiro jogo de bola ao cesto

• Voleibol,) para o círculos de oficiais e sargentos. Unidades da Capital e do Interior mediram forças em cotelhos por vêzes sensacionais.

No dia 1º. de agosto, no estádio da avenida Cruzeiro do Sul, presentes

o cel. Euryale de Jesus Zerbini, Comandante Geral, cel. João de Oliveira Mélo, chefe do E. M., altas patentes da Fôrça PPública, cap. Silvio de Magalhães Padilha, diretor do Departamento de Esportes, ten. cel. dr.

Artur Alcaide Valls, diretor do Departamento de Educação Física do Estado, cel. Arlindo Pinto Nunes, presidente da Federação Paulista de Atletismo, representantes da Associação dos Professores de Educação Física, de Clubes e Entidades, da Imprensa e pessoas gradadas, foi aberto solenemente o campeonato. Mais de duas centenas de atletas se perfilaram em continência às autoridades. Proferiram o juramento desportivo e ergueram hosanas ao Brasil, sob a égide da cultura física. Depois, ao comando do major Arrisson de Souza Ferraz, fiscal da Escola de Educação Física, desfilaram garbosa e garridamente, em honra às autoridades ali presentes e aos altos expoentes dos esportes.

Terminado o cerimonial, teve início o calendário de jôgo, em quatro chaves distintas, duas para oficiais e duas para sargentos. Houve choques empolgantes, pugnas notáveis, em ambas as modalidades desportivas, que trouxeram assistência e as torcidas eletrizadas. Em bola ao cesto, no círculo dos sargentos, os jogos mais emocionantes foram entre o Corpo de Bombeiros, Batalhão Policial e Quartel General. O Batalhão Policial, com uma rapaziada jovem, vibrante e aguerrida, pôs em perigo o favoritismo do Corpo de Bombeiros, perdendo para êste, na partida decisiva, pela diferença de 3 pontos (19 x 16), em tempos de 15 x 15. Em voleibol, sargentos do Corpo de Bombeiros, do 1.º de Caçadores e do Quartel General foram as equipes principais do certame, mas êste ano, o «Herói das Chamas» não encontrou um 1.º B.C. aguerrido,

como na temporada de 1950, e venceu autoritariamente a sua chave.

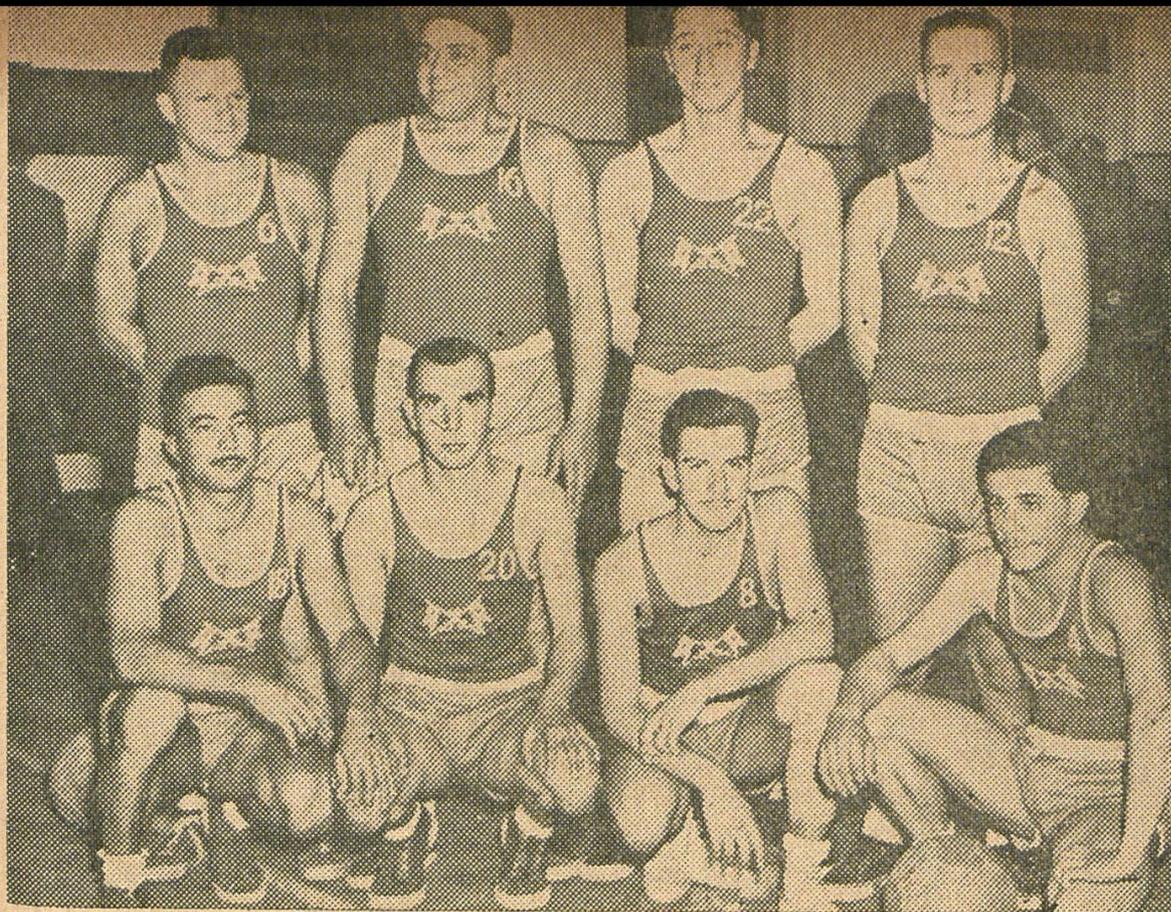
No círculo de oficiais, em bola ao cesto, o Regimento de Cavalaria, com notável exibição, após um primeiro tempo equilibrado, levou de vencida a equipe do Quartel General, constituída de grandes valores. Corpo de Bombeiros e Centro de Formação e Aperfeiçoamento dividiram entre si as honras das 3.a e 4.a classificações, respectivamente. Já em voleibol o time do Quartel General foi absoluto, vencendo a chave com altos méritos, seguido do Corpo de Bombeiros, Centro de Formação e Aperfeiçoamento e Regimento de Cavalaria.

O Corpo de Bombeiros sagrou-se campeão do círculo de sargentos, em voleibol e bola ao cesto. Os veteranos comandados de Onofre Fava merecem citação especial; pela nona vez conquistaram o alto galardão de campeões de voleibol da Força Pública e, pela quarta vez, o de basquete. A equipe recebeu dois lindos troféus e medalhas individuais.

O Quartel General, como campeão de voleibol e vice-campeão de basquete, recebeu expressivo troféu e medalhas. É uma equipe que merece louvores e serve de exemplo para a oficialidade jovem. Djanir e Gianico retrataram a tese de que os anos passam, mas os esportistas superam os anos.

A garrida rapaziada do Regimento de Cavalaria foi um colosso. Fêz jus à bela taça e às lindas medalhas que receberam ao som de calorosas palmas.

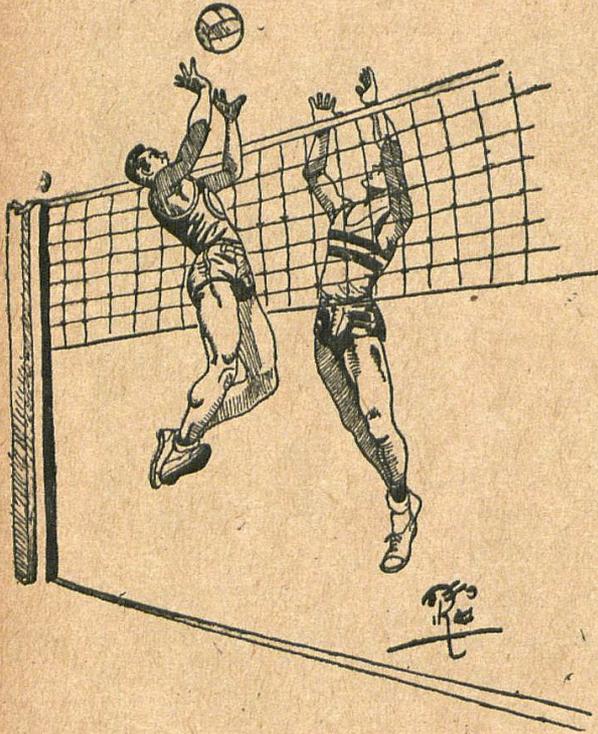
Os quadros campeões e vice-campeões são os seguintes:—



QUADRO DE OFICIAIS DO REGIMENTO DE CAVALARIA  
— Campeão de bola ao cesto e voleibol —



QUADRO DE OFICIAIS DO QUARTEL GENERAL  
— Vice-campeão de bola ao cesto —



#### VOLEIBOL — OFICIAIS

**Campeão** - QUARTEL GENE-  
RAL: — ten. cel. Alfredo Condeixa  
Filho, cap. Francisco Etoze Gianico,  
Djanir Caldas, Delfim Cerqueira Ne-  
ves, Milton Ciriaco de Carvalho, 1.ºs  
tens. Antônio Sampaio, Francisco A.  
Bianco Júnior e Irani Bernardino Ri-  
beiro.

**Vice-campeão** - CORPO DE-  
BOMBEIROS: — cap. Dagoberto  
Veltri, Jaime dos Santos, tens. Caro-  
lino Xavier de Oliveira, Clovis de  
Melo, João Bidim, Sinésio de Olivei-  
ra, José da Cunha Caldeira, asp. Pau-  
lo A. Figueiredo e Moacir F. Braga.

#### VOLEIBOL — SARGENTOS

**Campeão** - CORPO DE BOM-  
BEIROS: — sub-ten. Onofre Fava,  
sgts. Eduardo dos Santos, Pacômio  
Dimas de Melo, Fernando Guima-  
rães Struk, Guilherme Silva Filho,  
Antônio da Silva, Laponésio Batista  
e José Garcia Filho.

**Vice-Campeão** — 1.º B.C.: sub-  
ten. Horácio Mendes, sgts. Mário Jo-  
sé Vitoriano Filho, Orlando Inocên-  
cio de Camargo, Joaquim Antunes de  
Paula, Darci dos Santos Guedes, Má-  
rio Macedo de Oliveira, Luiz Gomes  
Maziero e José dos Santos.

#### BOLA AO CESTO — OFICIAIS

**Campeão** — REGIMENTO DE  
CAVALARIA; tens. Roldão Noguei-  
ra de Lima, Bráulio Guimarães, Raul  
Humaitá Vila Nova, Edgar Ruzante,  
Mário Maximo de Carvalho, Wilson  
de Vasconcelos e José Gominho da  
Costa.

**Vice Campeão** — QUARTEL GE-  
NERAL; cap. Djanir Caldas, Fran-  
cisco Etoze Gianico, Milton Ciriaco  
de Carvalho, Delfim Cerqueira Ne-  
ves e tens. Félix de Barros Morga-  
do, Irani Bernardino Ribeiro, Antô-  
nio Sampaio, José Bueno da Silva.

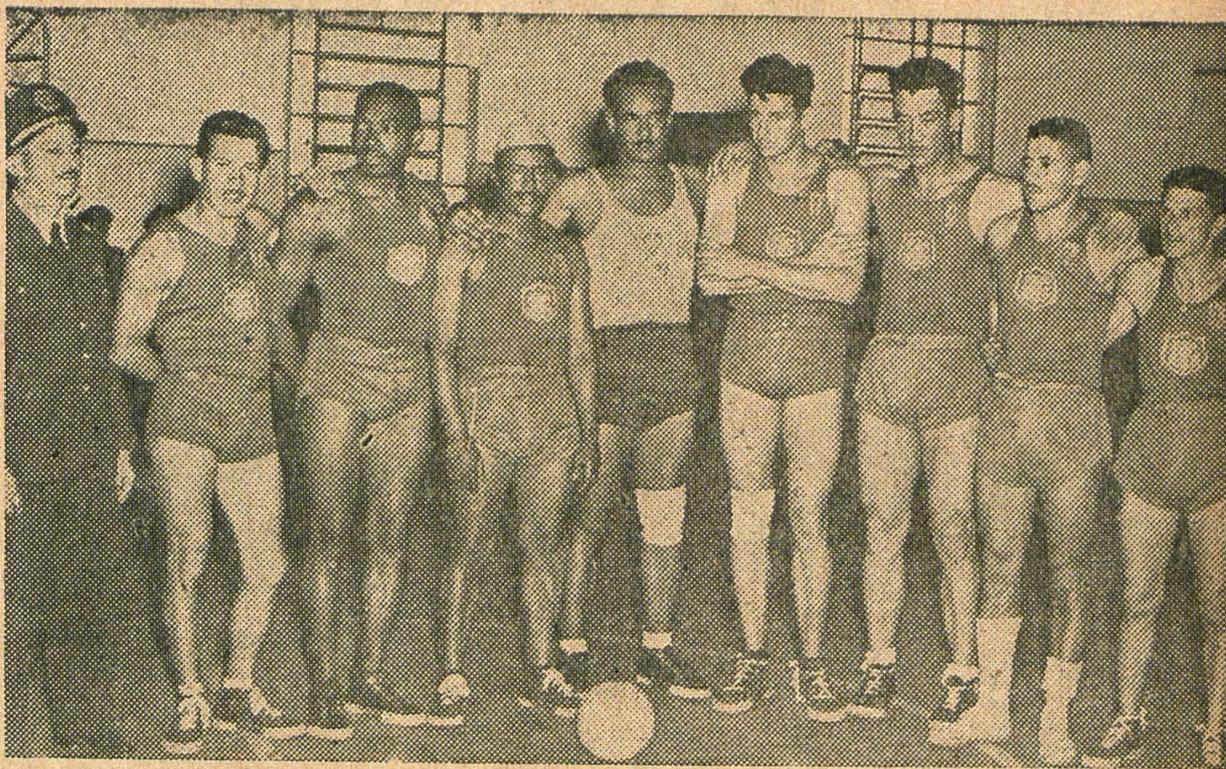
#### BOLA AO CESTO - SARGENTOS

**Campeão** — CORPO DE BOM-  
BEIROS; integrado por: sargento  
Antônio da Silva, subtens. Onofre  
Costa Moraes, Laponésio Batista de  
Paula, Boaventura de Souza, Pacô-  
mio Dimas de Melo e Fernando 'Gui-  
marães Struk.

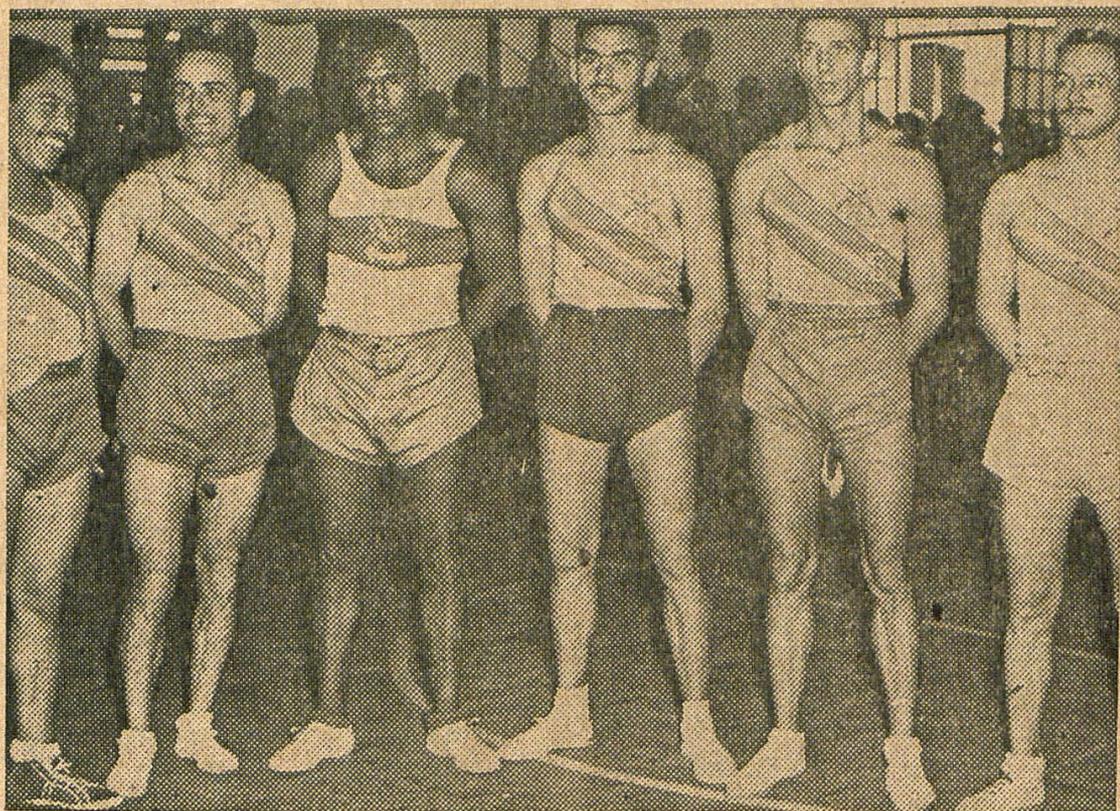
**Vice-Campeão** — BATALHÃO  
POLICIAL; Sargentos Benedito R.  
Filho, Milton Silvério, José Bernar-  
des dos Santos, Euclides Túbero,  
Luiz Aires de Oliveira, João Maia,  
Benedito Carneiro, Sebastião da Fon-  
seca, Manoel Domingues e Afonso  
Pinheiro.

Os jogos finais e encerramento  
se realizaram no Ginásio Delfim Ba-  
lancier, em belíssima solenidade. Pre-  
sidiu-a o cel. Jesus Zerbini e estive-  
ram presentes Comandantes de Uni-  
dades, o Diretor Geral de Instrução,

(continua à página 91)



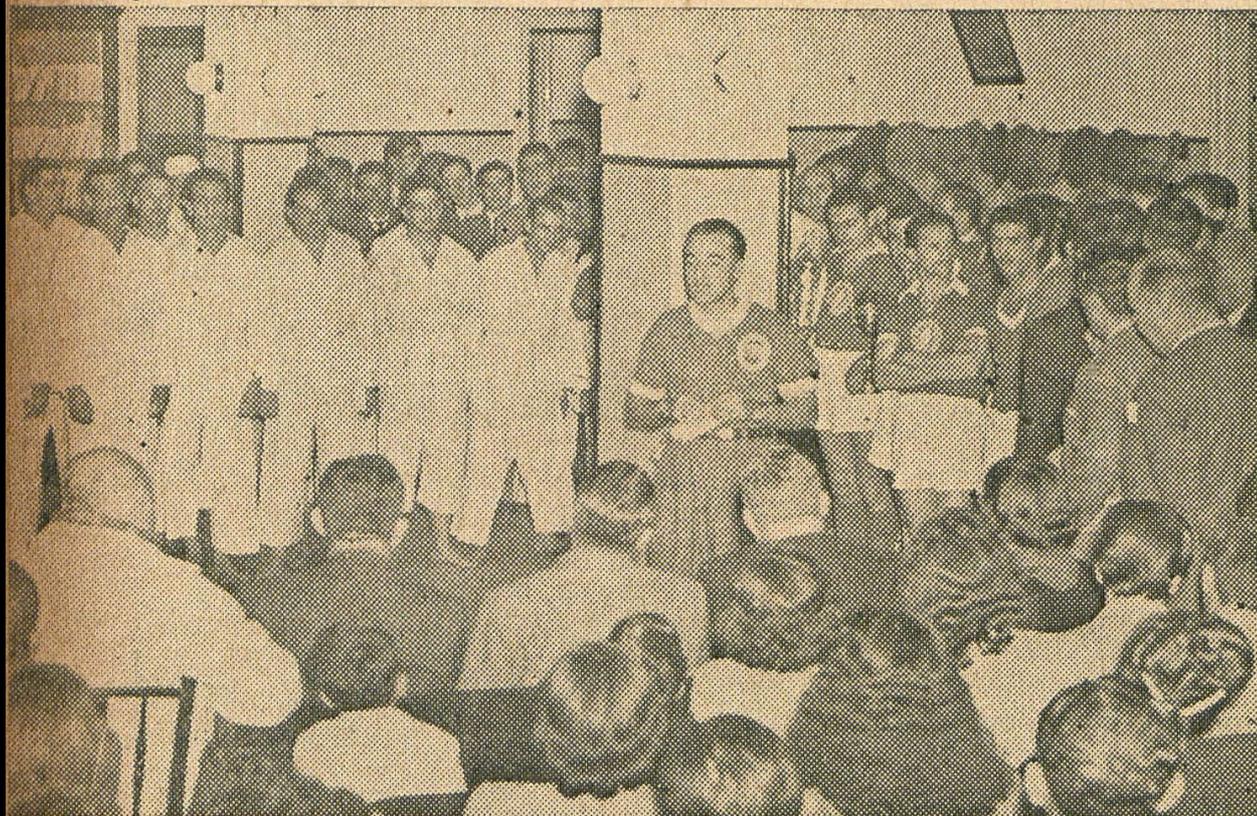
QUADRO DE SARGENTOS DO CORPO DE BOMBEIROS  
— Campeão de bola ao cesto —



QUADRO DE SARGENTOS DO 1.º B.C.  
— Vice-campeão de bola ao cesto e voleibol —

# MELHORANDO SEMPRE

Intensifica-se no DOPS a prática de esportes de ataque e defesa



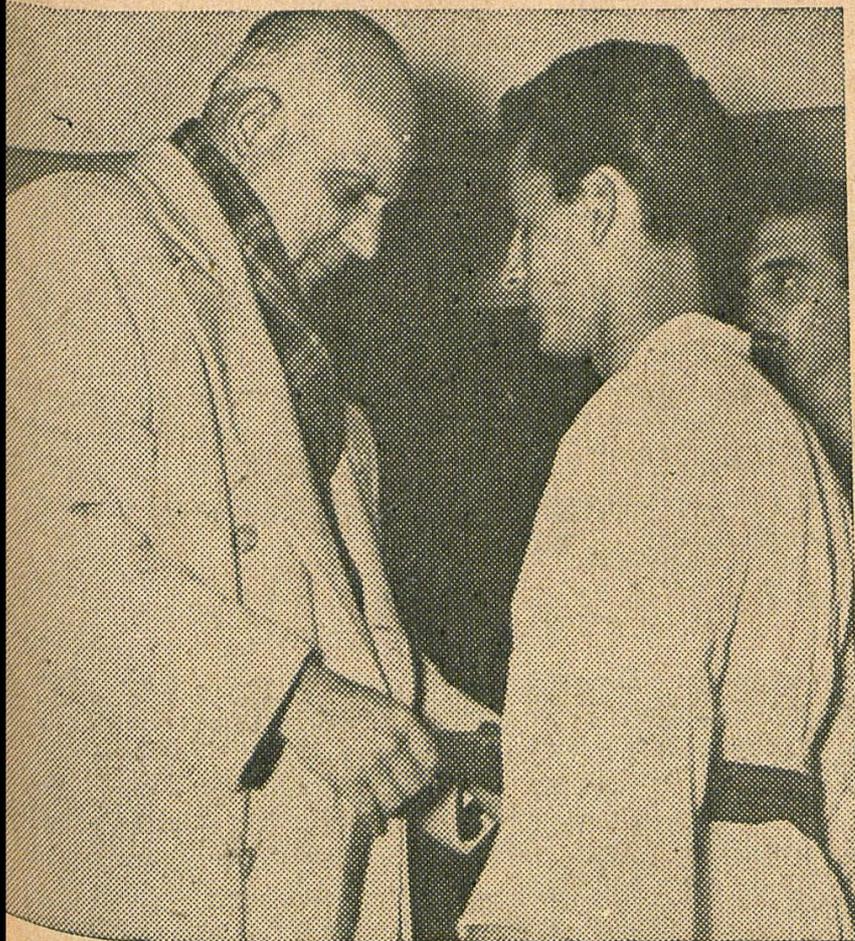
Perante autoridades policiais e inúmeros convidados, a primeira turma de investigadores do DOPS recebe a "faixa vermelha". É d'êste ato o detalhe fotográfico que estampamos.

A polícia civil de São Paulo, tal como a militar, não descarta o preparo dos seus homens para o bom desempenho da árdua e espinhosa missão que lhes compete.

Ainda recentemente o dr. Manoel Ribeiro da Luz, diretor do Departamento de Ordem Política e Social, restabeleceu a prática do «jiu-jitsu» e da defesa pessoal por parte

dos investigadores que lhe são subordinados, a fim de poderem, sem o emprêgo de armas, enfrentar e desarmar qualquer malfeitor e isto porque o lema da polícia paulista é: não usar a arma a não ser em casos extremos.

A primeira turma da escola que é dirigida pelo sr. Dorny Leal Moreira, também investigador, recebeu



O dr. Brito Alvarenga, diretor de Polícia Técnica, entregando a primeira faixa ao investigador Eduardo J. B. Alvarenga

a «faixa vermelha» no dia 6 de julho, à noite, perante numerosa e seleta assistência e destacadas autoridades.

Além do delegado, dr. Nicolau Mário Centola, receberam a faixa simbólica os seguintes investigadores: Nicanor Pereira de Castro, Wil-delayres dos Santos, Eduardo José Fuina Alvarenga, Luiz Alegretti, Pedro Alves de Oliveira, Acácio Francisco Castilho, Mário Moreti, Oscar Medeiros, Luiz Gonzaga Vasconcelos, Mário Alves Badaró, Ulisses José de Oliveira e Moriti Silva.

Após a cerimônia foram realizadas demonstrações de levantamento de peso e de «jiu-jitsu», tôdas muito aplaudidas.

— :: —

## Campeonato de basquete e voleibol...

cel. José Ribamar de Miranda, representações esportivas, oficialidade, famílias e imprensa. O Comandante da Escola, ten. cel. José Hipólito Trigueirinho, iniciando a cerimônia, leu o histórico da competição, dos seus resultados e proclamou os novos campeões, depois do que foram entregues os troféu e medalhas. Cada nome chamado era calorosamente aplaudido.

Falou, encerrando a cerimônia, o cel. Zerbini, que se congratulou

(continuação da página 88)

com as unidades vencedoras, saudou os novos campeões de voleibol e bola ao cesto da Fôrça Pública e louvou o trabalho e a dedicação da Escola de Educação Física, na organização e supervisão das grandes jornadas que estava encerrando. Finalizou mostrando a sua crença na educação física, como fator de educação do corpo e do espírito.

# A Fôrça Pública na "Corrida da Fogueira"

OBTEVE A MILÍCIA PAULISTA OS PRIMEIROS LUGARES DAS "CLASSES ARMADAS" E "FÔRÇAS AUXILIARES", ALÉM DO TÍTULO DE ENTIDADE "TRI-CAMPEÃ" DA PROVA.



Êste ano, mais uma vez, a Fôrça Pública participou da maior prova do pedestrianismo carioca, a "CORRIDA DA FOGUEIRA", realizada na Capital Federal, na noite de 23 de junho, véspera de São João, tão comemorada na Capital da República.

Estiveram presentes, para maior brilho da prova, os melhores clubes ou associações, unidades das classes armadas de diversos estados, além de alguns dos melhores fundistas sul-americanos.

A prova foi disputada com grande brilhantismo e grande entusiasmo ani-

mou os atletas que, pelo seu preparo, se empregaram a fundo, fazendo vibrar a numerosa assistência que calorosamente os aplaudiu.

Obtivemos na prova a seguinte classificação individual:

2.º lugar - sd. Luiz Gonzaga Rodrigues, da E.E.F.; 5.º lugar - sd. Laudionor Rodrigues da Silva, da E.E.F.; 10.º lugar - sd. Floriano Avelino Cordeiro, da E.E.F.; 17.º lugar - cabo Joaquim Gonçalves da Silva, da E.E.F.; 37.º lugar - cabo Paulo Sebastião, do Pel. Motc.; 38.º lugar - cabo Lino Rosa Gaia, do Ctg. do Q.G.; 45.º lugar - sd. Benedito de Andrade, do 5.º B.C.; 115.º lugar - cabo Luiz Bento Ramos, da E.E.F.

Com estas classificações individuais logramos coletivamente os títulos de: 1.º lugar "CLASSES ARMADAS" de qualquer categoria; e também o 1.º lugar das "FÔRÇAS AUXILIARES",

além do título de entidade "TRI-CAMPEÃ" da prova.

O atleta Luiz Gonzaga Rodrigues, em confronto direto com o fundista internacional Juan Gau, mostrou, ainda desta feita, a sua alta classe, constituindo-se no ponto altô da equipe miliciana.

Manteve, a equipe chefiada pelo ten. Fernando Thiele de Figueiredo, instrutor de atletismo da Escola de Educação Física, as notáveis "performances" conseguidas nos anos anteriores, pela representação da Fôrça Pública, sabendo elevar, mais uma vez, o renome e as tradições, da centenária corporação, que tem grande responsabilidade na atual situação promissora do desporto Nacional.

O clichê fixa a equipe que nos representou, chefiada pelo ten. Thiele de Figueiredo, auxiliado pelo 2.º sgt. Jorge de Melo Furlanetto, treinador e massagista da equipe.

—:—

## "Revista de la Policia Boliviana"

Mantemos intercâmbio com esta publicação e aceitamos pedidos de assinaturas:

Por 3 números — Cr\$ 15,00

Por 6 números — Cr\$ 25,00

Pedidos à Gerência de "MILITIA"

# Recepção a entidades hípicas, no R. C.

Realizou-se no R.C., dia 19 de agosto, uma recepção a destacados elementos do hipismo nacional, que se encontravam em São Paulo, representando suas entidades na seleção de valores que devem ir aos Estados Unidos e Canadá, a fim de competir, em nome do Brasil, no grande certame internacional a se efetuar em novembro do corrente ano, naqueles países.

Compareceram ao coquetel os representantes do hipismo carioca (Federação Carioca de Hipismo e Confederação Brasileira de Hipismo), além dos oficiais do E.B. e os srs. Jaime Lourei-

ro Filho, presidente da S.H.P. e Raul Henrique Longo, do C.H.S.A.

O cel. Orlando Eduardo Silva, presidente do Departamento de Desportos do Exército e que chefiava a representação hípica do E.B., após externar suas ótimas impressões sobre as eliminatórias realizadas, agradeceu a cooperação técnica e cavalheiresca com que se houveram no Júri os cel. Cândido Bravo e major Hugo Bradaschia, "cuja imparcialidade ficou ressaltada nas provas em que competiram cavaleiros da Fôrça Pública de São Paulo, não se furtando a apresentar falhas, mesmo quando



em prejuízo dos oficiais do Regimento de Cavalaria, pois só tiveram em mira uma alta representação hípica, para bem elevar o nome da Pátria no estrangeiro”.

A seguir como lembrança de sua atuação receberam os cel. Bravo e major Bradaschia, entre calorosas salvas de palmas, duas medalhas e duas flâmulas, do D.D.E.

Agradecendo a visita e as honrarias de que foi alvo, respondeu, em vibrante improviso, o cel. Bravo, afirmando sua convicção de que “o cel. João Franco Pontes é o maior dos cavaleiros nacionais, julgando não ter nesse merecido destaque, sido levado pela amizade que nos une desde quando, instrutor e instruindo na Vila Militar, no Rio de Janeiro”. Trocaram-se, então, brindes à vitória hípica do Brasil nos Estados Unidos, encerrando-se assim a festividade que satisfez plenamente os presentes.

Nas provas até então feitas para a seleção se classificaram para as finais no

Distrito Federal os cap. Renildo Ferreira, cap. Fernando Henrique da Silva e major Eloi Menezes, (respectivamente 1.º, 2.º e 3.º lugar).

O cap. Fernando, que apresentamos na fotografia ilustrativa destas páginas, num belo salto com “Boogie”, na S.H.P., classificou-se no Rio de Janeiro, fazendo parte, portanto, da seleção nacional que competirá com os cavaleiros do México (campeões olímpicos), Canadá, U.S.A., Itália, França, Argentina, Grã Bretanha, Irlanda e Chile, no “International Horse Show”, no qual o Brasil tomará parte pela primeira vez.

À equipe que representará o Brasil e, de modo particular ao cap. Fernando H. Silva, “Militia” faz votos de brilhante atuação no “Madison Square Garden” (New-York), em Harrisburg (Pensilvânia), e em Toronto (Canadá), elevando assim o nome do hipismo brasileiro e o prestígio do R.C., da Fôrça Pública e de São Paulo, que vem, há longos anos, se salientando nos meios esportivos.



PARA VEREADOR,  
Cap. Accacio  
Rangel de França  
pelo povo e por  
S. Paulo

Cédulas: Rua do Carmo, 491

# Legislação Administração Jurisprudência

*C. w. J. Arimathea Nascimento*

## **Adição — Cargo vago**

Em consulta formulada pelo Comando do 5.º B.C. o Comando Geral declarou:

considerando que essa adição determina o afastamento definitivo do oficial da Unidade de origem, estando, pois, catalogada no § 1.º do art. 421 do RISG, não resta dúvida que a vaga somente poderá ser nessa Unidade e não na em que o oficial passou a servir. BG 39, de 20-II-51.

## **Banda de Música — Regulamento**

Aprova o regulamento do Corpo Musical da F.P. Dec. 20.261-E, de 29-I-51, anexo ao BG 32, de 12-II-51.

## **Banda de Música — Contrato para tocatas**

Estabelece as bases para contratos de tocatas pelas bandas da Fôrça, os preços para os diversos conjuntos, a divisão e distribuição proporcional de porcentagens etc. BG 22, de 29-I-51.

## **Bens patrimoniais — Remessa de alterações**

As Unidades remetam aos órgãos provedores um exemplar de seus boletins regimentais em que haja referência ou alteração com material e não cópia dos itens desses boletins. BG 7, de 10-I-51.

## **Biblioteca Arquivo e Museu — Extinção**

Tendo o Comando verificado que as atribuições da BAM são mais eficiente-

mente desempenhadas pelas Unidades Administrativas da Fôrça, resolve extinguir a BAM do QG. Os livros existentes na BAM serão distribuídos às bibliotecas regimentais, selecionando os assuntos que mais interessem às diversas unidades. Serão devolvidos aos Corpos e Serviços os arquivos deles oriundos. Sejam doados ao Museu Ypiranga, onde será criada uma sala em homenagem a esta Corporação, os documentos históricos, quadros e demais relíquias existentes no Museu ora extinto. BG 15, de 19-I-51.

## **Caixa Beneficente — Regulamento**

Aprova o Regulamento da Caixa Beneficente — Dec. 19.942, de 13-XI-50, publicado em anexo ao BG n.º 4, de 5-I-51.

## **Canil — Organização**

Tendo em vista a necessidade do serviço policial, resolve organizar um canil de pastores alemães nesta Fôrça, ficando o mesmo anexo, provisoriamente, ao QG -II-EM, com a denominação de S-2. Estabelece as atribuições do chefe da S-2, que em resumo são as seguintes: a - adestrar os cães, tendo em mira o emprego dos mesmos no policiamento geral, nas buscas e apreensões, nas guardas etc; b - preparar tecnicamente o pessoal necessário ao adestramento dos cães; c - manter intercâmbio com a Sociedade Protetora de Cães Pastores Alemães e o Kenel Club de S. Paulo. BG 41, 22-II-51.

### **Cerimonial do Governo do Estado**

O BG 33, de 13-II-51 publica em anexo o Dec. 20.279, de 30-I-51, que aprova o cerimonial do Governo do Estado.

### **Concorrência pública**

As despesas cujo montante sejam superiores a Cr\$ 150.000,00, só poderão ser feitas com prévia concorrência pública. BG 36, de 16-II-51.

### **Contratos — Aprovação do Governo**

Dependem de autorização do Governador, exarada no respectivo processo, os contratos de fornecimento ou de locação de coisa de valor superior a Cr\$ 300.000,00. Lei 892, de 13-XII-50. BG 8, de 11-I-51.

### **Destacamento especial de Campos de Jordão**

Estando em construção em Campos de Jordão diversas obras de finalidade assistencial para oficiais e praças em geral, em terreno do Estado, posto à disposição do Clube Militar, determino que o pessoal das diversas unidades ali empenhado constitua um destacamento especial.

Os vencimentos e outras vantagens pecuniárias devidas ao pessoal do destacamento serão sacados em folha especial, para pagamento por intermédio do respectivo comandante.

Os componentes do destacamento, exceto os alistados a título precário, perceberão o acréscimo de 20% sobre os vencimentos, de acôrdo com o CVV, art. 60, sem direito ao abono previsto no art. 51, "b". Quando em diligência, os elementos perceberão as diárias correspondentes de acôrdo com o art. 55 do mesmo Código. Seguem-se outras instruções a respeito. BG 8, de 11-I-51.

### **Mobilização — Remessa de boletins**

As unidades remetam diariamente ao Serviço de Mobilização um exemplar do Bol. Reg. em que haja alterações de pessoal, material e animais, bem como todos os documentos que interessem ao S.Mob. Tais documentos deverão ser enviados em caráter "secreto" ao Cmt. da unidade do E.B. a qual estiver associada a Secção Mob. incumbida dos encargos de mobilização da unidade da Fôrça. BG 12, de 16-I-51.

### **Promoção — Interstício**

Fica reduzido à metade o tempo mínimo de interstício a que estão sujeitos, para promoção, os oficiais dos diversos quadros da Fôrça, nos casos em que não haja oficiais habilitados com a totalidade de interstício. Dec. 20.157-A, de 31-XII-50. BG 6, de 9-I-51.

### **Promoção e reforma**

Os subtenentes, sargentos ajudantes e primeiros sargentos, que tenham mais de 25 anos de serviço, ao serem reformados a pedido, serão promovidos ao pôsto de 2.º tenente, com todos os vencimentos desse posto. Terão o mesmo direito aqueles que se reformaram posteriormente a 14-III-47, data da instalação da Assembléia Constituinte Paulista. Os que contarem mais de 20 anos de serviço e forem reformados compulsoriamente ou por inválidos, terão esses mesmos direitos. Lei 957, de 29-I-51.

### **Readmissão de praças**

Atendendo ao grande número de vagas de praças existentes nesta Fôrça, ficam adotadas novas normas para a readmissão das que foram excluídas de suas fileiras. BG 44, de 26-II-51.

### **Serviço de Transportes e Manutenção — Regulamento**

O Bol. Geral n.º 256, de 17-XI-50 publica em anexo as Instruções Provisórias para o funcionamento do S.T.M. Essas Instruções constam de 34 artigos que estabelecem a finalidade do Serviço a sua organização, normas para o reparo de viaturas, o fornecimento de gasolina etc.

### **Serviço de Saúde — Unidade Administrativa**

O Serviço de Saúde passa a constituir uma Unidade Administrativa, devendo ser instalado o respectivo CA e, em consequência, seja dissolvido o CA do HM. Consigna ainda a organização provisória o SS.

### **Tempo de serviço em dôbro**

O tempo de serviço contado em dôbro e correspondente ao período de licença-prêmio não gozada, concedida a oficial e praça da Fôrça Pública do Estado, deve

ser computada para efeito de percepção da 6.a parte dos vencimentos, tendo em vista o disposto no art. 1.º, § único e art. 4.º do Decreto-lei n.º 16550-46 e arts 98 e 107 da Constituição do Estado de 9-VII-47. BG 234, de 19-X-50.

#### Tempo de Serviço — Ficha de contagem

O oficial ou praça que desejar reformar ou obter a 6.a parte dos vencimentos deverá requerer ao sr. Governador do Estado, por intermédio de sua unidade, não sendo necessário requerer título de liquidação de tempo de serviço, preliminarmente, como vem sendo feito até agora. A unidade encaminhará o requerimento ao Cmdo. Geral, devidamente informado, anexando a ficha de contagem de tempo em uma via apenas. Tratando-se de reforma "ex-officio", a unidade ao solicitar essa providência, deverá juntar a ficha de contagem de tempo. No caso de já haver sido expedido título ao interessado, com tempo suficiente para reformar ou obter a 6.a parte, a unidade não deverá juntar ficha de contagem de tempo. Na informação esclarecerá esse pormenor, citando o número do título. Publica o

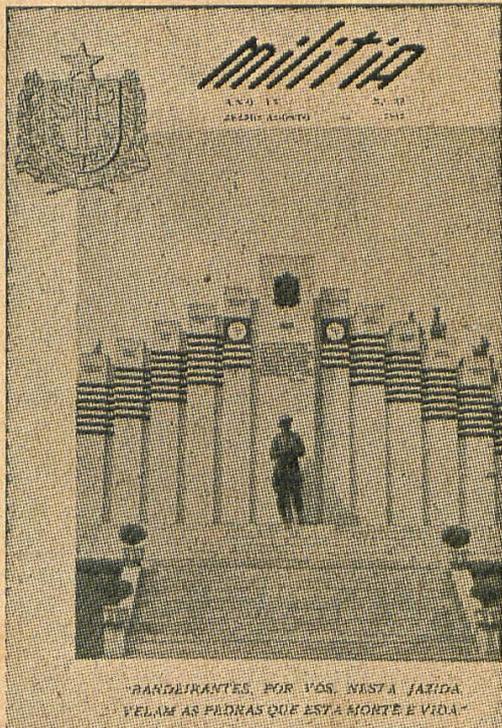
modelo da Ficha de Contagem de Tempo e as normas para o preenchimento. BG 250, de 9-XI-50.

#### Tratamento de elementos licenciados

Os elementos licenciados que se encontrarem em tratamento devem comparecer a F.S.R. ou aos Ambulatórios do H.M. para exames periódicos e aplicação de curativos, injeções ou qualquer tratamento recomendado pela J.M.S. ou pelos próprios médicos das unidades. No caso do licenciado achar-se acamado, o Chefe da F.S.R. solicitará que o comandante da unidade determine os dias em que deverá visitá-lo em sua residência de acordo com sua proposta. BG 220, de 2-X-50.

#### Vantagem do posto ou graduação superior

Os militares que forem ou vierem a ser reformados por invalidez para o serviço ativo, causada por lepra, tuberculose ozena, ou pêfigo foliáceo, terão direito às vantagens do posto ou graduação imediatamente superior, a partir da data desta lei. Lei 938, de 4-I-51.



**Nossa capa**

**Detalhe do mausoléu erigido em Campinas, aos heróis Constitucionalistas de 1932.**

# militia

Revista de assuntos técnicos, policiais,  
militares e culturais em geral.

PROPRIEDADE DO CLUBE MILITAR DA FORÇA PÚBLICA  
DE SÃO PAULO

Redação e Administração:

RUA ALFREDO MAIA N.º 106

externo ..... 34-6488

interno ..... 142

SÃO PAULO, S. P. ————— Brasil

ANO IV

JULHO/AGOSTO DE 1951

N.º 23

**DIRETOR GERAL** ..... cel. José Anchieta Torres

**DIRETOR RESPONSÁVEL E**

**REDATOR-CHEFE:** — ..... cap. Milton Marques de Oliveira

**SECRETARIO** · — ..... 1.º ten. Miguel M. Sendin

**GERENTE** : — ..... cap. Francisco Vieira Fonseca

**TESOUREIRO** : — ..... cap. Manoel Pereira da Silva

**REDADORES :**

- major mons. Paulo A. Cavalheiro Freire
- cap. Francisco Vieira Fonseca
- cap. Bento Barros Ferraz
- 1.º ten. Paulo Monte Serrat Filho
- 1.º ten. Felix de Barros Morgado
- 1.º ten. Iraní Paraná do Brasil
- 1.º ten. Miguel M. Sendin
- 2.º ten. Hildebrando Chagas da Silva

**ILUSTRAÇÃO E FOTOGRAFIA :**

- 1.º ten. Felix Barros Morgado
- al. of. Iraí Vieira Catalano
- Sgt. João Tancler

**ASSINATURAS :**

Por 6 números ..... Cr\$ 25,00

Por 3 números ..... Cr\$ 15,00

Número avulso ..... Cr\$ 5,00

**AOS COLABORADORES E LEITORES**

- \* A colaboração nesta revista é franca a todos; porém, não será possível a publicação de trabalhos político-partidários ou religioso-sectários, os quais não se enquadram em seu programa.
- \* Tõda a matéria deve ser datilografada com espaço duplo, num só lado do papel, não devendo ultrapassar doze páginas de papel almasso. Os desenhos e esquemas ilustrativos referentes aos trabalhos deverão ser feitos a nanquim, sôbre cartolina ou papel branco forte.
- \* Os originais não serão devolvidos, mesmo quando não publicados, nem mantemos correspondência sôbre a sua publicação.
- \* A Revista não assume responsabilidade por conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.

\* Desejamos estabelecer permuta

\* Deseamos establecer el cambio

\* Desideriamo stabilire cambio

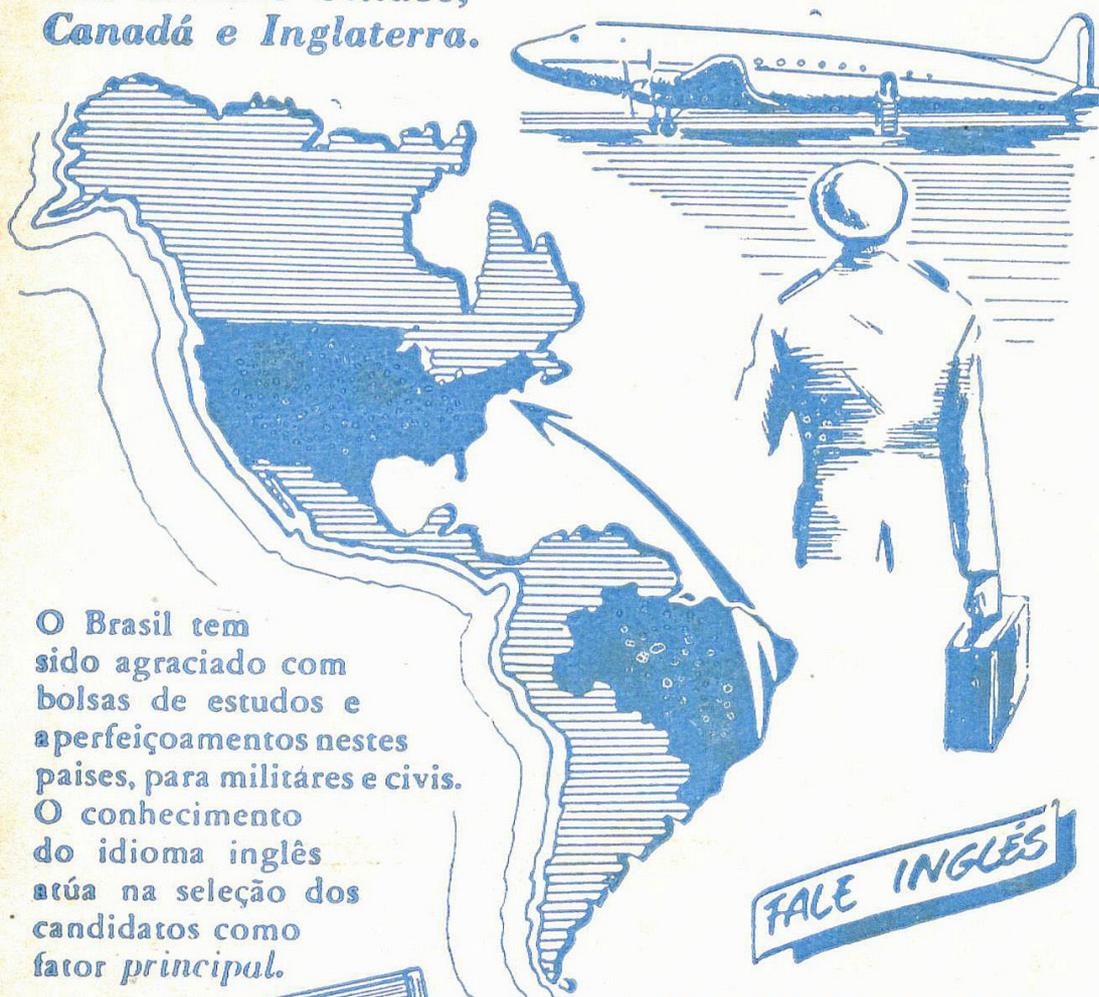
\* On désire établir échange

\* We wish to establish exchange

\* Austausch erwünscht

# OPORTUNIDADE AOS QUE FALAM INGLÊS

*Cursos militares  
nos Estados Unidos,  
Canadá e Inglaterra.*



O Brasil tem sido agraciado com bolsas de estudos e aperfeiçoamentos nestes países, para militares e civis. O conhecimento do idioma inglês atua na seleção dos candidatos como fator principal.

**FALÉ INGLÊS**

SEJA UM DOS CANDIDATOS  
QUANDO VOCÊ FALAR INGLÊS

CURSO COMPLETO

CR\$ **350,00**

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS: DE DISCOS RCA VICTOR

**CASSIO MUNIZ S. A.**

IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO

Praça da República, 309 - São Paulo